

# Convivência (des)ligada

Relações Interpessoais na Era Digital



Sílvia Raquel Vieira Reis

Leiria, setembro 2017

Dissertação de Mestrado em Mediação e Intervenção Social

Orientador: Professor Doutor Ricardo Manuel das Neves Vieira



Convivência (des)ligada  
Relações Interpessoais na Era Digital

Dissertação de Mestrado

Sílvia Raquel Vieira Reis

Trabalho realizado sob a orientação de:

Professor Doutor Ricardo Manuel das Neves Vieira

Leiria, setembro 2017

Mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

## AGRADECIMENTOS

A construção de uma tarefa com a complexidade e exigência inerentes à elaboração de uma dissertação de mestrado não é possível sem a ajuda e suporte de muitos. Apesar de ser um processo marcado pela capacidade de autoria, mesmo nos momentos de maior solidão não estive só, aqueles que são ou foram importantes para mim e me ajudaram a construir o meu sentido de competência e valor, estão sempre presentes e são uma fonte de inspiração e de segurança fundamentais para não perder o equilíbrio.

Antes de mais, quero agradecer ao meu orientador, o Professor Ricardo Vieira, por toda a paciência que teve comigo, por toda a sapiência que me transmitiu, desde a minha licenciatura até hoje, um professor que me espanta e me faz ser exigente comigo mesma. Obrigada!

À Sandra, à Vanessa e à Teresa pela motivação e apoio. Foi extremamente importante para mim. Obrigada mesmo por estarem sempre aí/aqui.

Aos três jovens que entrevistei, o “Daniel”, o “Carlos” e o “Bruno”. Aos jovens da escola que permitiram que os observasse e falasse com eles.

Ao diretor da escola secundária Engenheiro Acácio Calazans Duarte, Cesário Silva, que autorizou a minha permanência dentro dos portões da escola.

Ao meu irmão Manuel. És muito especial para mim!

Ao João, pela tua calma e paciência. Por te maneres sempre ao meu lado.

Ao meu filho, o Rodrigo, por ter aturado a mãe mais stressada do mundo e arredores. Obrigada por existires!

## RESUMO

As relações interpessoais entre crianças e entre jovens são fundamentais para um desenvolvimento saudável e hospitaleiro. A interação face-a-face requer o desenvolvimento de capacidades distintas das usadas quando estamos *online*, pois aqui as emoções são expressas por bonecos (*emojis*) ou outros símbolos.

No contexto mundial atual, as distâncias já não têm o significado que tinham, pois as fronteiras são, hoje, muitas vezes, meras formas simbólicas e sociais.

Assistimos, hoje, a grandes transformações quanto à forma como são vistas as relações de convivência, onde a sociedade de consumo, com todas as suas características do descartável, do desgaste e da substituição rápida de produtos, se compara necessariamente com as relações sociais, o que causa um certo desligamento relativo à forma como se criam laços relacionais uns com os outros.

A finalidade desta dissertação centra-se na compreensão deste tema, tendo em conta a perspectiva dos jovens e como eles se veem como nativos digitais, habitando entre os pares, também nativos, e os pais, imigrantes digitais, possibilitando a comunicação entre eles. Construir pontes para que os dois mundos se encontrem irá, de alguma forma, possibilitar o diálogo e uma melhor percepção relativa ao que se desconhece, à partida.

Com a elaboração de um trabalho de campo com observação direta participante, com jovens/alunos numa escola, em contexto exterior à mesma, entre os 15-18 anos, pretendi, de uma forma holística, aceder ao quotidiano destes jovens, comparando as suas formas de comunicar, ser e estar, e, claro, as estratégias de convivência privilegiadas na escola e fora da escola.

**Palavras-chave:** convivência, Era Digital, identidades, imigrantes digitais, literacias, nativos digitais, relações interpessoais.

## ABSTRACT

Interpersonal relations in children and teenagers are essential for a healthy and hospitable development. The interaction face-to-face requires a different capacities development than the ones needed to be used online, because in this case the emotions are expressed with emoji and other symbols.

Worldwide in today's context, distance hasn't the same meaning than before, because the borders are nowadays merely symbolic and social forms.

We attend today to great changes in how acquaintanceships are seen, where a consuming society with all the disposable characteristics like waste and rapid replacement of products can necessarily be equated to social relations which causes a certain disconnection in the way bonds are created with one another.

The main goal of this dissertation is based on the comprehension of this theme in the youngster's perspective and how they see themselves as digital natives inhabiting with other natives and with their parents digital immigrants in a way that'll easy the communication between them all. Building bridges to connect the two worlds making the dialogue possible and improving the perception of the unknown.

With the elaboration of a field work in a direct participant observation with young students in a school between 15 and 18 years old had the holistic purpose of accessing their daily ways of communicating living together and their acquaintanceships privileged strategies in and outside school.

**Key-words:** acquaintanceships, digital Era, digital immigrants, digital natives, identities, literacies, interpersonal relations.

# ÍNDICE

AGRADECIMENTOS .....	ii
RESUMO .....	iii
ABSTRACT .....	iv
INTRODUÇÃO .....	1
1. ANTECEDENTES E MOTIVAÇÕES .....	1
2. SUPOSIÇÕES APRIORÍSTICAS E CONSTRUÇÃO DA PROBLEMÁTICA .....	2
3. PRINCIPAIS PERSPETIVAS TEÓRICAS .....	5
4. UNIVERSO E OBJETO DE ESTUDO .....	7
5. ESTRUTURA DO TRABALHO .....	8
CAPÍTULO 1 .....	11
MUNDO DIGITAL: CONVIVÊNCIA ENTRE NATIVOS .....	11
1.1 AS “NOVAS” TECNOLOGIAS.....	11
1.1.2 CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA .....	12
1.2 NATIVOS DIGITAIS.....	14
1.2.1 IDENTIDADES SOCIAIS E/OU DIGITAIS.....	15
1.2.2 – (CIBER)CONVIVÊNCIAS .....	17
CAPÍTULO 2 .....	20
GERAÇÃO Z: TRANSIÇÕES E PERSPETIVAS .....	20
2.1 OS JOVENS E AS NOVAS LITERACIAS .....	20
2.1.2 A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO .....	22
2.2 AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS.....	24
2.2.1 VIRTUAL VS. CONVENCIONAL.....	26
2.2.2 NOVO PARADIGMA .....	26
2.2.3 GERAÇÕES: PERSPETIVAS E CONFLITOS .....	28
2.3 MEDIAÇÃO INTERCULTURAL.....	30
CAPÍTULO 3 .....	35
A METODOLOGIA .....	35
3.1 PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS DO ESTUDO DOS JOVENS.....	35
3.2 O CAMINHO PERCORRIDO ... ..	37
CAPÍTULO 4 .....	42
JOVENS NA ESCOLA E PARA ALÉM DA ESCOLA:.....	42
ESPAÇOS E MODOS DE CONVIVÊNCIA NA ERA DIGITAL.....	42
4.1. A ESCOLA .....	42

4.2. <i>OS SUJEITOS DA PESQUISA</i> .....	43
4.3. <i>CRUZAMENTO DE PERCEÇÕES SOBRE A ESCOLA COMO LUGAR SOCIAL</i> .....	44
.....	44
4.4. <i>APONTAMENTOS DE UM DIÁRIO DE BORDO</i> .....	44
4.5. <i>CONVERSAS INFORMAIS</i> .....	48
CAPÍTULO 5 .....	52
CASOS BIOGRÁFICOS E ANÁLISE COMPARATIVA .....	52
5.1 <i>O CASO DO DANIEL: A CRÍTICA AO DUALISMO REAL VS. VIRTUAL</i> .....	52
5.2 <i>O CASO DO CARLOS: O EU AMBIVALENTE</i> .....	56
5.3 <i>O CASO DO BRUNO: LIVRE DA REDE</i> .....	58
CONCLUSÃO .....	61
BIBLIOGRAFIA .....	68
WEBGRAFIA.....	73
APÊNDICES .....	74

## ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 – Entrada da escola.....	42
Imagem 2 – Espaço exterior dentro da escola.....	44

## ÍNDICE DE APÊNDICES

Apêndices.....	742
Apêndice 1A – Guião da entrevista exploratória feita com o Daniel .....	75
Apêndice 1B – Guião da entrevista semiestruturada feita com o Carlos .....	76
Apêndice 1C – Guião da entrevista semiestruturada feita com o Bruno.....	77
Apêndice 2A – Transcrição da entrevista exploratória feita ao Daniel.....	78
Apêndice 2B – Transcrição da entrevista semiestruturada feita ao Carlos .....	90
Apêndice 2C – Transcrição da entrevista semiestruturada feita ao Bruno.....	103
Apêndice 3 – Sinopse comparativa das entrevistas com o Daniel, o Carlos e o Bruno .....	109

# INTRODUÇÃO

## 1. ANTECEDENTES E MOTIVAÇÕES

Considerei<sup>1</sup> abordar esta temática após um estágio curricular realizado no Lar de Santa Isabel em Leiria, entre os anos 2013 e 2014, realizado através da minha licenciatura em Serviço Social. Aqui convivi com crianças e jovens do sexo feminino em contexto de Lar de Infância e Juventude. Essa convivência ao longo do meu estágio permitiu-me o pensamento e posterior reflexão em relação a algumas situações e comportamentos destas crianças e jovens e que presenciei no lar relativamente ao facto de darem demasiada importância ao uso de tecnologias em detrimento das relações interpessoais que mantinham entre elas e que fui observando atentamente. Fizeram emergir em mim questões que foram ganhando forma e desforma e que me motivaram para a investigação que se seguiu. Vi despertar em mim a vontade de estudar o tema das relações interpessoais dos jovens na Era Digital apesar de, apenas ter sido explorado na problemática do meu relatório de estágio de licenciatura de uma forma que considerei bastante limitada e reduzida, tendo em conta o espaço reservado para a investigação num relatório dessa natureza. Mas aguicei o apetite e ficou a vontade de, posterior e oportunamente, desenvolver e aprofundar esta minha inquietação.

Algumas situações a que fui assistindo nesse meu estágio, em que as crianças/ jovens conversavam mais e melhor no *chat* do *facebook* do que quando estavam juntas, levaram-me a pensar que este poderia ser um bom ponto de partida para a questão: seremos diferentes quando estamos a comunicar diretamente com o outro em comparação a quando estamos “escondidos” atrás do computador pois permite-nos ter uma reação e expressão completamente oposta ao que poderemos estar a escrever e a partilhar na internet?

---

<sup>1</sup>Este estudo, como se verá, inscreve-se num paradigma compreensivo e interpretativo de cariz etnográfico (ver capítulo 3), pelo que considera como sujeitos os elementos do seu universo de estudo dando-lhes voz que é transcrita na primeira pessoa; de igual modo, de acordo com o método etnográfico, a investigadora escreve na primeira pessoa do singular: (Vieira R. , 1999), (Hammersley & Atkinson, 1994), “...o facto de se escrever na primeira pessoa do singular não significa, necessariamente, que o texto deva ser intimista. Deve significar, simplesmente, que o autor não deve se esconder sistematicamente sob a capa de um observador impessoal, coletivo, omnipresente e omniconsciente, valendo-se da primeira pessoa do plural: nós.” (Cardoso de Oliveira, 1998, p. 30).

A investigação e pesquisa que fiz no decorrer desse estágio foram algo dificultadas pelo facto de existirem diversos sítios na internet que contêm informação pertinente mas poucos serem considerados documentos e estudos científicos ou publicações existentes no contexto português, não sendo, assim, uma pesquisa fácil de fundamentar, nem de seleccionar, o que considerava realmente importante para este estudo. O livro que me acompanhou e inspirou desde o início desta investigação foi “Alone Together” de Sherry Turkle<sup>2</sup>, que mostra a perspectiva desta autora, e que, ao longo da minha leitura, fui percebendo ser algo pessimista e receosa, relativamente ao futuro do homem digital e da forma como cria mais expectativas em relação às tecnologias do que em relação a si mesmo e aos outros enquanto seres humanos. Segundo a autora, o ser humano vai deixando, cada vez mais, de parte a sua humanidade para ser apenas um ser digital desligando-se gradualmente do que o distingue das máquinas, os sentimentos, as emoções, a preocupação com os outros, o respeito, valores que se aprendem na convivência, à medida que as tecnologias evoluem e nos substituem. Relativamente a essa evolução exacerbada das tecnologias, as pessoas sentem necessidade de se adaptar ao contexto, ou seja, para não se sentirem excluídas estas têm que se envolver nas tecnologias mas, ao se deixarem encantar, podem correr o risco de perderem a sua essência humana. Pensar num futuro assim pode ser assustador... mas não improvável.

## 2. SUPOSIÇÕES APRIORÍSTICAS E CONSTRUÇÃO DA PROBLEMÁTICA

A minha intenção, ao iniciar este estudo, era perceber a perspectiva dos jovens nativos digitais relativamente aos seus comportamentos e relações com os outros e como se viam numa era não-analógica. Tendo em conta as limitações de tempo e espaço

---

<sup>2</sup> Sherry Turkle (Nova Iorque, 18 de junho de 1948) é professora *Abby Rockefeller Mauzé* de Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia no MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), onde é, também, fundadora e diretora do *Initiative on Technology and the Self*. Tirou doutoramento em Sociologia e Psicologia da Personalidade na Universidade de Harvard e realiza pesquisas sobre psicanálise e interação humano-tecnológica. Há três décadas que estuda a forma como as tecnologias móveis, as redes sociais e as robóticas têm transformado o trabalho, a família e a identidade. Escreveu diversos livros sobre a transformação das relações humanas na cultura digital, relevando a forma como as pessoas se relacionam com os objetos tecnológicos, entre eles, *The Second Self* (1984), *Life on the Screen* (1995), *Alone Together* (2011) e *Reclaiming Conversation* (2015). Vários textos da Professora Turkle já apareceram em publicações como *The New York Times*, *Scientific American* e *Wired Magazine*. Também surge como comentadora da CBS, a NBC, a ABC, a CNN, a BBC e a NPR, incluindo aparições em programas como *Nightline*, *Frontline* e *20/20*, onde explana sobre os efeitos sociais e psicológicos da tecnologia. <http://alonetogetherbook.com/?p=3> (consultado em 28/12/2016)

colocadas aquando da minha licenciatura, sabia que seria possível realizar, apenas, uma investigação mais imediatista com estas crianças e jovens do Lar onde estagiei.

Assim, com o mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, vi proporcionar-se a possibilidade de investigar de uma forma mais aprofundada esta temática. O objeto de estudo deixou de ser apenas no feminino e em contexto de instituição, alargando-se, agora, a jovens de ambos os sexos do ensino secundário de uma escola secundária e com idades entre os 15 e os 18 anos. Esta temática, de onde emergem novas literacias como a literacia digital<sup>3</sup> e novos conceitos como, por exemplo, o “*phubbing*”, que significa ignorar os outros por se estar ao telemóvel, normalmente nas redes sociais é bastante atual e pouco explorada a partir do ponto vista dos jovens. Este fenómeno, que se pode verificar com vasta regularidade, bastando para isso estarmos num centro comercial e olharmos à volta para nos apercebermos da quantidade de pessoas que o praticam, ocorre entre os denominados “*phubbers*”. (Stopphubbing).

São diversos os autores que se dedicam ao estudo da cibercultura<sup>4</sup> e da literacia digital, tais como Pierre Lévy (2000), Susana Henriques (2011)<sup>5</sup>, Castells (2005), Sartori (2000), etc., os quais irei explorar ao longo deste trabalho e que realçam que o quotidiano das crianças e jovens é atualmente habitado por um mundo mais digital do que analógico, onde as transformações criadas pelas representações de convivência dos jovens e as alterações na formação de relações de amizade, de proximidade, de intimidade, nas interações com os pares, são inevitavelmente debatidas. Vale a pena refletir sobre o que diz Maria Assumpta Coimbra (2010) a propósito desta afirmação:

“...é a situação cada vez mais vivenciada pelos denominados «cosmopolitas domésticos», isto é, cidadãos do ciberespaço, pessoas que experimentam o mundo sem sair dos seus lares domésticos. E ainda a condição rotulada como síndrome «*hikikomori*» no Japão, caracterizado pela hipercomunicação tecnológica e pelo afastamento físico imediato, em que os adolescentes substituem convívio e a comunicação física com a família pelos entretenimentos virtuais.” (Coimbra, 2010, p. 35)

---

<sup>3</sup> Ver capítulo 2.

<sup>4</sup> A cibercultura emerge do ciberespaço, um meio que se desenvolve a partir das interconexões entre as pessoas no espaço cibernético (Lévy, 2000).

<sup>5</sup> <http://cies.iscte-iul.pt/publicacoes/ficha.jsp?pkid=3518> (consultado a 19/07/2017).

Neste contexto, será que a afetividade entre as pessoas está a diminuir? Ficará esta geração da era digital (Geração Z<sup>6</sup>) menos humanizada ou sensibilizada para a convivência? Como é que os jovens demonstram as suas emoções para com os seus pares? Estas são algumas das questões orientadoras que me acompanharam ao longo de toda a investigação para o meu mestrado e que pretendi ver pensadas e interpretadas pelos próprios jovens como demonstro ao longo desta dissertação.

Turkle (2011) revela também na sua obra, um novo tipo de solidão, em que o próprio título, *Alone Together*, realça a ideia de que estamos todos conectados mas sós, e que somos um grupo de solitários que cria mais expectativas em relação às emoções e sensações que as tecnologias lhes podem proporcionar e não investe tanto nas relações diretas, que serão mais exigentes. Assim, e segundo esta autora, numa sociedade onde o tempo é tão precioso, nem as relações face a face escapam à necessidade impaciente de criar inúmeras ligações, mesmo que frágeis e instantâneas.

Sendo considerado habitual, por parte de um número significativo de jovens estar sempre *online*, o que exclui quem não está, aceder às tecnologias também cria, efetivamente, desigualdades e exclusão entre os jovens. A própria escola faz muito do acompanhamento fora das aulas pela internet através do moodle e da troca de *e-mails* entre professores e alunos. Assim sendo, a internet é, cada vez mais, uma ferramenta essencial de trabalho, na escola, no apoio ao estudo, à realização e apresentação de trabalhos escolares e quem não a tem pode sentir-se excluído ou ser excluído pelos outros, seja pelo seu grupo de pares ou até mesmo pela própria escola. E se todo o tipo de convivência é social, seja ela digital ou não, quando se fala em exclusão digital, infoexclusão, etc., automaticamente é de exclusão social que se trata.

Em síntese, o que pretendo na minha investigação é a procura da perspetiva dos jovens relativamente às representações de convivência numa posição intra e intergeracional e se as perspetivas teóricas contemporâneas alusivas ao tema se reconhecem, se estranham, ou se, simplesmente, se complementam. Nesta linha, pretendo contribuir para a produção de conhecimento sobre a visão dos jovens relativamente às sociabilidades e ao uso das novas tecnologias da comunicação.

---

<sup>6</sup> Segundo Levenfus (2002), a Geração Z compreende os nascidos a partir de 1993 e a letra Z refere-se ao seu comportamento de Zapear, ou seja, passar de um dispositivo para outro, ou mesmo sobrepondo-os, a televisão, a internet, o vídeo, o telefone, sem se deter em praticamente nenhum.

Efetivamente é difícil encontrar estudos que vão para além de considerar os jovens a partir de uma perspetiva exterior ou imigrante. Os estudos mais frequentes que encontrei sobre a relação interpessoal entre jovens desenvolvem-se essencialmente no Brasil e, grosso modo, são específicos sobre determinado contexto físico da escola, como, por exemplo, as novas literacias e as bibliotecas. Em Portugal não encontrei estudos relativos à convivência entre os jovens nativos da era digital que foquem o ponto de vista dos mesmos, “The Native’s Point of View”, como lhe chama Clifford Geertz (1979), obra que exploro no capítulo 3.

A obra que mais se aproxima do meu paradigma investigativo, (Faria & Vieira, 2016), é o livro coordenado por Miranda, “Psicologia dos Comportamentos *Online*” (Miranda (org.), 2015), o qual dá visibilidade ao terreno e ao trabalho de campo realizado com os próprios sujeitos estudados. Dá-lhes voz, portanto, algo que também procuro no estudo que aqui apresento. Foi, também, na leitura deste que contactei, pela primeira vez, com alguns conceitos e perspetivas que me levaram a refletir e recuar na minha forma de pensar relativamente ao negativismo existente nas leituras anteriores que fiz. A construção e reconstrução da estrutura da minha investigação foram algo recorrente e complexo.

### 3. PRINCIPAIS PERSPETIVAS TEÓRICAS<sup>7</sup>

Vários autores sobre os quais me debruço nos capítulos 1 e 2 consideram que a convivência proporcionada pelas relações interpessoais é essencial para um desenvolvimento saudável da criança/ jovem. Assim, as relações interpessoais reveem-se na interação existente entre as pessoas, nas várias ações, como falar, ouvir, observar, dar feedback, que se dão de forma mais ou menos organizada e estruturada, dependendo dos vários contextos e exigências do meio. Essa interação *face-to-face* requer o desenvolvimento de capacidades que não são necessárias quando estamos *online*, pois aqui as emoções são expressas por bonecos (*emojis*) ou outros caracteres e mais dificilmente sentidas de forma profunda e prolongada. Citando Bronfenbrenner (1990), as crianças e jovens institucionalizadas precisam de interagir efetivamente com pessoas, objetos, símbolos e com um mundo externo acolhedor (Bronfenbrenner, 1990).

---

<sup>7</sup> Enuncio aqui apenas tópicos que serão desenvolvidos em espaço específico mais à frente.

Existem também, imensos estudos que demonstram que o uso excessivo das tecnologias pode tornar-se uma obsessão perigosa, o que é facto é que a culpa é do Homem, que se permite ser comandado por um mundo aliciante e perfeito mas irreal porque de facto está-se só. Algo defendido pela autora Sherry Turkle, que questiona, na sua obra “*Alone Together*”: será esta uma nova forma de solidão? (Turkle, *Alone Together*, 2011).

No entanto, no nosso contexto, o português, talvez não seja tão dramático, tendo em conta algumas exceções, a verdade é que, hoje em dia, os jovens continuam principalmente a privilegiar o contacto direto e a estar presentes com o seu grupo de pares. Discussão que apresento mais à frente nos Capítulos 4 e 5.

Outras questões também foram ganhando forma e sentido para mim ao longo do desenrolar desta investigação, das quais destaco as seguintes:

- 1 – Estarão os jovens da Era Digital a perder o tato humano, a sua humanidade?
- 2 – Vivemos hoje as relações de forma mais descartável?
- 3 - O homem digital será um homem mais desumano do que o homem pré-digital?
- 4 - Linguagem não-verbal vai perder-se ou deixar de ser interpretável?
- 5 – Estarão os jovens nativos digitais a perder a capacidade de encarar os outros face-a-face?

Estas foram algumas das perguntas que foram surgindo ao longo das muitas leituras que fiz relativamente ao tema das relações interpessoais na Era Digital e das quais pretendi saber respostas mas vindas diretamente do objeto que é estudado, os jovens nativos. E foi o que fiz, de forma mais ou menos estruturada com três entrevistas a três jovens, uma entrevista exploratória e duas entrevistas semiestruturadas, e de forma mais informal em entrevistas como conversa, em ambiente escolar, nos corredores, no bar, etc.

#### 4. UNIVERSO E OBJETO DE ESTUDO

Os sujeitos do meu estudo são jovens entre os 15 e os 18 anos a frequentarem o ensino secundário de uma escola secundária sito na Marinha Grande, e um jovem de 18 anos que já ingressara no ensino universitário, que tinha feito o ensino secundário na escola secundária onde realizei este estudo, e ao qual recorri para a realização de uma entrevista exploratória<sup>8</sup>, no sentido de evitar uma visão etnocêntrica, de escapar a leituras desnecessárias e levantar posteriores questões desapropriadas e que apenas levariam a um desgaste escusado de energia e tempo. Assim, este tipo de entrevista foi essencial para clarificar o meu objetivo e torná-lo pertinente e assertivo, para realizar o pretendido, ou seja, a compreensão do “outro”, diferente de mim. Situada numa posição entre a minha bagagem intelectual e o que provém da riqueza da diversidade do que a perspetiva do outro trouxe, num lugar de fronteira entre o investigador e o investigado (Vieira R. , 2011), (Caria, 2003), recorri a este jovem com a vantagem deste já conhecer o ambiente da mesma escola secundária, por um lado e, por outro lado, ter já um certo distanciamento intelectual e físico para objetivar esta especificidade de convivência dos jovens com a literacia multimédia.

Por tudo isso e porque estava consciente do distanciamento relativamente ao meu objeto de estudo de que estava munida, aquando do início desta jornada senti a necessidade de uma entrevista deste tipo, que me desse abertura necessária para poder compreender e dialogar com o discurso e as perguntas adequados, evitando, assim, que esta distância pudesse enviesar todo este processo de investigação. Esta entrevista exploratória foi, também, fundamental pois permitiu conduzir toda a minha investigação para um paradigma interpretativo e compreensivo<sup>9</sup> como já referido, usando esta entrevista como ferramenta de apoio para as entrevistas como conversa<sup>10</sup> (Burgess, 1984), que aconteceram ao longo de todo o trabalho de campo que realizei na escola e espaços circundantes, e também para as entrevistas semiestruturadas que oferecem ao entrevistado alguma liberdade no desenvolvimento das respostas que concede e permite ao entrevistador encaminhá-las na direção que considere adequada ao pretendido, sem

---

<sup>8</sup> Quivy e Campenhoudt (Quivy & Campenhoudt, 2005), na obra “Manual de Investigação em Ciências Sociais, referem que “as entrevistas exploratórias têm como função principal revelar determinados aspetos do fenómeno estudado em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo e, assim, completar as pistas de trabalho sugeridas pelas suas leituras” (p. 69).

<sup>9</sup> O qual explanarei mais aprofundadamente no capítulo 3, da metodologia.

<sup>10</sup> Ver também o capítulo 3.

que a arrogância se imponha, permitindo uma exploração dos aspetos mais relevantes de forma mais flexível e aberta (Quivy & Campenhout, 2005), realizadas a dois dos jovens que estudavam naquela escola.

## 5. ESTRUTURA DO TRABALHO

Apresentada, a ideia geral da minha dissertação de mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social, passo agora a uma breve apresentação de cada capítulo.

O primeiro capítulo, intitulado “Mundo Digital: Convivência entre Nativos” apresenta uma breve resenha histórica relativamente ao surgimento da Internet, explora mais aprofundadamente os conceitos de convivência, identidades, nativos digitais, cibercultura, ciberespaço e mostra como toda a minha pesquisa se declinou, sendo que este foi sempre um percurso com bastantes encruzilhadas.

O capítulo dois, no sentido de complementar o capítulo precedente, pretende continuar a demonstrar o enquadramento teórico, aqui não tão generalizado mas mais direcionado para a problemática, a qual recai sobre as relações interpessoais na Era Digital e as questões que daí advêm, sendo importante relevar o emergir de novas literacias, de um novo paradigma, assente numa nova forma de comunicar trazida pelas redes sociais, novas formas de convivência sem que seja obrigatoriamente necessário estar pessoalmente com o outro. O tema é desenvolvido em contexto escolar e na dinâmica referente ao acesso às “novas” tecnologias e à forma como os jovens de uma escola secundária convivem e veem essa mesma convivência, levantando algumas questões e sugerindo possíveis dilemas. “Convivência (des)ligada”, o título que atribuí a esta dissertação, revela a convivência destes jovens num jogo *on/off*, onde se torna, para eles, irrelevante estar real ou virtualmente com os outros, desde que o convívio seja possível, não valorizando um em detrimento do outro mas, antes, considerando-os encadeados no sentido de se complementarem. Também incluí nesta investigação a questão das gerações e da forma como se previnem alguns conflitos compreendendo ambas as partes e construindo uma ponte que as liga e promove a livre circulação de informação, compreensão e reflexão sobre o que está do outro lado da ponte. Aqui se centra, inevitavelmente, a intensão de referir a importância da Mediação Intercultural e Intervenção Social, o mestrado onde a minha dissertação está inscrita.

Encontra-se no terceiro capítulo, a metodologia. Aqui apresento os métodos e técnicas que utilizei numa metodologia inserida num paradigma etnográfico, interpretativo e compreensivo, sem pretensões de comprovar o que quer que seja, nem de generalizar, partindo do princípio que os jovens são previsíveis e se refletem exatamente como os jovens, dos quais retirei as observações, as informações, as respostas necessárias para esta investigação. Apresento também neste capítulo a utilização de um diário de campo, que me acompanhou durante o trabalho etnográfico que realizei na escola, uma técnica essencial para poder registar tudo o que considerei pertinente e não perder dados importantes.

Chegando ao capítulo 4 depara-se com uma apresentação da escola, espaço onde realizei a minha pesquisa de campo, a identificação dos sujeitos dessa mesma pesquisa, numa descrição direcionada para o objetivo da investigação. Relevando neste ponto, a importância da escola como o entroncamento da diversidade de culturas, juventudes e jovens que percorrem e se cruzam por todos aqueles corredores. Sendo a escola, neste sentido, o espaço ideal para observar os comportamentos, as ações pertinentes para este estudo. Para além de toda essa observação, destaco também, as entrevistas como conversa que realizei, um resumo dos apontamentos, que considerei relevantes, retirados do diário de campo e as entrevistas semiestruturadas que realizei a dois dos jovens estudantes dessa escola.

No quinto capítulo é feita uma análise comparativa entre os três casos que apresento, o Daniel, o Carlos e o Bruno, recorrendo às principais questões que dão corpo a esta dissertação e interpretando as respostas dadas por estes jovens. Procurei também o comparar estas respostas com os autores que transporto para a minha revisão da literatura, com o objetivo de relacionar as minhas questões de partida com as respostas obtidas tendo em conta toda a fundamentação teórica também recolhida. Proporcionando, assim, a leitura das visões interna e externa relativas à Era Digital e às relações interpessoais no quotidiano destes jovens.

A conclusão desta dissertação assenta na última parte, onde, por fim, exponho a minha reflexão relativamente ao que observei, aprendi, apreendi e vivi desde o primeiro momento até à sua, tão aguardada, terminação escrita. Revisitando as questões iniciais e as respostas que obtive. Onde o produto deste difícil mas profícuo percurso é submetido

a um balanço, sempre com resultado positivo. Pois se a única forma de falhar é desistindo, tudo o resto é aprendizagem!

E, por último, a bibliografia e os apêndices, essenciais para a fundamentação e complemento de toda a informação contida nos capítulos anteriores.

# CAPÍTULO 1

## MUNDO DIGITAL: CONVIVÊNCIA ENTRE NATIVOS

Z. Bauman, o sociólogo que se dedicou a demonstrar quão fluída, líquida nas suas palavras e livros, é a sociedade pós-moderna, tanto em termos da família, como no amor, na modernidade, etc., é perentório em mostrar o seu olhar crítico sobre as relações sociais assentes num mundo digital:

“Os jovens que estão a nascer, a crescer e a amadurecer nesta transição do século XX para o século XXI também achariam familiar, talvez até óbvia, a descrição de Anthony Giddens do «relacionamento puro». O «relacionamento puro» tende a ser, nos dias de hoje, a forma predominante de convívio humano, no qual se entra «pelo que cada um pode ganhar» e se «continua apenas enquanto ambas as partes imaginam que estão a proporcionar satisfação suficiente para permanecerem na relação» (Bauman Z. , 2003, p. 117).

Convocando Giddens para a sua reflexão, Bauman sublinha que o atual «relacionamento puro»,

“ [...] não é como o casamento um dia foi, uma «condição natural» cuja durabilidade possa ser tomada como algo garantido, a não ser em circunstâncias extremas. É uma característica do relacionamento puro que ele possa ser rompido, mais ou menos a bel-prazer, por qualquer um dos parceiros e a qualquer momento. Para que uma relação seja mantida, é necessária a possibilidade de compromisso duradouro. Mas qualquer um que se comprometa sem reservas arrisca-se a um grande sofrimento no futuro, caso ele venha a ser dissolvido.” (Giddens, 1992, pp. 58, 137), *Cit in* (Bauman Z. , Amor Líquido, 2003, p. 117).

### 1.1 AS “NOVAS” TECNOLOGIAS

A Internet surge na década de 90 aprimorando-se até aos dias de hoje, velozmente, sendo talvez uma das criações do ser humano que este não compreende verdadeiramente. Esta é uma criação que evoluiu de forma descontrolada, tornando-se maior e mais complexa a cada segundo, o que dificulta o seu entendimento e acompanhamento. Com o surgimento possante de novas experiências sociais, de onde se destacam os novos usos do espaço público e as transformações nas formas de se relacionar e comunicar, veio comprovar-se que esta Era Digital agiliza as conexões entre as pessoas, no mais variado tipo de relações, sejam elas pessoais ou profissionais,

permitindo uma comunicação entre si nunca antes possível ou imaginada. Esta influência tecnológica, especialmente os dispositivos móveis e a internet, atinge vários aspetos da vida em sociedade, como confere o sociólogo Anthony Giddens<sup>11</sup>:

“...a disseminação da tecnologia da informação expandiu as possibilidades de contactos entre as pessoas ao redor do planeta” (Giddens, Sociologia, 2005).

Já Pierre Lévy (2000), que explora a cultura cibernética de uma forma mais centrada, menciona, no início do seu livro Ciberultura:

“...põe-se muitas vezes a questão do «impacto» das novas tecnologias da informação sobre a sociedade ou a cultura”, (Lévy, 2000, p. 21)

O filósofo e antropólogo considera inadequado o uso da palavra impacto, por se tratar de uma “metáfora balística”, como se as tecnologias viessem de outro planeta para ocupar este mundo, quando, pelo contrário, estas são criação do Homem e para seu usufruto. Assim, para ser referida a palavra impacto, a tecnologia teria que ser considerada como um fator externo que ataca a sociedade e causa prejuízos e danos e a cultura e a sociedade a algo vivo” (Lévy, 2000, p. 21). Comumente podem ser encontradas na literatura, discussões que tratam dos “impactos” da tecnologia, como forma de tratar das implicações, consequências, transformações e resultados gerados, direta ou indiretamente, por ela.

Apesar de todos os benefícios que a Era Digital nos trouxe, esta é igualmente contemplada com inúmeras questões relativas aos malefícios que acarreta. Toda a carga que as palavras que os descrevem suportam tem influência na interpretação que é feita e, conseqüentemente, nas suas representações (Lévy, 2000).

### *1.1.2 CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA*

Ao longo da leitura feita da obra de Lévy (2000), percebe-se uma visão a pender mais para o pessimista, onde o autor descreve o seu descontentamento quanto à forma como o ser humano vive no ciberespaço e como se insere numa ciberultura que desconhece

---

<sup>11</sup> <https://damas20162.files.wordpress.com/2016/08/giddens-anthony-sociologia.pdf>, consultado em 26/7/2017.

na sua totalidade e que considera na sua essência vazia, indiferente, sem conteúdo, não podendo deixar de convocar aqui Lipovetsky e a sua obra “A era do vazio” (2013),

“O momento pós-moderno é muito mais do que uma moda, revela o processo da indiferença pura na medida em que todos os gostos, todos os comportamentos, podem coabitar sem se excluírem, tudo pode ser escolhido conforme o gosto, tanto o mais operatório como o mais exotérico, tanto o novo como o antigo, a vida simples e ecológica e a vida híper-sofisticada, num tempo desvitalizado sem referências estáveis, sem coordenadas principais.” (p. 69).

São cada vez mais as pessoas ligadas à Internet e este crescimento frenético pode provocar um descontrolo inquietante, pois esta interligação acontece, grande parte das vezes, sem questionamentos ou conhecimento das reais consequências, boas ou más, que podem advir deste “entrar no escuro”. Teme-se, à partida, o desconhecido mas a curiosidade e a descoberta de algo novo seduz. E a realidade é que fazer parte da cibercultura é, hoje, fazer parte da cultura, do meio onde está inserido, de um contexto atual e o homem é um ser social, portanto é muito importante este sentir-se incluído, se achar que é necessário. Claro que também há quem não ache imprescindível para a sua vida estar conectado constantemente (Canclini, 2004), seja por opção, interesse, seja porque não tem essa possibilidade. No entanto, quer se queira ou não, o facto de estarmos conectados com o mundo digital distingue-nos dos que não estão, pois a convivência é mais simples entre os que se identificam uns com os outros e têm pontos em comum e esta será sempre uma característica humana, da convivência humana, não surge por causa da Internet. A mudança é lenta e dolorosa, será mais para os que resistem e não se adaptam facilmente. E isso, para qualquer situação na vida, distingue-nos, uns dos outros, e cria conflitos, tensões. Mas será assim tão negro, o quadro que pinta Lévy no seu livro (Cibercultura, 2000)? Será que os jovens se veem desta forma tão irreflexiva em relação ao (des)conhecido?

Nesta investigação observei uma naturalidade e uma visão relativamente à Internet e ao que lhe é referente, muito mais saudável e consciente, pois, de tudo o que retirei ao falar com os jovens, havendo exceções, naturalmente, compreendi que estes exploram o que a Internet lhes fornece de forma inteligente e útil, dispendo de todo o proveito que podem tirar dela, incluindo-a espontaneamente no seu quotidiano.

## 1.2 NATIVOS DIGITAIS

Os Nativos Digitais, também denominados de “Homo Zappiens<sup>12</sup>”, “Homo Virtualis” ou Geração Z, são, como o próprio nome sugere, todos os que nasceram na Era Digital e que cresceram criando ligações digitais ou não digitais de forma inconsciente e natural e sem qualquer distinção entre elas. Os autores John Palfrey e Urs Gasser (2011) destacam:

“Aqueles que nasceram digitais não se lembram de um mundo em que as cartas eram datilografadas e enviadas, muito menos escritas à mão, ou em que as pessoas se reuniam em bailes formais em vez de no *Facebook*. A face em mutação dos relacionamentos humanos é uma segunda natureza para alguns e um comportamento aprendido para outros” (Palfrey & Gasser, 2011).

Ao longo da obra “Nascidos na Era Digital”, Palfrey e Gasser (2011) enfatizam as diferenças que existem entre os Imigrantes Digitais e os Nativos Digitais, sendo que os primeiros, como se pode prever, nasceram antes da Era Digital, distinguindo as diversas formas de utilizar a Internet, também entre gerações. Algo que poderá ser discutível entre vários autores, por exemplo, também na obra “Psicologia dos Comportamentos Online” (Miranda (org.), 2015), podem ser encontradas evidências disso mesmo:

“Prensky defende que pais e educadores são, na melhor das hipóteses, “imigrantes digitais”, que falam uma linguagem ultrapassada (a da era pré-digital), e pelem-se para ensinar uma população juvenil [os “nativos digitais”] que fala uma linguagem inteiramente nova (2001, p. 2).” Cit in (Miranda (org.), 2015, p. 38).

Este autor segue no mesmo sentido do percurso analítico de Tapscott (1998), o qual também define de forma explícita as diferenças dos comportamentos pré-digitais e pós-digitais, baseadas em contextos diferenciados entre gerações. Estes autores baseiam-se num paradigma da simplicidade<sup>13</sup>, ou seja, um positivismo apoiado em números e esquecendo as variantes complexas do ser humano como podendo ser um sujeito ativo e adaptável, independentemente da geração a que pertence.

---

<sup>12</sup> Aquele que procura desenfreadamente pela imagem ou programa que o espante mas que dificilmente encontra, fazendo com que esta seja, maioritariamente, uma busca incessante e inalcançável. (Vieira R. , Educação e Diversidade Cultural, 2011, p. 153). “O *Homo sapiens* é um processador ativo de informação, resolve problemas de maneira muito hábil, usando estratégias de jogo, e sabe se comunicar muito bem.” (Veen & Vrakking, 2009)

<sup>13</sup> Edgar Morin, nascido em Paris a 8 de julho de 1921, é um sociólogo, antropólogo, historiador, filósofo, considerado um dos maiores pensadores contemporâneos, apresenta na sua obra “Introdução ao pensamento complexo” (Morin, 2008), os paradigmas da simplicidade e da complexidade e a importância de conhecer um para compreender o outro. “Com esta vontade de simplificação, o conhecimento científico consagrava-se à missão de revelar a simplicidade escondida por detrás da aparente multiplicidade e da aparente desordem dos fenómenos.” (Morin, 2008, p. 86)

Porém, Buckingham (2006):

“...é cauteloso quanto a esta argumentação, já que os significados e usos da tecnologia variam de acordo com vários fatores para além da idade. Ademais, alega que definir fronteiras de uma geração é uma tarefa muito mais complexa do que simplesmente defini-la através do seu relacionamento com uma tecnologia específica ou meio de comunicação (2006, p.11).” (Miranda (org.), 2015, p. 38).

Assim, também não será consensual definir quando é que uma geração termina para dar lugar à seguinte. Limitar os comportamentos humanos com base em fatores estanques, como a idade, terá sempre um resultado incompleto, acusando, assim, um “reducionismo positivista”.

### *1.2.1 IDENTIDADES SOCIAIS E/OU DIGITAIS*

O conceito de identidade é polissémico e complexo, pois atravessa as mais diversas áreas do conhecimento, como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia e a Filosofia, pois o seu objeto de estudo é o mesmo, o ser humano.

O Homem atual é o sujeito pós-moderno, num processo de identificação oscilante e instável, que assume as mais variadas identidades dependendo do contexto e, por vezes, contraditórias, derrubando a identidade estanque e previsível de outrora, como argumenta Hall (Hall S. , 1999):

“O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única identidade, mas de várias identidades” (1999, p. 12).

Portanto:

“A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (1999, p. 13).

A pós-modernidade de Hall pode ser vista como a “Modernidade Líquida”<sup>14</sup> de Bauman (2001), um paradigma que veio sustentar a transição de uma sociedade “sólida”, onde as “identidades fixas” prevaleciam, para uma sociedade “líquida”, agitando os pilares da

---

<sup>14</sup> Bauman refere-se ao termo “modernidade líquida”, com o objetivo de retratar a fluidez das relações do mundo contemporâneo. Este conceito contempla o conjunto de relações e as dinâmicas existentes no contexto contemporâneo e que divergem bastante das que se estabeleceram no que Bauman chama de “modernidade sólida”, pela sua fluidez e volatilidade. “Modernidade Líquida” é um conceito que atravessa um grande período da história humana e da mesma forma marca mudanças no pensamento e nas relações entre seres humanos e instituições sociais (Bauman Z. , Modernidade Líquida, 2001).

identidade, os quais, segundo o autor, são facilmente permeáveis e ajustáveis à fluidez e velocidade das transformações decorrentes, sendo consideradas, também, por este autor como “identidades líquidas”.

Recorrendo ao campo da Psicologia, Erik Erikson, psicanalista infantil e etnopsicanalista, concebeu oito estágios de desenvolvimento. Entre eles está a entrada na adolescência, que o autor define como a fase onde se define a Identidade ou Crise da Identidade, considerando a forma como os jovens lidam com o compromisso entre pares como crucial para que, por um lado, desenvolva relações de intimidade, aproximação ou que, por outro lado, as evite, afastando-se e sustentando, assim, o seu isolamento. Este autor considera essencial que, na adolescência, o jovem desenvolva um sentimento de identidade, para que se transforme num adulto produtivo e maduro (Erikson, 1972).

A adolescência é uma época da vida humana marcada por profundas transformações fisiológicas, psicológicas, sociais vivenciadas de forma diferenciada dependendo do contexto cultural. Esta é uma fase importante no processo de consolidação da identidade, onde a amizade e o sentimento de pertença com o grupo de pares são bastante valorizados. A identidade constrói-se tendo em conta as representações feitas por nós, bem como as interações e os confrontos entre as representações que os outros fazem de nós e as que nós fazemos de nós próprios, erguendo-se num jogo de identificações e diferenciações. Debruçando-me agora para um autor português, seria talvez repreensível da minha parte não citar Ricardo Vieira, não tanto por ser o meu orientador, mas principalmente por ser dos autores que mais estudos tem alusivos ao tema da Identidade. Assim, e citando o meu orientador e professor Ricardo Vieira na sua obra “Identidades Pessoais” (2009), relativamente ao conceito de identidade:

“É um processo idiossincrático que nos permite afirmar a nossa diferença face aos demais com os quais nos poderemos identificar sócio ou culturalmente. Há toda uma série de elementos linguísticos, culturais, ideológicos, territoriais que são estruturantes do grupo com o qual nos identificamos e que, por conseguinte, estão de certa forma inscritos na nossa identidade [...] a identidade não pode ser definida de forma simplista, como sendo apenas um somatório de todas as partes [...] O sujeito está longe de ser apenas um mero recetor de culturas, ele faz o processamento de todas as informações que lhe vão chegando e a forma como o faz é o que o torna um ser único e singular.” (p. 48).

Na obra “Psicologia dos Comportamentos *Online*”, surge uma investigação que defende que a identidade social *online* manteve as premissas da identidade social tradicional,

quando muito complementou-a, ou seja, ao contrário do que se previu, a Internet não teve tanto o efeito individualizante presumível mas, o inverso, isto é, ignorou as desigualdades sociais, integrando nesta comunidade, todos os que pretendam aceder-lhe, independentemente de onde vêm, do que pensam, do que são, criando assim, pontes para ligar pessoas que, sem a Internet, improvavelmente se cruzariam, (Miranda (org.), 2015, p. 251).

Neste sentido, pode-se afirmar que a identidade digital complementa a identidade social que por sua vez é não mais do que um tipo de identidade nesta sua particularidade compósita de que é detentora (Vieira R. , 2009).

### *1.2.2 – (CIBER)CONVIVÊNCIAS*

A convivência é um dos conceitos centrais desta dissertação e é, portanto, essencial que a explore, nesse sentido. Segundo o autor Jares (2007), “Conviver significa viver uns com os outros baseando-nos em determinadas relações sociais e em códigos de valores, necessariamente subjetivos, no espaço de um contexto social determinado” (p. 27). A convivência constrói-se, assim, nos espaços onde acontecem as relações sociais e onde se vivem e transmitem os códigos de valores subjetivos. São os diferentes contextos sociais onde nos integramos e onde entramos em relação com os outros, também designados de espaços de socialização. Xesus Jares apresenta nesta obra, os espaços que considera mais importantes: a família, o sistema educativo, o grupo de pares, os meios de comunicação, os espaços e instrumentos de ócio e o contexto político, económico e cultural dominante. É na família, ou melhor, são as famílias (diferentes entre si e dentro de si) que nos acolhem no nosso primeiro contacto com a vida, o mundo, as relações, e é aí que acontecem também os primeiros hábitos do conviver. Inevitavelmente, essa aprendizagem constrói-se com base em diversas variáveis da constituição da própria família e dos elementos da mesma. O sistema educativo surge de seguida como fundamental na aprendizagem da convivência, introduzindo de forma mais acentuada os aspetos culturais da convivência com os outros, diferentes do “eu”. O grupo de pares surge também, como estímulo e espaço importante do conviver, do viver com outros portadores de semelhanças com o “eu”. Os meios de comunicação, de onde Jares salienta a televisão, influenciam com a transmissão de posições e valores muitas vezes deturpados e tendenciosos de forma

disfarçadamente intrusiva. E também os espaços e instrumentos de ócio, os momentos e recursos da brincadeira, do jogo, do lazer, têm inerente uma pesada carga de valores e práticas nem sempre favoráveis a uma convivência efetiva e saudável.

Xesus Jares refere, ainda, um outro espaço de construção da convivência que é o contexto político, económico e cultural dominante como sendo condicionador de todo esse processo de conviver uma vez que engloba desde logo todos os outros espaços referidos anteriormente.

A este respeito o autor destaca a influência das políticas neoliberais e conservadoras como desfavoráveis à convivência democrática e respeitadora dos direitos humanos. Este contexto, entre outros aspetos, leva a que se acentue uma maior desigualdade social, principalmente pela anulação progressiva do exercício da cidadania, da participação social e, por conseguinte, da democracia.

No que diz respeito às potencialidades dos espaços de construção da convivência, penso que este último, pelo seu carácter global e de enquadramento dos outros espaços, será o espaço chave de intervenção no sentido da busca de relações sociais saudáveis com a valorização plena de cada um e por cada um dos seus intervenientes. Por outro lado, não podemos esquecer que o contexto político, económico e cultural surge precisamente a partir das famílias, do sistema educativo, dos grupos de pares, dos meios de comunicação, dos espaços e instrumentos de ócio, como de muitos outros fatores. Penso que todos estão interligados pelo que as potencialidades de cada um só serão e evidentes se exploradas no seu conjunto, respeitando as particularidades de cada espaço.

A Internet inclui-se em todos os espaços referidos anteriormente nas suas mais diversas formas, o que integra a ciberconvivência de forma cada vez mais natural. Assim, o que poderia ser uma forma de convivência separada dos outros espaços complementa-os. Como refere Daniel, na entrevista exploratória que realizei com ele,

*“Nós não vemos as redes sociais como um fim, é um meio... um meio para levar a cabo as outras atividades sociais mais diretas.”* (cf. Apêndice 2A).

Assim, a Internet considera-se um meio utilizado para facilitar a convivência à distância, apenas e quando a proximidade não é possível.

Pierre Lévy alude no seu livro “Cibercultura” (2000):

“Pode parecer estranho falar de «movimento social» a propósito de um fenómeno habitualmente considerado como «técnico». Eis todavia uma tese que tentarei sustentar: a emergência do ciberespaço é o fruto de um verdadeiro movimento social, com o seu grupo *leader* (a juventude metropolitana educada), as suas palavras de ordem (interligação, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e as suas aspirações coerentes. (p. 127).

A preposição «ciber», utilizada para ser possibilitada a quem está de fora, imigrante digital, a distinção entre o contexto real e o contexto virtual, onde decorre determinada ação, para os nativos digitais, poderá não fazer qualquer sentido pois esta faz parte integrante do seu quotidiano, não sendo, assim, necessário haver essa diferenciação.

Como refere o Daniel na entrevista exploratória que fiz com ele,

*“[...] quem vê isso de fora, quem não usa a internet para essas coisas... internet, pronto as novas tecnologias, não usa para socializar e pensa que esse método para socializar não é válido. Grande parte... Mas para mim é tão válido como se estivéssemos cara a cara... [...]”*(cf. Apêndice 2A).

O caso do Daniel mostra uma posição de um jovem nativo digital, que contraria a linguagem adultocêntrica, que pode ser encontrada nas várias literaturas alusivas ao tema do Mundo Digital e que divide espaços de convivência. Numa perspetiva de mediação intercultural deve ser sempre promovida a ligação e não a divisão entre o que é a cultura digital e a cultura “analógica”, para que o diálogo prevaleça, em detrimento do afastamento, pela diferença.

## CAPÍTULO 2

### GERAÇÃO Z: TRANSIÇÕES E PERSPETIVAS

A Geração Z, como já referenciei anteriormente, é um dos emblemas dos jovens contemporâneos ocidentais que cresceram com a Internet e nunca conheceram um mundo onde esta não esteja disponível e ao alcance de um qualquer dispositivo digital, onde a sua omnipresença não reina. Esta é necessariamente uma Era (Castells & Cardoso, 2005); (Miranda (org.), 2015) de onde emergem Novas Literacias (Souta, 1997); (Reis, 1997); (Benavente, Rosa, Costa, & Ávila, 1996), as literacias que integram o trilho digital exigido num ambiente onde imperam as novas redes sociais e as comunidades que as acompanham. As transições desafiantes desta Era Digital, carregam inúmeras críticas e malefícios apontados por autores, estudos, pesquisas, leituras que pedem uma perspetiva dos Nativos Digitais, de dentro, do outro lado, de quem é estudado, escrutinado, a visão de si mesmos e, desejavelmente, uma visão crítica, sempre!

#### 2.1 OS JOVENS E AS NOVAS LITERACIAS

Atualmente vivemos numa sociedade em rede (Castells & Cardoso, 2005), numa era de partilha e de colaboração, trazida pelo evidente crescimento da *World Wide Web*. Os utilizadores desta rede deixaram de ser meros e passivos recetores de informação e conhecimento, passando a ser utilizadores ativos e reativos - buscando, criando, partilhando e comentando conteúdos e contextos, contribuindo para uma “*Collective Intelligence*”, (Lévy, 1997). A Literacia Digital<sup>15</sup> e a Literacia da Informação<sup>16</sup> são

---

<sup>15</sup> Martin e Ashworth (2004) mencionam que Literacia Digital se refere “to the awarenesses, skills, understandings, and reflective approaches necessary for an individual to operate comfortably in information-rich and IT-enabled environments”. Ou seja, é a capacidade que uma pessoa tem para desempenhar, de forma efetiva, tarefas em ambientes digitais, incluindo a capacidade para ler e interpretar os *media*, para reproduzir dados e imagens através de manipulação digital, e avaliar e aplicar novos conhecimentos adquiridos em ambientes digitais (Jones-Kavaliar e Flannigan, 2006). Retirado de: <http://oreilly.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-Web-20.html>.

<sup>16</sup> A Literacia da Informação “abrange o conhecimento das próprias necessidades e problemas com a informação, e a capacidade para identificar, localizar, avaliar, organizar e criar, utilizar e comunicar com eficácia a informação para resolver problemas ou questões apresentadas” (Declaração de Praga, 2003). Retirado de: <http://www.nclis.gov/libinter/infolitconf&meet/postinfolitconf&meet/PragueDeclaration.pdf>

agora conceitos-chave desta sociedade em rede, onde cada cidadão deve possuir competências ao nível das novas literacias para que possa utilizar, de forma conscientemente e conhecedora, todos os benefícios, que o uso da Internet pode trazer. A importância do acesso, da utilização e da produção do conhecimento científico e académico, inerente ao percurso dos atores envolvidos, no processo de ensino-aprendizagem ao longo da vida, é fulcral na sociedade da informação e do conhecimento, para que o acesso à desinformação, ou à informação errónea, seja, cada vez mais, munido de espírito crítico.

O tema do acesso à informação credível é algo com que os estudantes, dos vários níveis de ensino se confrontam, perante o volume de informação disponível, sobretudo na web, assim como a diversidade de ferramentas, as bases de dados, as bibliotecas digitais, as plataformas virtuais, desenvolvidas para o seu acesso. Perante esta realidade, justifica-se uma abordagem científica, sobre a literacia da informação de forma a dotar os intervenientes neste processo de ensino/aprendizagem de competências de pesquisa, de acesso e de seleção da informação.

Jacques Delors<sup>17</sup>, no relatório que coordenou para a UNESCO, em 1996, relevava a importância da educação ao longo da vida, que, no contexto axiológico da “Educação Intercultural”, destacou quatro pilares da aprendizagem, aprender a ser, aprender a aprender, aprender a fazer e aprender a conviver. Remetendo a convivência para um patamar essencial de aprendizagem ao longo da vida.

Na mesma linha, Elias (1994) refere:

“A fala do outro desenvolve na criança em crescimento algo que lhe é inteiramente próprio, uma linguagem que é inteiramente sua e que, ao mesmo tempo, é um produto de suas relações com os outros, uma expressão da rede humana que ela vive. Do mesmo modo, as ideias, as convicções, os afetos, necessidades e traços de carácter produzem-se nos indivíduos mediante interações com os outros, como coisas que compõem o seu ‘eu’ mais pessoal e nas quais se expressa, justamente por essa razão, a rede de relações de que ele emergiu e na qual penetra. E dessa maneira esse ‘eu’ forma-se num entrelaçado contínuo de necessidades, num desejo de realização constante, numa alternância de dar e receber” (Elias, 1994, p. 36).

Este autor defende a necessidade de uma interação direta para que se desenvolvam as capacidades de uma convivência saudável.

---

<sup>17</sup>Presidente da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, UNESCO, de 1992 a 1996.

### 2.1.2 A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO

Não posso continuar a falar de convivência sem falar de comunicação que é parte integrante de vivermos uns com os outros. Na Era Digital a comunicação estende-se a novas formas de interação, José Rodrigues dos Santos no seu livro “Comunicação” (2015), deu um enorme contributo para o enriquecimento da forma como via o conceito e a importância da comunicação, esse fenómeno psicossociológico que se traduz numa interação que satisfaz a necessidade humana de nos relacionarmos.

José Rodrigues dos Santos explica na sua obra que:

“Comunicar é sobretudo significar, através de qualquer meio. [...] À medida que os novos meios iam emergindo, o homem ficava cada vez mais fascinado e aterrado. Cada «extensão» trazia em si um mundo de promessas e um inferno de ameaças.” (Santos J. R., 2015).

Este autor também refere na introdução desta obra que, tudo o que representa vida é comunicação, por exemplo, o nosso organismo comunica através do sangue, que transporta informação por todo o nosso corpo e, que, sem essa informação, não seria funcional.

Neste contexto, a sociedade da informação abre campos antagónicos de análise. Há aqueles que defendem que esta exerce um forte controlo sobre a humanidade, que contribui para a privação da liberdade, para desencadear reações condicionadas pela falta de um espírito reflexivo, crítico e cria um pensamento clonado. Há aqueles outros que creem fielmente nas suas virtualidades, pois elas vão permitir, por si só, o desenvolvimento humano sem paralelo. Posicionamentos que, numa perspetiva mais crítica, defendem que deverá ser necessário saber operar a tecnologia nas duas valências, a instrumental e a da programação, para aquisição do conhecimento e o consequente desenvolvimento, aliada a uma aprendizagem do exercício da cidadania que exige e pressupõe a ‘educação para os media’, ou a aquisição duma consciência crítica para agir perante os conteúdos: na capacidade de saber escolher, na certificação da verdade e do rigor face à saturação informativa.

Com a educação e a formação é possível construir uma sociedade de informação para todos. As novas tecnologias estão presentes em todos os sectores da atividade humana,

constata-se que elas estão primordialmente no sector económico e de entretenimento mas que há uma lacuna da sua presença no sector cultural e no ensino em geral.

Mas são vários os condicionalismos: a falta de meios, de formação, de motivação da comunidade educativa, entre outros. A escola não pode ficar à margem do processo de desenvolvimento tecnológico, deve acompanhá-lo de perto, afirmando-se num papel formativo que contribua para uma melhor inserção dos seus estudantes numa sociedade altamente competitiva e complexa, preparando-os, simultaneamente, para tirarem o melhor partido das suas vantagens e a defenderem-se dos seus perigos.

A rápida evolução tecnológica e a qualificação das relações sociais e de trabalho obrigam todos os cidadãos ativos a uma “alfabetização digital” que inclui um razoável conhecimento em informática. Fruto desta exigência de habilitações para o mercado de trabalho existe o risco da divisão entre aqueles que têm acesso aos meios e os que não o têm, o que implicará uma nova forma de desigualdade, com risco de se generalizarem os nichos de exclusão, colocando em causa a democracia, a justiça social e a universalização da cidadania. Assim, a necessidade de lutar por uma sociedade de informação para todos é eminente. Todos os cidadãos deverão dominar culturalmente as tecnologias de informação e comunicação para desempenharem um papel ativo numa sociedade que cada vez mais depende do conhecimento.

Portugal desenvolveu um percurso histórico próprio, construiu relacionamentos e valores que contribuíram para a disseminação do espírito humanista. Temos uma cultura própria, possuímos um capital de valores único e importantíssimo do ponto de vista humano que pode enriquecer o espaço comum que habitamos, a Europa, e o mundo.

A tecnologia por si não resolve os problemas dos estudantes com falta de conhecimentos ou dos professores com formação deficiente. No entanto, esta abre novas oportunidades à aprendizagem, desde muito cedo, a começar pelos primeiros anos de escolaridade, que pode alargar horizontes e determinar interesses. Será que as crianças e os jovens ainda precisam de ler livros, de pesquisar em bibliotecas, de efetuar experiências laboratoriais, de refletir sobre o seu mundo, do contacto pessoal para um relacionamento humano próximo? Ou fazendo tudo isso *online* será análogo? Talvez só o futuro trará a resposta...

## 2.2 AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Como já referi na introdução, a problemática desta dissertação debruça-se sobre as relações interpessoais dos jovens na Era Digital. Como se formam os laços, como são as interações entre eles, como convivem. Tudo isto através da voz dos próprios nativos digitais, do ponto de vista dos nativos (Geertz, 1979). As mudanças e as transformações são algo inevitáveis ao longo da vida, talvez por isso, o projeto de vida de uma pessoa, deva ser sempre encarado como algo mutável e inacabado, sempre em constante construção e reconstrução. Como tal, o que pretendo com este estudo, no sentido não verificacionista, pois, como é sabido, as relações interpessoais diferem tendo em conta o contexto espacial e temporal, é de alguma forma produzir conhecimento científico que tenha em conta o objeto estudado, os jovens nativos e a sua perspetiva quanto às relações interpessoais que mantêm entre si e a importância dessas mesmas relações interpessoais para o apoio na construção das identidades na adolescência, fase crucial para que estas se estruturam de forma saudável.

Neste sentido, Noam Chomsky defende que os jovens devem aprender a relacionar-se uns com os outros como seres humanos, o que implica estar frente-a-frente e, só assim, proporcionar todo um conjunto de ações expressivas, como gestos, sons, vestuário, entre outros, que permitam a construção de um contexto facilitador da interpretação à mensagem emitida e que possibilite o *feedback* adequado. Quando se utiliza o computador, essa ligação é indireta, na qual, à exceção de alguns casos, o emissor e o recetor da mensagem não se veem, ouvem ou sentem o que impossibilita o acesso às habituais pistas não-verbais de contextualização (Chomsky, 1975).

Já Turkle, na sua obra “*Life on the screen*” (1995), vai ainda mais longe e levanta dúvidas sobre os usos e abusos da tecnologia multimédia para o desenvolvimento da humanidade:

“À medida que os seres humanos se confundem cada vez mais com a tecnologia e uns com os outros através da tecnologia, as velhas distinções entre o que é especificamente humano e o que é especificamente tecnológico tornam-se mais complexas. Estaremos a viver uma vida no ecrã ou dentro do ecrã?” (p. 21).

Existem vários estudos que demonstram que o uso excessivo das tecnologias pode tornar-se uma obsessão perigosa. O que é facto é que a culpa é do Homem que se permite ser comandado por um mundo aliciante que, erradamente mostra o nosso perfil

perfeito, os amigos perfeitos, as frases feitas perfeitas, a atenção perfeita, mas irreal porque de facto está-se só. Será esta uma nova forma de solidão? Como questiona Sherry Turkle na sua obra *Alone Together* (2011).

Em termos de investigação nacional, a autora Cristina Ponte e José Alberto Simões produziram um estudo muito semelhante às questões que assomam esta minha problemática. No livro, já referido, “*Psicologia dos Comportamentos Online*” (Miranda (org.), 2015), podem ser encontrados, no ponto 2 intitulado por, *Comportamentos Online de Crianças e Jovens Portugueses*, diversos testemunhos que dão voz a crianças e jovens dos 9 aos 16 anos que relatam os seus hábitos e formas de aceder à Internet e com que dispositivos e onde acedem mais frequentemente.

Dado o meu interesse em compreender<sup>18</sup>, o ponto de vista dos jovens (Geertz, 1979), este livro “*Psicologia dos Comportamentos Online*” (Miranda (org.), 2015) tem para mim a vantagem de também, “imprimir um enfoque analítico centrado nas pessoas e nas suas práticas e nas modalidades de apropriação dos novos dispositivos e ecrãs e não tanto na tecnologia em si.” O que se confirma ser o paradigma da minha investigação, ou seja, esta centra-se na perspetiva do jovem relativamente ao uso das Tecnologias e a forma como se veem enquanto Nativos Digitais, confrontando esta perspetiva com os estudos e leituras existentes sobre os mesmos. Sendo que se insere num paradigma de descoberta onde procuro “despir-me” de conceitos e pré-conceitos que tenho, assumidamente, como todos os indivíduos, e compreender a visão que o outro diferente de mim tem de si da forma mais aberta possível (Miranda (org.), 2015).

O primeiro capítulo deste livro refere-se ao Estudo da Internet e dos Ecrãs na Sociedade em Rede, por Gustavo Cardoso e Tiago Lapa, onde posso identificar a preocupação destes autores com a necessidade de transformações na forma como as disciplinas de psicologia e sociologia, por exemplo, devem estar interligadas pois se o objeto de estudo de cada uma delas é o mesmo e encerra em si vários contextos em simultâneo e que são indissociáveis, não fará sentido serem separadas. Aqui é necessário perceber as pontes já existentes (o mesmo objeto de estudo) mas que permanecem invisíveis, para que se possa estudar a Internet e os seus impactos de uma forma mais consciente tendo em conta a complexidade que o seu objeto contempla. Encontro o conceito geral de

---

<sup>18</sup> Weber: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc/catalogo/ebook/EbookconceitoMaxWeber](http://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/ebook/EbookconceitoMaxWeber) (consultado em 30/11/2016).

Internet como sendo uma “rede de redes”, que do ponto de vista visual, pode desde já explicar a sua complexidade e um emaranhado de informações, intervenientes, tipos de utilização, comunicações, utilizadores, contextos, necessidades e oportunidades. Comparo cronologicamente o impacto da Internet na sociedade, ao da escrita, no sentido desta ter também contribuído para uma expansão nunca antes vista da palavra, da comunicação, perpetuando-a e permitindo-a alcançar distâncias impensáveis, e onde o poder de quem detém o maior conhecimento sobre o seu domínio se destaca. Assim, a escrita na modernidade e a Internet na pós-modernidade tiveram impactos homólogos, atendendo ao espaço e tempo de cada uma.

### 2.2.1 VIRTUAL VS. CONVENCIONAL

Para Lévy, a palavra «virtual»,

“... pode entender-se pelo menos em três sentidos, um sentido técnico ligado à informática, um sentido corrente e um sentido filosófico. A fascinação suscitada pela «realidade virtual» vem, em larga medida, da confusão entre estes três sentidos. Na aceção filosófica, é virtual o que *só existe em potência e não em ato*, o campo de forças e problemas que tende a resolver-se numa *atualização*. O virtual sustenta-se a montante da concretização efetiva ou formal (a árvore está *virtualmente* presente na semente). No sentido filosófico o virtual é evidentemente uma dimensão muito importante da realidade.” (Cibercultura, 2000, p. 51).

Este autor defende, assim, que a realidade virtual remete para o que está além do que é visível, ou seja, o que é virtual também é real mas num sentido abstrato, não tão óbvio. Por este motivo, talvez, o virtual será, mais facilmente, posto em causa, e será interpretado por cada um de nós, dependendo do nosso *background* social (Vieira R. , 2011) e do conhecimento com o qual estamos munidos.

### 2.2.2 NOVO PARADIGMA

Um novo paradigma surge da necessidade do Homem de justificar e enquadrar os seus comportamentos a um determinado contexto, por forma a dar resposta às transformações que se vão sucedendo e sem precedentes. Assim, nesta Era Digital, está eminente um novo paradigma da comunicação, da convivência, das relações interpessoais, da pedagogia, das interações. Para que imigrantes e nativos digitais

encontrem uma linguagem comum que os ponha em diálogo, é necessário que se criem ligações entre eles, que os conecte e que os direcione no mesmo sentido.

Fellers (1996) brinda-nos com uma tabela que distingue dois paradigmas antes e depois da Era Digital, tendo em conta um contexto de escola/ ensino:

	<b>Paradigma Antigo (Era Industrial)</b>	<b>Paradigma Novo (Era Digital)</b>
<b>Conhecimento</b>	Transmissão do professor para o aluno.	Construção coletiva pelo aluno e professor.
<b>Alunos</b>	Passivos, “caixas vazias a serem” preenchidas pelo conhecimento do professor. Receber ordens.	Ativos, construtores, descobridores, transformadores do conhecimento. Tomam decisões.
<b>Objetivos do Professor</b>	Avaliar e selecionar alunos.	Desenvolver os talentos dos alunos.
<b>Relações</b>	Impessoal entre alunos e entre professor e aluno.	Pessoal entre alunos e entre professor e aluno.
<b>Contexto</b>	Aprendizagem competitiva, individualista. Informação limitada.	Aprendizagem colaborativa, grupos colaborativos de professores, infinidade de informação.
<b>Conceção de Educador</b>	Qualquer um pode ensinar.	Ensinar é complexo e requer formação.

Tabela 1 - Paradigma antigo vs Paradigma novo segundo Fellers (1996).

Adaptando esta tabela ao objetivo da minha investigação pode revelar-se bastante pertinente no sentido em que os jovens da Era Digital são, agora mais que nunca, atores e autores da sua aprendizagem na escola, nas relações, na vida. Controlam o que pretendem recolher de toda a informação ao seu dispor e decidem o que não é necessário, pondo em questão tudo o que os contraria. Tudo isso com consequências mais ou menos positivas, mas responsabilizando-os pelas escolhas feitas.

### 2.2.3 GERAÇÕES: PERSPETIVAS E CONFLITOS

Ao longo dos tempos, as imagens negativas que atribuíam às suas juventudes acompanharam as sociedades, onde as gerações mais velhas criticavam as diferenças e as mudanças que as gerações mais novas anunciavam.

A analogia (desigual) entre gerações, jovens (nativos digitais) e adultos (imigrantes digitais), é uma realidade constante que fabrica o tecido social. Estas gerações são dois polos dicotômicos que abarcam particularidades díspares, pois o seu acesso a recursos, a representação que delas faz o senso comum, não é igual. Mas não basta descrever de forma estanque a moldura de gerações obtida. É importante, depois, contemplar contextos concretos, a estabilidade das representações que se colam aos dois blocos (e aptidões que “naturalmente” se lhe associam: maturidade vs. imaturidade, competência vs. incompetência, superioridade vs. inferioridade). Na mesma linha de reflexão, questiona-se a emergência de compreender a “*net-generation*” juvenil, formada por “*digital natives*”, líderes competentes da mudança tecnológica, por oposição à geração adulta de “*digital immigrants*”, manifestamente pelos mais novos.

Este secular e engessado conflito de gerações de Margaret Mead (1951) surge constantemente no nosso dia-a-dia, remetendo-nos, de forma inconsciente, para um distanciamento intergeracional que não é saudável, no sentido em que, munido de medo do desconhecido, provoca juízos de valor infundados e incompreensão e desinformação.

Numa globalização marcada pela desigualdade de oportunidades e pela fragilidade de vínculos institucionais, as incertezas e os riscos emergem. Sendo a internet tida como uma das responsáveis por essa fragilidade, pois os jovens de hoje, nativos digitais, movem-se entre espaços como a escola, a casa, o café e o ciberespaço de onde sobressai uma cibercultura. O acesso à informação está à disposição de quem quiser, assim sendo, a escola perdeu o posto de principal informador e precisa redescobrir seu papel na sociedade. O facto de, muitas vezes, os alunos possuírem maior conhecimento das tecnologias do que os seus professores coloca em cheque as hierarquias do saber nas salas de aula. A popularização da internet possibilita a emergência de novas culturas da participação e de espaços/tempos de aprendizagem não organizados. É necessário que a escola passe a ser mediadora, para que os jovens possam realizar escolhas conscientes sobre suas trajetórias pessoais e construir seus próprios acervos de valores e

conhecimentos sociais, a encaminhá-los a dominar os instrumentos do conhecimento e não a ser dominados pelas tecnologias e relacionar-se com responsabilidade e respeito pelo seu meio social.

Os jovens exigem uma escola que faça sentido para a vida e contribua para a compreensão da realidade. Eles reivindicam que o que se ensina na escola tenha vínculos com o quotidiano e com suas expectativas de futuro. Por isso o aluno espera que a escola motive a vontade de projetar e acreditar nos seus desejos e contribuir para que desenvolva a capacidade de realizá-los, conhecer as suas potencialidades, a realidade em que se insere, aprender a escolher e ter responsabilidade por essa escolha, consciência dos limites e possibilidades na área que querem atuar.

Os jovens de hoje jogam, navegam na Internet, comunicam nas redes sociais, leem as notícias *online*, consultam a Wikipédia, cruzam informações a uma velocidade nunca antes possível, o que realça novas formas de aprendizagem que emergem das tecnologias e que permitem que, a qualquer hora, em qualquer lugar, dentro e fora da escola, em casa, no café, estes jovens possam escolher o que querem aprender, quando e como querem aprender, autonomamente, o que, por si só, é um desafio para as instituições de ensino.

A educação escolar precisa de incluir no currículo, e nas discussões quotidianas, a dimensão social, numa posição holística, onde a pedagogia escolar se deve misturar cada vez mais com a pedagogia social, até que se fundam numa única só pedagogia (Caride, 2016):

“La mediación, como la educación y sus quehaceres pedagógico-sociales, es/son un hacer y un sentir de y en lo común, que nunca podrá aminorar lo diferente ni lo que nos aporta de diversidad o pluralidad, ya que hay diversas maneras de establecer, sentir lo común y construir lo comunicable. Si «educar» y «mediar» son, sobre todo, modos de procurar una comunicación abierta al diálogo – con enseñanzas y aprendizajes que enfatizan el entendimiento, el consenso, o la cultura de lo que se comparte para generar bien-estar en la sociedad- se precisa una visión amplia de la educación y la mediación. La Pedagogía social debe estar a ello.” (p. 23).

A mediação intergeracional, que está incluída em toda esta dissertação, evidencia-se neste ponto pelo facto de promover a importância do diálogo entre gerações, algo que, nesta Era Digital, parece estar a desvanecer-se.

Como referem os autores Silva, Margarido, Pimentel e Santos, no ponto 9 do livro “Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social” (Silva, Margarido, Pimentel, & Santos, 2016):

“As relações e as aprendizagens intergeracionais, que se desenvolviam de forma espontânea e regular até há décadas (Newman e Hatton-Yeo, 2008), pela proximidade que pautava os contactos sociais nas pequenas comunidades e pela partilha de espaços de vida, estão crescentemente comprometidas. Como afirma Bajoit (2006), os vínculos sociais são cada vez mais frágeis (pelas expectativas exigentes associadas a menor controlo social, que originam uma precarização dos laços afetivos e propiciam a sua rutura); mais refletidos (pois resultam de escolhas e de uma postura mais autónoma perante as normas sociais e os que têm autoridades para as aplicar); mais estratégicos e utilitários (assentes em interesses mais do que em valores, especialmente os menos íntimos); mais eletivos e seletivos (pois rejeitam-se as relações impostas por conveniências sociais, queremos escolher e alterar a nossa escolha); mais criativos (os papéis sociais são menos codificados e o seu desempenho é mais livre); mais distantes (a desconfiança tem como consequência uma menor implicação nas trocas sociais, uma maior reserva, uma relativa indiferença perante o outro).” (p. 192)

Este excerto retirado da obra já mencionada, não se refere diretamente às gerações dos imigrantes e dos nativos digitais, mas aos idosos e aos jovens, mas acontece que ao ler este ponto, dentro da minha perspetiva resolvi integrá-lo nesta parte onde são abordadas as gerações e os distanciamentos que ocorrem da diferença e da sua patologização (Vieira & Vieira, 2016).

Aqui fica o aperitivo para o próximo ponto, o qual corresponde à mediação intercultural, o mestrado onde esta dissertação se integra.

### *2.3 MEDIAÇÃO INTERCULTURAL*

No contexto mundial atual, a mobilidade tornou-se um dos pontos mais pretendidos, pois nela decorre a proeminente hierarquia social, onde os padrões económicos, sociais e políticos deixaram a esfera local e passaram a agir mundialmente. Assim sendo, as distâncias já não têm o significado que tinham, pois as fronteiras são hoje, meras formas simbólicas e sociais. “a distância é um produto social; sua extensão varia dependendo da

velocidade com a qual pode ser vencida” (Bauman Z. , 1999). Todo este processo de transformação resultou na precarização e na desintegração dos “laços humanos”. Na construção da cidade idealizada, esqueceram que ela depende da oportunidade dada aos homens, pois são eles, e somente eles, que devem se privilegiar desta harmonia “os homens não se tornam bons simplesmente seguindo as boas ordens ou o bom plano de outros” (Bauman Z. , 1999).

Todos estes fatores evidenciam as inevitáveis transformações relativas à forma como vemos as relações de convivência, e onde a sociedade do consumo, com todas as suas características do descartável e do desgaste e substituição rápida de produtos, se compara necessariamente com as relações sociais, o que causa um certo desligamento relativo à forma como se criam laços relacionais uns com os outros.

A Mediação intercultural está presente nesta investigação, no sentido em que a procura da compreensão deste tema, e como é visto pelos jovens da era digital, vai facilitar a comunicação entre estes e os indivíduos que, apesar de viverem nesta era tão digital, nasceram numa era onde os primeiros contactos com os outros eram face-a-face e não há um diálogo muito claro entre estes dois mundos, gerações. Construir pontes para que os dois mundos se encontrem de alguma forma irá possibilitar o diálogo e uma melhor percepção relativa ao que se desconhece à partida.

Assim, a mediação nesta investigação pode ser analisada em duas dimensões:

- ❖ A primeira dimensão remete para a compreensão da mediação intercultural entre os jovens, com o intuito de nos preparar para a intervenção social com eles, ao invés de cair em expressões pejorativas, “achismos” e pré noções sem suporte investigativo (Vieira & Vieira, 2016).

Uma investigação pode ser feita por perguntas e respostas, por hipóteses (investigação de cariz verificativo) e por objetivos (Bell, 2003), pretendendo estudar os jovens tal como eles se veem a si próprios e tal qual eles se valorizam e valorizam os seus signos de comunicação e de relação social, proxemicamente (Hall E. T., 1994). Neste caso, pretende-se compreender o valor que os jovens dão aos seus signos de comunicação e de interação, quer em contextos de proximidade física, quer à distância onde os signos

são substituídos por outros. Inscreve-se, assim, mais neste sentido de um paradigma de descoberta de novos signos de comunicação entre jovens estudantes entre os 15 e os 17 anos.

Não pode haver intervenção preventiva, sem compreensão e conhecimento dos jovens com quem se trabalha. Assim, esta investigação ambiciona também contribuir para o trabalho dos profissionais sociais, educadores, professores, pais, para melhor compreenderem a juventude contemporânea e sua heterogeneidade.

- ❖ A segunda dimensão da pertinência desta investigação para a mediação sociocultural remete para a ideia de que os jovens não existem sozinhos, não só existem com o seu grupo de pares mas também com a sua prole de parentesco dos quais podem, muitas vezes, não receber a melhor compreensão, originando conflitos de gerações. Esta dimensão remete mais diretamente para a intervenção resolutiva onde uma nova epistemologia dos afetos e da comunicação urge ser posta em diálogo (Vieira & Vieira, 2016).

João Amado é uma das grandes referências nacionais no estudo da indisciplina na escola, assunto que trata na sua tese de doutoramento. Após esta investigação tem dado também um importante contributo para o estudo da mediação em contexto escolar virada, particularmente, para a mediação resolutiva de conflitos (Amado J. , 2005). Para além do seu investimento também em temas como o jogo, a brincadeira e a criança, o seu contributo nesta área passou a estender-se à mediação em contexto escolar (Amado & Vieira, 2016) e, em particular, ao *cyberbullying* (Amado & Matos, 2015). Relativamente ao *cyberbullying*, João Amado parece preocupar-se agora mais também com a prevenção para além da intervenção que sempre privilegiou nos estudos sobre mediação em contexto escolar. Apesar deste estudo não usar particularmente a perspectiva hermenêutica (Faria & Vieira, 2016) e a compreensão do fenómeno da cibercultura a partir do ponto de vista dos sujeitos, dando-lhes voz, ao jeito etnográfico e etnobiográfico (Marques J. , Faria, Silva, Vieira, & Lopes, 2016), tem uma preocupação grande com a mediação preventiva do *cyberbullying*, aproximando-se do paradigma de mediação que atravessa esta dissertação, que é o da mediação intercultural considerada a mais preventiva e transformativa de todas as mediações (Vieira & Vieira, 2017).

Vale a pena lembrar João Amado e Armanda Matos que depois de investigarem fenômenos de *cyberbullying* sugerem que:

“Assim, ao nível da prevenção e da intervenção, é importante o envolvimento de várias entidades, nomeadamente a escola e a família. Os resultados da investigação sobre as estratégias de *coping* utilizadas pelas vítimas, ao demonstrarem que estas recorrem mais frequentemente aos pais para pedir ajuda, sugerem que um grande investimento deve ser feito ao nível da formação de crianças e jovens, tendo em vista o desenvolvimento de competências para prevenir e enfrentar este problema, mas também para ajudar os colegas/amigos envolvidos em *cyberbullying*.” (Amado & Matos, 2015, p. 96).

Cruzando a perspectiva hermenêutica da interpretação do outro com a mediação intercultural já apresentada, é possível admitir que esta proposta da formação de crianças e jovens é apenas uma entre outras várias, consoante o lugar epistemológico de quem fala. No caso da minha dissertação, como veremos na biografia e vozes do Daniel (cf. Capítulo 5 e Apêndice 2A), o próprio Daniel afirma que em termos de formação o que importaria era direcioná-la para a população adulta e imigrante na era digital e não tanto para os nativos:

“E os adultos tentam dar muitos conselhos para os mais novos terem cuidado. Mas eu acho que os adultos é que estão muito menos preparados para isto...” (cf. Apêndice 2A).

O ponto de vista deste jovem nativo da Era Digital acusa mesmo a sociedade dos adultos de ser incapaz de entender os seus comportamentos. Essa descontextualização do ponto de vista do jovem é, no entender do Daniel, uma das explicações dos estereótipos que se têm relativamente aos jovens que passam muito tempo em frente ao computador:

“ [...]eu acho que nós, estou a falar dos jovens, sendo a primeira geração da era digital somos quase uma experiência, uma cobaia porque isto nunca aconteceu e é impossível saber como é que isto vai ser daqui para a frente nas novas tecnologias, prevê-se um aumento explosivo. As pessoas que não lidaram a vida toda com tecnologias, não sabendo lidar com os jovens que tiveram a vida toda acompanhados de computador, acho que é isso que faz esse desentendimento e esse... estereótipo de uma pessoa que passa muito tempo ao computador é uma viciada...” (cf. Apêndice 2A)

Esta reflexão do Daniel, que transportei para aqui para estabelecer pontes e travessias (Vieira & Vieira, 2017) entre a dimensão mais teórica e a parte empírica da investigação, assenta claramente numa reflexão sobre a pluralidade de opiniões e

compreensões deste fenómeno. De alguma forma, as suas palavras são, além de uma sugestão de melhoria de relações interpessoais entre as várias gerações da sociedade em rede, uma crítica à visão adultocêntrica (Iturra (org.), 1996); (Sarmiento & Cerisara, 2004); (Reis, 1991), da vida social.

Esta não comunicação entre gerações do mesmo tempo histórico mostra também a necessidade de mediação intercultural e de uma hermenêutica diatópica (Santos B. S., 1997) ou multitópica (Vieira A. , 2013) em prol de uma mediação intercultural entre gerações nativas e imigrantes da Era Digital (Negroponte, 1995) por forma a uma maior convivência e entendimento intergeracional.

# CAPÍTULO 3

## A METODOLOGIA

Os dois capítulos anteriores explanaram os principais estudos, investigações, obras, que me acompanharam ao longo de todo este processo de arranjos e desarranjos da pergunta de partida e dos objetivos da minha dissertação, a qual foi ganhando forma com o suporte destes e de outros documentos que foram surgindo. Assim, no capítulo 1 fiz, essencialmente, uma revisão da literatura sobre o grande tema do mundo digital e dos jovens nascidos nesta era. No capítulo 2 afunilei a revisão dessa literatura para a problemática das relações interpessoais e da convivência entre esses jovens nativos da era digital.

Inicio agora a parte empírica desta investigação com um capítulo dedicado à metodologia procurando discutir a epistemologia presente na mesma antes de enunciar, propriamente, os métodos e técnicas que usei.

### *3.1 PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS DO ESTUDO DOS JOVENS*

Nesta investigação distingue-se o paradigma fenomenológico ou interpretativo, apesar da indispensável indissociabilidade entre métodos qualitativos e quantitativos, como referem os autores, Susana Faria e Ricardo Vieira:

“...não podemos falar de investigação qualitativa ou, no seu contrário, quantitativa, como se, efetivamente, fossem mesmo oposições pois, como dizemos reiteradamente, parafraseando Basarab Nicolescu, «um pau de dois bicos» (Nicolescu, 2000). E se partirmos o pau a meio, dá dois paus, cada um com dois bicos. A realidade é complexa e está para além de dois extremos considerados opostos” (Faria & Vieira, 2016).

O objetivo fundamental deste estudo é procurar compreender a perspetiva do meu objeto de estudo, os jovens nativos digitais, relativamente ao uso das tecnologias, e compreender se vai ao encontro das perspetivas apresentadas nos estudos mais relevantes sobre a temática, que exponho nesta dissertação, ou, pelo contrário, se se inscreve numa perspetiva minoritária de pesquisa sobre a problemática da comunicação entre as gerações nativas e as gerações imigrantes digitais.

A procura do ponto de vista dos outros assenta numa busca pelo que é mais subjetivo e interior dos sujeitos, aquilo que não está à vista, aquilo que pode até trazer ambiguidades mas que, sem dúvida, é essencial para a compreensão das representações que a alteridade tem de si.

Esta perspetiva interpretativista bebe muito da investigação e teorização de Clifford Geertz. Em “*Native’s point of view: Anthropological Understanding*” (1979), Geertz<sup>19</sup> descreve o método utilizado para tentar determinar como os sujeitos que foram objeto de vários estudos seus, se auto definem enquanto pessoas. A partir da ideia de círculo hermenêutico descrita por Geertz (1979), a construção etnográfica depende da capacidade do observador se aproximar, a uma distância média, útil, ou seja, provida de noções práticas muito concretas e próximas do contexto vivido no quotidiano local e, por outro lado, de conceitos abstratos amovidos da experiência prática nativa propriamente dita. A harmonia entre estes dois lugares-olhares permite ao observador descrever, estruturar e interpretar componentes inerentes aos nativos, percorrendo, assim, caminhos fundamentais e instituídos, que membros de um grupo sociocultural têm a respeito do mundo. Partindo desta abordagem, Geertz sustenta não só a impossibilidade, mas a desnecessidade metodológica e epistemológica do antropólogo pretender se tornar um nativo. O esforço deste último deveria ir noutra direção, a qual seria precisamente a tentativa de encontrar um ponto de equilíbrio onde os pontos de vista nativos poderiam ser captados, capturados e seu universo de significados apreendido e interpretado (Geertz, 1979). Assim, munida do conhecimento que me era inerente, procurei, ao entrar no contexto destes jovens, um lugar de fronteira (Caria, 2003), onde a minha observação não ficasse bloqueada pela minha história, mas usando-a para procurar o ponto de vista do outro sem me perder nele, uma “etnografia reflexiva”, em constante “vigilância epistemológica” (Marques J. C., Faria, Silva, Vieira, & Lopes, 2016, p. 135). Ou seja, sem pretender tornar-me nativa também, e

---

<sup>19</sup> Nascido em 1926, o antropólogo americano Clifford Geertz teve sua formação inicial em filosofia. Aconselhado por um ex-professor, inscreveu-se no Departamento de Relações Sociais de Harvard que tinha sido criado em 1946, para fazer o doutoramento. Ele e a esposa foram admitidos no curso de pós-graduação em Harvard em 1949. Partiu para a sua primeira experiência etnográfica em 1952, em Java. Entre muitas outras que se seguiram. Tornou-se membro do corpo docente do Instituto de Estudos Avançados de Princeton. A sua proposta metodológica de busca do *Native’s Point of View* ficou clássica nos estudos de natureza etnográfica e é fundamental neste trabalho para fundamentar a importância do estudo do comportamento e representações dos jovens nativos digitais a partir do seu próprio ponto de vista.

“questionar a racionalidade do interior sem olhares de espanto exteriores” (Marques J. C., Faria, Silva, Vieira, & Lopes, 2016, p. 140).

Nesta abordagem interpretativa e compreensiva, optei, fundamentalmente, pela observação direta, primeiro distanciada, depois participante, pelo uso do diário de campo, pelo recurso a entrevistas como conversa (Burgess, 1984) e entrevistas semiestruturadas, e por técnicas de recolha de dados e seu tratamento, as quais explano mais pormenorizadamente no ponto seguinte.

### 3.2 O CAMINHO PERCORRIDO...

O processo de estudo dos jovens nativos digitais, alunos de uma escola secundária da Marinha Grande, começou com a realização de uma entrevista exploratória, com um jovem de 18 anos que saiu recentemente da escola secundária, a mesma que é frequentada pelos jovens que estudei posteriormente e que considera a internet e o mundo virtual como um meio, uma utilidade e não um fim. Daniel admite, contudo, que os mais novos que ele possam não ter ainda essa perspetiva. Além disso, para Daniel há também um exagero da sociedade dos adultos quando se refere aos jovens como um todo uniforme que só pensa em *likes* nas redes sociais. Para ele as redes sociais são um meio e não um fim, o que é exatamente o contrário do que ele pensa serem os estereótipos dos adultos:

*“Acho que as pessoas que estão fora da comunidade jovem que usa as redes sociais, acham que esse grupo de pessoas é muito maior do q realmente é, mas não é, as pessoas que usam o Facebook, pronto aquelas que têm 30 mil likes em cada foto, são muito poucas pessoas... e as outras pessoas olham para essas e dizem, pelo menos eu, “eu não quero ser assim”... pode haver outras que também querem... parte da comunidade desdenha, mas a outra não grama essas pessoas. Nós não vemos as redes sociais como um fim, é um meio... um meio para levar a cabo as outras atividades sociais mais diretas.”* (cf. Apêndice 2A).

A dúvida que Daniel levanta sobre a possibilidade dos jovens mais novos que ele não terem necessariamente a sua opinião faz-me levantar algumas questões:

1 - Será que a perspetiva do Daniel mudou devido ao facto de estar hoje noutro contexto, o universitário, com novos projetos, novos amigos, novos professores, etc.?

## 2 - Quais serão os projetos de vida dos adolescentes mais novos que o Daniel?

Após esta entrevista exploratória que me permitiu descentrar-me da adulta que sou e aprender um pouco da maneira de pensar dos jovens nativos digitais e, portanto, já mais provida de um entendimento menos desigual relativamente aos jovens da Era Digital que entrevistei, com idades entre os 15/16 anos, avancei para o terreno inicial da investigação: a escola frequentada pelos mesmos.

Nessa escola secundária, de nome Engenheiro Acácio Calazans Duarte sito na Marinha Grande, observei e auscultei vários alunos, do ponto de vista fenomenológico e etnográfico (Faria & Vieira, 2016); (Marques J. , Faria, Silva, Vieira, & Lopes, 2016); (Caria, 2003), com a intenção de compreender a forma como se veem estes jovens a si próprios enquanto nativos digitais; como se observam nas suas relações de convivência; que valores atribuem aos signos da comunicação, sejam eles os beijos e os abraços, ao contacto quando estão próximos, e à comunicação multimédia, sejam os *likes*, os *smiles*, os *emojis*, etc. A busca do ponto de vista dos nativos digitais para ajudar a compreender e a definir melhor a juventude que, de forma natural e inconsciente, habita, os dois mundos, o analógico e o digital, contemporâneos, nativos da sociedade digital, sem olhares etnocêntricos, alimentou sempre a minha forma de estar no terreno. A utilização de um diário de campo como ferramenta de recolha de dados e de registo de observações de casos, acontecimentos, interações, etc, quer dentro da escola quer nas suas imediações foi essencial.

Como reforçam os autores Neves e Fernandes<sup>20</sup>,

“O diário de campo é o instrumento fundamental desta estratégia qualitativa de investigação, tendo como objetivo primeiro fixar dum modo detalhado as observações diretas levadas a cabo com os atores e as situações no terreno. O investigador anota também comentários, hipóteses, reflexões teóricas – e, quando o acumular dos dados o permite, as descobertas que o olhar etnográfico, intenso e proximal, autoriza.”

Ouvindo os jovens à medida que ia estando com eles e de forma cada vez mais espontânea, com entrevistas como conversa (Burgess, 1984), foi-me facultada uma

---

<sup>20</sup> <http://hdl.handle.net/10216/56260>, consultado em 20/8/2017.

maior diversidade de modos de convivência, que não seria tão rica caso me restringisse apenas a entrevistas estruturadas.

Recordando, a entrevista exploratória ao Daniel e a observação do recreio da escola e das interações nos pátios, uma vez que o pedido de assistir às aulas acabou por, embora tardiamente me ser recusado, serviram-me para me aproximar da cultura dos jovens nativos e aprender a pensar e a questionar como eles. A partir daqui consegui fazer guiões muito abertos e sintéticos para promover conversas a partir do mundo destes sujeitos e não da curiosidade dos adultos sobre os mesmos.

Este meu trabalho etnográfico aproximou-se, assim, do método biográfico que, segundo Amado e Ferreira (2013),

“visa captar, através de um relato ou narrativa a interpretação que determinada pessoa faz do seu percurso de vida, com a respetiva diversidade de experiências e sentimentos pessoais que tiveram lugar ao longo do tempo e por fases, nas mais diversas circunstâncias ou contextos e em ligação com uma multiplicidade de sujeitos (e. g. pais, irmãos, colegas, padrões) e de sistemas (e. g. família, escola, emprego) (p. 169).

Fui-me sentindo cada vez mais capaz de estruturar as entrevistas que acabei por fazer apenas a dois jovens, o Carlos e o Bruno, quando ganhei consciência de que esta metodologia era intensiva e que precisava de muito tempo quer para a recolha quer para o tratamento dos dados.

“Quanto ao tratamento dos dados, que no fundo são as vozes dos sujeitos investigados, captadas em contexto naturalístico, e, depois de muita confiança entre o investigador e o investigado, consegui durante o trabalho de campo de natureza etnográfica (Vieira, 1998), ele segue a vulgata da análise de conteúdo dita por tantos de «qualitativa» ou de discurso (Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut, 1995; Guerra, 2006), que se distingue da análise de conteúdo de Laurence Bardin (Bardin, 1977) que tende a ser mais verificacionista” (Marques J. , Faria, Silva, Vieira, & Lopes, 2016, p. 138).

Essas entrevistas dirigiram-se, de uma forma mais estruturada e direcionada, para as questões fundamentais da problemática. Assim, num segundo momento optei pelo método da entrevista semiestruturada individual, para levar os jovens a comparar, não só a definir, signos e a sua hierarquia, comparando este dois mundos que ainda habitam e, não menos importante, a refletir sobre si mesmos e sobre os seus comportamentos. Este trabalho resulta, assim, num estudo de natureza casuística de base indutiva onde se selecionou, de forma mais ou menos aleatória, dois casos de jovens a frequentar o

ensino secundário, com quem foi nascendo uma maior proximidade e interesse por conversar sobre estes temas durante o trabalho de campo realizado entre janeiro e junho de 2016.

A última etapa do trabalho de campo consistiu na realização de entrevistas individuais para analisar dois contextos de convivência dos jovens, na escola, em casa e com os pares, e um caso de um jovem de 18 anos que ingressou recentemente o ensino universitário e que teve mais ou menos um percurso semelhante para ser feita uma comparação, contrapondo estes casos e as suas metamorfoses identitárias ocorridas com as transições entre níveis de ensino.

Como “toda a observação e interpretação são seletivas” (Marques J. , Faria, Silva, Vieira, & Lopes, 2016, p. 140), reforço que, antes de avançar para as entrevistas semiestruturadas passei cerca de três meses a observar o terreno e a ganhar a confiança destes jovens para poder recolher informação mais credível do ponto de vista do entrevistado. A este propósito nunca é demais recordar os ensinamentos de Geertz (2001, p. 26),

“Para descobrir quem as pessoas pensam que são, o que pensam que estão fazendo e com que finalidade pensam que o estão fazendo, é necessário uma familiaridade operacional com os conjuntos de significado no meio dos quais elas levam as suas vidas. [...] Isso requer aprender como viver com eles, sendo de outro lugar e tendo um mundo próprio diferente.” cit in (Marques J. , Faria, Silva, Vieira, & Lopes, 2016, p. 140).

Assim, e com as devidas autorizações, da escola e dos pais, percorri o caminho...

Feita a recolha de dados, conforme descrevi, procedi à transcrição e análise dos mesmos como apresento nos próximos capítulos, com base na obra e recomendações de Isabel Guerra (2006).

Gostaria, contudo, de deixar uma nota sobre como se processou a construção da problemática que aqui estudo com jovens nativos digitais. Ela não nasce depois de uma noite bem dormida de sono. Como afirma Pierre Bourdieu (1992: 199),

“A construção do objeto – pelo menos na minha experiência de investigador – não é qualquer coisa que se faz de uma vez por uma espécie de ato inaugural, e o programa de observações ou de análises através dos quais ela se efetua não é um plano que se desenha *a priori*, como faz um engenheiro” cit in (Faria & Vieira, 2016, p. 112).

Efetivamente, entre o tema geral da cibercultura e as minhas interrogações e motivações descritas na introdução, houve um grande tempo de leituras e interrogações; interrogações e leituras, até me sentir segura na seleção dos dados a recolher. Metaforicamente senti que estava a entrar num funil e a estreitar cada vez mais os interesses na observação e recolha dos dados:

“[...] a recolha de dados assemelha-se a um funil. Primeiramente recolhe os dados de uma forma mais ampla, escolhendo vários sujeitos, explorando espaços físicos para obter uma compreensão alargada dos parâmetros do contexto, sujeitos e temas em que está interessado. Depois de ter encontrado um assunto para investigar, baseado tanto naquilo que é possível realizar como naquilo que lhe interessa, estreite o âmbito da recolha de dados. Faça isto após três ou quatro visitas ao local da investigação ou após algumas primeiras entrevistas. Poderá tomar decisões do tipo: «centrar-me-ei na terceira classe desta escola.» «vou explorar mais aprofundadamente as recordações das mulheres sobre a puberdade.» «a minha preocupação central será o modo como as crianças experienciam o programa.» [...] Goze a liberdade inicial da exploração mas obrigue-se a tomar decisões relativamente cedo. Dado que tudo é interessante e o universo que quer estudar parece não ter limites, as escolhas mostram-se difíceis [...]” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 207).

## CAPÍTULO 4

### JOVENS NA ESCOLA E PARA ALÉM DA ESCOLA:

### ESPAÇOS E MODOS DE CONVIVÊNCIA NA ERA DIGITAL

#### 4.1. A ESCOLA



Imagem 1 – Entrada da escola

A escola que escolhi para poder realizar a observação pretendida foi a Escola Secundária Engenheiro Acácio Calazans Duarte, na Marinha Grande. Uma escola que também foi a minha durante alguns anos e da qual guardo fortes memórias. Mas adiante... esta não foi a minha motivação primordial, foi sim o facto de se enquadrar no universo<sup>21</sup> que pretendia estudar, ou seja, os jovens que estudam nesta escola estão em idades que se enquadram perfeitamente no meu objetivo, sendo o meu objeto de estudo centrado em jovens com idades entre os 15 e os 18 anos, e também pelo facto desta escola se situar perto de onde resido e trabalho, o que facilitou as minhas deslocações para o espaço social da escola.

Esta escola sofreu, desde o tempo em que fui aluna lá, uma transformação física imensa, tendo eu, por isso, sentido a necessidade de fazer uma visita de reconhecimento antes de iniciar a investigação propriamente dita. Senti-me bastante distante daquela escola que um dia fez parte integrante do meu quotidiano e principalmente dos jovens que hoje a frequentam.

---

<sup>21</sup> Uso propositadamente «universo» e não «amostra» por se tratar de um estudo casuístico. Nesse sentido utilizo a proposta de Isabel Guerra (2006) tanto para esta opção como para a análise de conteúdo das entrevistas realizadas.

A permissão para a minha entrada nesta escola, para realizar o trabalho de campo a que me propus nesta investigação, demorou algum tempo, o que, de certa forma, veio adiar o início desse mesmo trabalho. Sendo que inicialmente pensei fazer a minha investigação também nas salas de aula, onde poderia observar os comportamentos dos jovens, dentro da sala de aula, e se, de alguma forma, o possível acesso às tecnologias, redes sociais, informação, interferia ou complementava o processo de aprendizagem, em contexto de aula. Mas não me foi permitido esse acesso para lá das portas das salas de aula, apenas nos corredores e outros pontos de encontro dos jovens estudantes desta escola secundária. A justificação do diretor da escola para tal interdição condizia com algum tipo de constrangimento por parte dos professores, por considerarem que poderia de alguma forma interferir ou mesmo prejudicar a dinâmica das aulas.

#### *4.2. OS SUJEITOS DA PESQUISA*

Como referido acima, o meu objeto de estudo recaiu sobre jovens com idades entre os 15 e os 18 anos, pois o objetivo da minha investigação é a procura do ponto de vista dos próprios sujeitos da pesquisa e a forma como veem a perspetiva adultocêntrica sobre o uso dos *media* por parte dos jovens nativos digitais. É na adolescência que desenvolvemos a capacidade de nos pormos no lugar do outro e de nos colocarmos em perspetiva, o que fez com que eu considerasse que, não faria sentido canalizar a minha entrevista para jovens com idades inferiores, considerando que não teria o feedback pretendido e também pelo facto de estes jovens ainda estarem em contacto com um mundo que conhece a vida sem Internet, como os seus pais e avós e poderem, assim, também eles num lugar de fronteira, ser o objeto de estudo que considerei o mais adequado à minha investigação.

### 4.3. CRUZAMENTO DE PERCEÇÕES SOBRE A ESCOLA COMO LUGAR SOCIAL



Imagem 2 – Espaço exterior dentro da escola

Falar da escola é pensar em todas as famílias que a habitam e a diversidade que representam. Como foi sendo presente no discurso dos professores ao longo deste mestrado, a escola é um microcosmos da sociedade (Vieira A. , 2013). Todas as paredes que separam as casas destas crianças e jovens da rua onde habitam, caem e unificam-se num edifício chamado Escola. Referi anteriormente as diferenças físicas tendo em conta o próprio edifício desta escola mas os jovens, nos corredores, as interações, as correrias, as gargalhadas, a euforia, as brincadeiras, essas, como observei, eram semelhantes às que guardo na memória de quando eu estava no lugar deles. O que, enquanto pessoa, me reconfortou, e, enquanto investigadora, me mostrou que ali os jovens são jovens, mesmo que o tempo passe.

### 4.4. APONTAMENTOS DE UM DIÁRIO DE BORDO

Levei comigo um caderno de campo, como já referi no capítulo anterior, onde apontei tudo o que observei e que considerei relevante, a propósito da problemática enunciada na introdução e no capítulo 2. O caderno de campo teve a utilidade de, para além de possibilitar o registo de tudo o que pensava, ao mesmo tempo que escrevia, podia reler e refletir, *a posteriori*, no que estava a escrever e no que tinha escrito, guardando num espaço físico, os meus pensamentos direcionados para a procura de compreender os comportamentos e poder depois discuti-los com os mesmos jovens que estava a observar.

Tive em consideração as indicações de Bogdan e Biklen sobre o conteúdo das notas de campo.

Nas suas próprias palavras,

“As notas de campo consistem em dois tipos de materiais. O primeiro é descritivo, em que a preocupação é captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo – a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 152).

Infelizmente, o relativo curto espaço de tempo de trabalho de campo, o acumular da minha profissão com a de estudante e de mãe e a necessidade de cumprir os prazos de entrega da dissertação não me permitiram explorar, como pretendia, esta dimensão do conteúdo das notas de campo registadas no meu diário de campo.

Posicionei-me nos espaços estratégicos, que, para mim, seriam os lugares de encontro, de saída e entrada da população escolar. Estive no bar, onde os jovens se juntam para comer, ouvir música, ver televisão, ver vídeos nos dispositivos móveis, entre outros, no fundo para conviverem num espaço mais descontraído, e aqui permaneci durante os intervalos maiores e me sentei com alguns dos jovens que, depois de uma observação atenta, considerei poderem enriquecer de forma pertinente, complementando as minhas reflexões com o seu contributo, a minha investigação.

“O primeiro problema com que o investigador se depara no trabalho de campo é a autorização para conduzir o estudo que planeou. Há quem o ultrapasse fazendo uma investigação dissimulada, ou seja, a recolha de dados sem o consentimento dos sujeitos” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 115).

No meu caso optei por falar abertamente dos objetivos do estudo quer no pedido de autorização à direção da escola, quer para com os estudantes com quem ia falando nos vários espaços sociais da escola e imediações.

Desta forma,

“ [...]o investigador explicita os seus interesses e tenta que os sujeitos que vai estudar cooperem consigo. Na maioria dos casos, se a autorização for devidamente negociada, a investigação não dissimulada proporciona a vantagem de se ficar livre das obrigações de um participante normal e, conseqüentemente, a liberdade de se entrar e sair quando se quiser” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 115).

Ainda assim o processo de investigação que escolhemos e percorremos não se faz num fim de semana nem num ato de ir à escola tirar umas fotografias e voltar para casa. A necessidade de conquistar os sujeitos para as entrevistas como conversa (Burgess, 1984) e a dificuldade em começar a selecionar o mais importante para a investigação trouxe-me algumas dores de cabeça, o que me parece normal para quem usa este tipo de paradigma investigativo:

“Nos primeiros dias do trabalho de campo começa-se a estabelecer a relação, aprendem-se os «cantos à casa», passa-se a ficar mais à vontade e a trabalhar no sentido dos sujeitos ficarem mais à vontade connosco. [...]” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 123).

No refeitório a dinâmica é a mesma de sempre, ou seja, é o ambiente que se espera de um refeitório mas com a particularidade do telemóvel que aqui não se vê na mão mas no tabuleiro onde está à vista para que qualquer notificação não passe despercebida ou apenas pela companhia. Aqui há um controlo feito na entrada com o cartão de estudante que passa num leitor e com a supervisão de um funcionário. À hora de almoço o Bar está fechado para promover uma refeição mais completa na escola, apesar da existência de máquinas de *snacks*. Também as crianças de algumas escolas primárias deste agrupamento almoçam neste refeitório, o que promove de alguma forma a convivência intergeracional e a observação destas crianças relativamente aos comportamentos dos “mais velhos”. Passei apenas algum tempo neste espaço pois não achei que fosse possível e até necessário para a minha investigação abordar jovens durante a refeição.

Os espaços exteriores dentro dos portões da escola eram pouco mais do que zonas de passagem para pequenos grupos que se passeavam enquanto conversavam. Estive no corredor principal para observar o que se pode chamar de um ambiente escolar habitual, ou seja, jovens, correrias, brincadeiras, gritos, mochilas pelo chão, casais de namorados, professores, auxiliares, toda uma dinâmica esperada de num ambiente escolar. Onde três em cada cinco jovens que passavam por mim estavam com o telemóvel na mão pronto a ser usado a qualquer momento. Alguns jovens traziam também os chamados *phones* para poderem ouvir música, algo que me fez pensar no primeiro dia em que estava a observar no bar da escola e reparei no sistema de som montado e que estava visivelmente inutilizado e desleixado, percebendo que de facto não fazia muito sentido que houvesse uma música comum para todos ouvirem quando cada um tem a possibilidade de ouvir o que quer, quando quer, sem que tenha que partilhar com alguém. A música, uma arte conhecida por aproximar as pessoas e por ser um potencial instrumento de mediação intercultural terá, neste caso, o efeito oposto?!

Num café, perto da escola, frequentado pelos jovens estudantes, aproveitei para observar os seus comportamentos fora do ambiente escolar. Os telemóveis sempre em cima da mesa para que quaisquer notificações que surjam não passem despercebidas. Uns

jogam, percebi que numa mesa estavam dois jovens a jogar no mesmo telemóvel, um contra o outro. Noutra mesa com sete jovens, uns estudam no papel, outros veem vídeos no telemóvel e mostram-nos ao grupo, outros ouvem músicas, falam sobre as novidades das redes sociais. Noutra mesa está um jovem sozinho mas ao telemóvel, será que está ou se sente mesmo sozinho, ou está com companhia (virtual)?! As conversas são tipicamente juvenis, alegres mas com bastantes referências às redes sociais, ao que foi falado, comentado, às fotos que foram postadas, por quem e quem as comentou, os vídeos que veem juntos e a forma fácil e rápida com que acedem à informação, que possibilita que esclareçam uma qualquer dúvida que possa surgir nesse mesmo momento. Percebi por conversas e comentários que a velocidade da internet no café é bem mais rápida do que a da escola, o que faz com que, caso necessitem de fazer algo *online*, que exija mais velocidade, como ver um vídeo ou jogar online, se desloquem preferencialmente para este café. A escola não deve incentivar o uso da internet para este tipo de distrações que podem trazer alguns problemas no desempenho e interesse dos jovens nas aulas mas, segundo alguns comentários destes jovens, mesmo nos computadores da escola e para fins educativos, decerto, o visionamento de vídeos é muitas vezes impossível pela fraca velocidade da internet.

Ao fazer observação direta participante, na entrada da escola, percebo que todos têm telemóvel, podendo haver uma ou outra exceção, sendo estes equipamentos atuais que permitem o acesso à internet de forma rápida e fácil. Em cada grupo que observo a maioria está com o telemóvel na mão, ou a jogar, ou nas redes sociais, ou a ver vídeos, ou fotos, que depois partilham entre si. A informação entre os jovens surge de forma rápida e passageira. Será que estando num grupo rodeado de amigos mas apenas ao telemóvel e sem participar ativamente nas conversas é considerado uma forma de isolamento, ou será que eles não se veem com este meu olhar?! Procuram os jovens mais retraídos, socialmente, no telemóvel, alguma forma de se sentirem integrados? Ou estarei eu apenas inevitavelmente munida de pré-conceitos?! O telemóvel parece algo que faz parte do corpo, como um prolongamento dos dedos da mão, que se sente incompleta, sem “um dedo” (McLuhan, 2005).

Tudo me parece de uma forma geral, natural para um ambiente escolar, as conversas, os grupos, as atitudes, nada sugere grandes alterações nos comportamentos e na convivência dos jovens da Era Digital, o que contraria de alguma forma grande parte

das leituras que fiz, da literatura existente sobre o tema. Estarão os jovens nativos mais desligados, mais desumanos?! Neste momento não observo isso, vejo apenas jovens a serem jovens e onde as tecnologias têm uma grande influência nas transformações a que assisto mas não de uma forma tão radical que os desumanize ou que os torne numa geração desligada do mundo real. Os hábitos vão mudando ao longo do tempo acompanhando as transformações tecnológicas mas a identidade do ser jovem parece manter-se. De qualquer forma, quem observa de fora não consegue não estranhar o facto de estar um grupo na mesma mesa onde nenhum deles levanta a cabeça para se olharem entre eles e não conversarem. Apenas teclam e olham para os ecrãs dos telemóveis.

#### 4.5. *CONVERSAS INFORMAIS*

No bar, reparei num grupo de 7/8 jovens entre 17/18 anos que estavam quase todos ao telemóvel. Pedi para me sentar com eles e foram muito recetivos à minha presença e conversa. Percebi que consideram a internet e as redes sociais como algo útil para passar o tempo quando não têm mais nada que fazer e preferem estar todos juntos e conviver face-a-face. Perguntei-lhes se conseguiam estar um dia sem aceder à internet e a resposta inicial foi sim mas depois de pensarem disseram que só seriam capazes de o fazer se estivessem a fazer algo interessante e que os distraísse da necessidade de estarem *online*. Verão, os jovens na internet, um escape à monotonia, uma distração, uma companhia?! Depois de alguma conversa bastante pertinente, percebi que talvez a importância das redes de convivência digitais vá sofrendo transformações consoante as idades e com as mudanças nos seus projetos de vida. Agradei-lhes a disponibilidade e abertura para estarem a conversar comigo e despedi-me deles desejando-lhes boa sorte para o futuro.

Passei por um grupo de jovens sentados na entrada da escola do lado de dentro e todos ao telemóvel. Pedi permissão para me sentar com eles, perguntei-lhes se me podiam dizer o que estavam a fazer nos telemóveis e responderam que estavam a jogar futebol na net, e só não estavam a jogar uns contra os outros “porque a net na escola é fraquinha”. Perguntei-lhes se costumavam conviver entre si *online* e em que circunstâncias. Disseram-me que só o faziam quando não estavam na escola e quando não podiam estar juntos, também privilegiando a convivência face-a-face. Tal como o

grupo anterior, também frequentam o 12º ano, portanto com idades entre os 17/18, portanto. Será a idade um fator que influencia a forma de se relacionarem com a internet e a importância que lhe é dada?

Penso que terei que procurar jovens entre os 15/16 anos, como determinei ser a escolha do meu estudo, inicialmente, os quais poderão ter outra visão relativa às tecnologias e à importância que lhes dão. Percebi que se queixam bastante do facto de a escola ter os equipamentos adequados para estar adaptada às tecnologias atuais mas que muitas vezes não funcionam, ou estão sempre a falhar. Isto é, em termos de equipamentos a escola está bem preparada para as tecnologias atuais mas na prática não funcionam como deveriam.

À conversa com duas jovens de 16 e 17 anos do curso profissional de cozinha e pastelaria... Apesar de estarem as duas ao telemóvel, estavam juntas e disseram que estavam nas redes sociais mas que privilegiam a convivência cara-a-cara. Afirmaram que não conhecem da mesma forma uma pessoa se for apenas *online* com a justificação de não poderem dessa forma interpretar sinais, linguagem não-verbal perceptível apenas quando estão em contacto direto. Referiram também que consideravam que as tecnologias deverão ser bastante mais prejudiciais para as crianças de 2/3 anos que já têm um Tablet e que crescem sem conhecer outras formas de brincar e conviver que sejam mais apelativas. Consideram que na idade delas não será tão fraturante, pois ainda cresceram sem tecnologias ou com pouco acesso a elas. Mencionando também que poderá haver uma ou outra exceção de vício excessivo no telemóvel mas que não conhecem ninguém pessoalmente que esteja nessa situação. Novamente referem o uso do telemóvel apenas para passar o tempo, ou se não houver nada mais interessante para fazer, sem que este uso se manifeste como uma necessidade essencial. O facto é que a necessidade de ter o telemóvel sempre à mão parece fundamental à luz do que venho observando.

Conversando com duas jovens de 15 anos no bar, comecei por me apresentar e dizer que estava ali a fazer e qual a pertinência da minha investigação. Depois iniciámos uma conversa muito interessante sobre a escola referindo que estavam este ano numa escola nova pois vieram da escola preparatória, onde afirmam que estavam mais ligadas às redes sociais para postarem fotos ao ar livre e agora nesta escola já não o faziam tão

regularmente pois a escola é mais fechada e mais cinzenta, costumam utilizar a internet mais para ler livros, numa aplicação que têm de leitura, e que, apesar de disso, não eliminaram a leitura tradicional de livros do seu quotidiano, como me mostraram depois com um livro que tinham na mala. Falaram-me também que utilizavam as redes para comunicar com pessoas do outro lado do mundo, mais concretamente Macau, onde contactam com culturas diferentes e treinam o inglês e o mandarim. Percebi que são jovens muito interessadas em informações históricas e em conhecer culturas diferentes mostrando um gosto em estarem atualizadas sobre tudo o que se passa no mundo. Uma delas referiu que tem uma amiga que conhece apenas *online* e que vai conhecer pessoalmente num encontro de jovens que vai acontecer no verão, um evento onde os fãs de *KPOP* (música pop coreana) se vão reunir. Relativamente à família, questionei-as sobre como a mãe e o pai se relacionam com o uso das tecnologias, disseram que a mãe, ao contrário delas, utiliza o *facebook* diariamente e referiram que quando usavam mais as redes sociais havia um controle dos pais e que uma delas uma vez ficou de castigo, sem telemóvel por ter postado algo inconveniente. Também nessa fase tinham que deixar os telemóveis na cozinha antes de irem dormir, ou seja, não lhes era permitido o uso do telemóvel no quarto, o que, segundo elas, era complicado pois todos os colegas podiam estar *online* até mais tarde menos elas. Referiram que como pertencem ao grupo de escuteiros, passam vários dias sem telemóvel e, por isso, não sentem tanta necessidade de o ter sempre acessível. Mas quando voltam a ter o telemóvel passados esses dias, passam horas a atualizarem-se. Ou seja, por passarem muito tempo sem o telemóvel, sentem-se desatualizadas, excluídas e desligadas do mundo. Outro dado curioso foi o facto de referirem que já não viam televisão há mais de um ano pois preferem ver apenas o que querem no computador, as séries, os documentários, os vídeos, a música, por ser mais rápido e prático. Indicaram que quando eram mais novas (13/14 anos), viviam as redes sociais mais intensamente e que agora mais velhas já não lhes dão a mesma importância nem se identificam tanto, não vendo nestas grande utilidade, apesar de se manterem mais ou menos ao corrente do que se passa, acham ridículo, por exemplo, que se postem aquelas mensagens no *facebook* de como se estão a sentir, em que estão a pensar, os recados indiretos para os outros, etc. Preferem conviver sem se isolarem muito, portanto consideram que quem passa o tempo todo nas redes, isola-se e precisa de atenção, procurando-a ali. Mencionaram que conhecem um caso de uma rapariga da mesma idade que fez uma amizade *online* que se revelou perigosa onde outra pessoa não era quem dizia ser e como consequência essa rapariga

estava impedida de ter qualquer acesso à internet, quer pelo telemóvel quer pelo computador. Esta situação pô-las alerta para os malefícios existentes na internet e estão sempre atentas a este tipo de contactos que sabem que existem.

## CAPÍTULO 5

### CASOS BIOGRÁFICOS E ANÁLISE COMPARATIVA

A análise dos dados foi feita em duas partes distintas, sendo que a primeira parte ocorreu aquando da recolha dos dados propriamente dita, onde foi feita uma triagem, retirando o que não era considerado pertinente para a minha investigação, mantendo o que percebi ser relevante e guardando meticulosamente tudo o que considerei ser fundamental. A segunda parte desta análise, a mais formalista, decorreu ao longo da elaboração desta dissertação, onde escrutinei mais pormenorizadamente cada detalhe dos dados resultantes da minha pesquisa de campo.

Os apêndices mostram um pouco a estrutura desta última parte investigativa. O primeiro apêndice contém o guião de entrevista realizado a cada um dos três casos entrevistados (cf. Apêndice 1A, 1B, 1C). O segundo apêndice contém a transcrição de cada uma das três entrevistas (cf. Apêndice 2A, 2B, 2C). O terceiro apêndice contém uma análise comparativa do conteúdo das vozes dos três entrevistados, a partir do qual é feita a comparação entre os três casos estudados bem como retiradas as conclusões.

#### *5.1 O CASO DO DANIEL: A CRÍTICA AO DUALISMO REAL VS. VIRTUAL*

A entrevista que realizei com o Daniel<sup>22</sup> consistiu numa entrevista exploratória, algo fundamental para a realização do meu objetivo com esta investigação. Com ela quis buscar a concretização do meu objeto de estudo, que passava por compreender a linguagem e a pertinência das minhas questões iniciais para jovens nativos digitais. A ideia era aprender a fazer perguntas contextualizadas com o pensamento destes jovens e não surgir com perguntas de imigrantes digitais. Procurei, assim, uma harmonização entre o que pretendia e o que considerei mais adequado para os jovens que ia observar e

---

<sup>22</sup> O Daniel, de quem falei já nos capítulos anteriores, frequentou a escola secundária Engenheiro Acácio Calazans Duarte até ao 12.º ano e é, hoje, (ano letivo de 2016/2017) estudante da Universidade de Lisboa. A sua entrevista, como já foi referido, é provavelmente a mais reflexiva das três, por se tratar de um jovem que tem um pé em cada uma das margens, um na escola de ontem, outro na escola de hoje, e poder, assim, falar comparativamente e com mais distanciamento.

entrevistar posteriormente. Assim, posicionada num lugar de fronteira, assumi uma postura mais enquadrada num contexto que me era estranho.

O Daniel, de 18 anos, concordou com a realização desta entrevista, que decorreu na sua casa, e prontificou-se a colaborar na minha investigação sendo já conhecedor da temática da mesma.

Quanto às questões iniciais, percebi, ao longo da entrevista, que estavam elaboradas de forma adultocêntrica, ou seja, foram naturalmente elaboradas sob o meu ponto de vista, externamente posicionado, deslocado do universo dos jovens da Era Digital e da forma como interpretam os seus comportamentos, obstáculo que procurei ultrapassar tal como descrevi na metodologia.

Este jovem enfatizou ao longo da entrevista o facto de as pessoas que estão fora do contexto jovem terem a tendência para dividir os mundos, real e digital, quando na verdade, para ele são um só.

*“[...] quem vê isso de fora, quem não usa a internet para essas coisas... internet, pronto as novas tecnologias, não usa para socializar e pensa que esse método para socializar não é válido. Grande parte... Mas para mim é tão válido como se estivéssemos cara a cara...”* (cf. apêndice 2A).

Assim, pude refletir sobre esse assunto no sentido em que, pensando como um Imigrante Digital, estou predisposta a dividir os mundos, real e virtual, quando este Nativo Digital, que cresceu com a Internet sempre acessível, considera apenas um espaço onde existimos de várias maneiras mas sempre coexistindo no mesmo mundo. Não distinguindo, portanto, mas interligando todo o tipo de convivência.

Para este jovem, as redes sociais são apenas mais um meio para facilitar a comunicação quando não é possível estar com os outros pessoalmente. Um meio e não um fim.

*“Pessoalmente não vejo a diferença entre falar atrás de um computador e falar cara a cara. A diferença é que as pessoas que não conseguem, tão facilmente, dizer cara a cara conseguem dizer no computador. Mas as pessoas que conseguem dizer cara a cara conseguem dizer no computador. E estas pessoas podem ser interpretadas como as que não conseguem dizer cara a cara...”* (cf. apêndice 2A).

No entanto, quando contacta com pessoas que nunca conheceu pessoalmente mas apenas *online* a opinião já se altera:

*“Eu por exemplo jogo um jogo em que eu quase todos os dias falo com um francês e jogo com ele e nunca o vi e tratamo-nos bem... [...] Repara, posso falar com ele quase todos os dias, mas é um gajo que conheci na internet eu não o conheço, se ele morrer não me vai acontecer nada. A relação pela internet, não é uma relação muito íntima é quase o oposto de íntimo, é a relação mais superficial que pode haver, pelo menos assim pelo chat, estás a ver, e é assim que eu falo com ele... se morrer amanhã não me acontece nada. Pronto não há aquela interdependência como eu tenho com um amigo de infância...” (cf. apêndice 2A).*

Para Daniel, o uso das redes sociais aproxima quem já se conhece mas mantém distante quem nunca se conheceu. Após referir esta frase, como pode ser confirmado na transcrição da entrevista, eu levantei a questão, se acontecer algo à pessoa que está do outro lado é como se ficasse apenas *offline*, sem levantar qualquer questão ou preocupação sobre o seu bem-estar.

Considerarei importante questionar o Daniel relativamente ao tema desta minha investigação, ao que este respondeu:

*“É um tema extremamente complexo que é preciso ser abordado de várias maneiras para que no futuro não haja esta diferença cognitiva entre as gerações. Os instrumentos que nós usamos agora são tão diferentes dos instrumentos de há 30 anos e provavelmente daqui a 30 vão ser ainda mais diferentes dos que são agora. E acho que os jovens agora não devem ser só educados a tentar usar novas tecnologias, devem ser educados nas novas tecnologias e na própria evolução das novas tecnologias. [...] Por isso é que este tema é extremamente complicado, porque ninguém está qualificado para intervir, porque ninguém acompanhou o desenvolvimento das novas tecnologias desde o computador até agora e essa evolução é muito complexa. Para transmitir isso aos jovens acho que é uma missão muito difícil. [...] Sim se calhar os da minha faixa etária são os mais qualificados a falar disso...” (cf. Apêndice 2A).*

A resposta do Daniel demonstra que este compreendeu o objetivo desta investigação, e a possibilidade de podermos, investigador e investigado, produzir conhecimento relativamente a um tema tão complexo, como o próprio refere, e onde a voz dos que são estudados é ouvida para que a barreira entre imigrantes e nativos se esbata (Vieira R. , 2014).

Ao longo da entrevista foram surgindo questões que não estavam no guião mas considerei adequadas e pertinentes, alterando o que tinha inicialmente pensado pois a forma como tinha estruturado as questões não fazia sentido para o Daniel. Apesar de me aperceber disso ao transcrevê-la, também me apercebi da forma inteligente como o Daniel me respondeu, ao qual agradeço muito esta sua dádiva reflexiva, numa tarde cheia de sol que pedia coisas muito mais interessantes para um jovem fazer.

Quanto à questão das relações interpessoais dos jovens nativos da Era Digital, o Daniel conta que:

*“Ver uma pessoa on line não é a mesma coisa que estar na companhia de uma pessoa e esse valor transmite-se para as relações e a maneira como as pessoas veem esse valor fazem com que elas façam esse julgamento que as relações online são menos importantes e assim...”* (cf. apêndice 2A).

Contra os estereótipos sobre os jovens do mundo contemporâneo, que apontam muito para a ausência de reflexão sobre o excesso das suas práticas de uso das tecnologias multimídia, Daniel é bem claro ao reconhecer que falar com alguém *online* não é a mesma coisa que estar com ele mas até pode ser se ele já conhecer quem está do outro lado.

Quanto ao futuro das novas tecnologias refere:

*“E repara... isto da internet acho que é algo semelhante à invenção da imprensa, porque através da imprensa podiam-se fazer muitos mais livros do que à mão e começaram a criar muitos livros... por isso os humanos que nasceram depois disso tinham muito mais acesso a informação e a conhecimento, por isso conseguiam avançar ainda mais. E agora com as novas tecnologias temos uma velocidade de partilha de informação que é estrondosa... [...] O aparecimento das novas tecnologias não foi só o acesso à informação que foi mais fácil, mas o acesso à informação do passado, ou seja... [...] E não é só isso, os erros que as outras pessoas cometeram no passado agora dá para a vida de quase todas as pessoas o que estão a viver agora, daqui a 50 anos vai dar para ver tudo o que eles fizeram quase todos os dias... Agora com a cena dos n.ºs contribuintes, multibancos isso tudo dá para controlar uma pessoa... [...] Sim e imagina que há agora um génio qualquer tipo Einstein, no futuro os historiadores vão conseguir dizer a história da vida dele muito mais detalhada do que nós vimos agora no canal história e muito mais plausível.”* (cf. Apêndice 2A).

Toda esta entrevista exploratória me alargou horizontes para que olhasse para toda a temática das novas tecnologias e, em particular, para este tema das relações interpessoais com um olhar menos distante e mais contextualizado com o pensamento dos jovens nativos digitais, pois, por vezes, o que pensamos que está do outro lado é pior do que é na realidade.

Numa última referência à entrevista/ reflexão com o Daniel convém justificar, agora de forma mais expressa, o subtítulo atribuído a este caso: a crítica ao dualismo real vs. virtual. No fundo, quando comecei esta entrevista avancei com uma categoria dicotómica (real vs. virtual), que o entrevistado veio a criticar ao longo da conversa (Burgess, 1984), argumentando que quem está de fora tem um discurso dualista, que ele

chama da existência de dois mundos, quando na verdade ele considera que para os jovens nativos digitais só existe um.

## 5.2 O CASO DO CARLOS: O EU AMBIVALENTE

O Carlos foi o primeiro jovem que entrevistei após a entrevista exploratória e o trabalho de campo já feito na sua escola, de forma mais estruturada e mais enquadrada, no sentido de ir ao encontro do que pretendia e ao mesmo tempo utilizando questões com sentido para o entrevistado. O Carlos partilhou comigo algumas reflexões que teve sobre a forma como a vontade de jogar no computador funcionava como um hímen não permitindo que ele se dedicasse a qualquer outra atividade e convívio com amigos que preferiam jogos ao ar livre. Refletindo sobre a convivência entre os jovens perguntei se ele alguma vez se tinha sentido prejudicado relativamente aos amigos por passar tantas horas em frente ao computador. A resposta saiu pronta e na hora:

*“Já, já se afastaram alguns amigos que não têm a mesma intenção de passar o mesmo tempo que eu passo na internet, preferem fazer outras coisas, que eu também preferia antes e que deixei de preferir por causa da internet e ficar muito apegado a isso, se calhar fui perdendo, não perdendo os amigos, mas perdendo as atividades que fazia com eles e deixei de fazer por causa da internet, por estar agarrado ao computador o dia inteiro, por exemplo eles iam para a praia e eu ficava no computador. [...] Ya, é tipo isso, é estranho, não sei explicar, já refleti, mas ... por acaso arrependo-me, mas ...”* (cf. Apêndice 2B).

Como destaque com o subtítulo que escolhi para o Carlos, ele revela aqui a sua ambivalência quanto à escolha que sentiu que fazia constantemente, isto é, via-se, de tal maneira, apegado ao computador e aos jogos que não conseguia afastar-se, mesmo que tivesse muita vontade de o fazer. E de forma consciente permanecia contrariado mas imóvel, em frente ao computador, deixando de conviver com os seus amigos, os quais, conseqüentemente, se foram afastando de forma gradual. O Carlos demonstra, nesta entrevista, arrependimento por não ter aproveitado para sair e divertir-se com os amigos. Este é um jovem de 15 anos que se mantinha por horas diariamente a dedicar-se apenas aos jogos de computador e de, apesar de se questionar do porquê disto acontecer, acabava por ceder sempre à tentação. Mas não podemos limitar a identificação deste jovem apenas a este facto. Demonstrou que é também um jovem reflexivo sobre os seus

comportamentos, preocupado com o seu futuro, sensível no que diz respeito aos problemas pelos quais colegas seus passaram relacionados com o uso abusivo da internet e cyberbullying, o que mostra que mesmo estando sempre online este jovem não deixa de estar atento ao que acontece no mundo real, ao contrário do que refere alguma literatura (Lipovetsky, 2013); (Lévy, Cibercultura, 2000); (Turkle, 2011).

No que diz respeito à sua visão relativamente às relações interpessoais da Era Digital, o Carlos conta que:

*“[...] fisicamente tu conheces as pessoas, sabes os costumes, o que é que elas gostam, não gostam.[...] quando conheces fisicamente sabes que é mesmo verdade, se for pela internet pode não ser assim tão veredito como eles dizem né? É diferente, fisicamente para mim é muito melhor, não tem nada a ver com uma relação começada na internet.”* (cf. Apêndice 2B).

Este é o caso de um jovem que, neste momento, prefere o contacto direto com os seus amigos, pois considera ser mais verdadeiro, mais real, comparando com o contacto online. E quanto aos hábitos dos seus pais na era pré-digital, Carlos considera que estes eram mais felizes pois brincavam na rua uns com os outros e criavam laços mais fortes entre si.

*“Era diferente, eles tinham outra coisa, trabalhar, naquela altura trabalhava-se, não era como nós, que chegamos a casa temos computador e temos internet, temos tudo para fazer [...] tinham que trabalhar, ajudar os pais, hoje também se podia fazer isso, né? Podia se fazer igual, mas é diferente, não sei [...] Provavelmente eram mais felizes do que nós. [...] Não sei, provavelmente acho que deviam ser muito mais felizes do que nós, muito mais, muito mais, mas mesmo muito mais felizes do que nós mesmos, não havia internet divertiam-se. [...] Era com os amigos, eram amigos físicos, fisicamente, não havia cá computadores, não iam à internet, tinham outros passatempos, provavelmente eram muito mais felizes do que nós, eu acho.”* (cf. Apêndice 2B).

Creio que nestas afirmações o Carlos esteja a pensar mais na questão da liberdade que existia no tempo em que os seus pais eram crianças, há 30/40 anos, quando estes podiam ir brincar e estar uns com os outros sem que houvesse um controlo e pressão por parte dos adultos desse tempo. E que atualmente as crianças brincam muito menos na rua e muito mais dentro de casa, onde estão sempre debaixo do olhar de algum adulto, o que faz com o conceito de liberdade para brincar esteja mais estreito.

### 5.3 O CASO DO BRUNO: LIVRE DA REDE

O Bruno foi um jovem que entrevistei também nos mesmos moldes da entrevista com o Carlos, e que me deu algumas dicas sobre as restrições presumivelmente impostas pelos seus pais, durante a minha abordagem inicial. Essas dicas, essas sugestões levaram-me a crer inicialmente que ele teria algum controlo exagerado por parte dos pais para aceder à internet. A entrevista como espaço de descoberta veio a desvanecer esta ideia inicial de poder ser um jovem muito preso à rede familiar, pois quando o questionei diretamente relativamente à questão dos conflitos que poderia ter com os seus pais, apenas me disse que não, mas sem mais explicações. Fiquei reticente quanto à divulgação desta entrevista para explorar nesta dissertação mas depois pensei que seria uma forma de trazer um caso diferente dos outros, em que este jovem acede pouco à internet e gosta mais de conviver com os seus amigos ao ar livre e sem estar constantemente *online*, sendo amigo de outros jovens que, pelo contrário, passam horas e horas presos às redes digitais. Nas suas próprias palavras, e ao modo etnográfico e biográfico (Marques J. C., Faria, Silva, Vieira, & Lopes, 2016, pp. 130-144),

*“Não costumo passar muitas horas seguidas, é... normalmente ando com o telemóvel no bolso e de vez em quando vou... vou usando para consultar a internet. [...]. Sim, porque eu só uso... eu uso o telemóvel mas é moderadamente, não estou sempre a usar. É só quando preciso.”* (cf. Apêndice 2C).

Neste caso, a questão das relações interpessoais na Era Digital, não se impõem de uma forma tão evidente assim. Depois de referir que não mantém contacto com pessoas que conhece apenas *online*, refere que:

*“Não sei, como nunca vivi isso não sei mas... acho que não seria tão... tão real, não conhecer e não ter a certeza se essa pessoa existe mesmo. [...].”* (cf. Apêndice 2C).

Quanto à questão da possibilidade da perda da capacidade dos jovens utilizarem a linguagem não-verbal também como uma forma de comunicarem (Vieira R. , 2011, pp. 110-118), o Bruno refere:

*“Eu acho que não porque até, hoje em dia dá para exprimir bem por causa dos emojis e isso tudo, acho que é fácil também de... [...] é mais fácil com os emojis e isso... antes era mais difícil... quando era por mensagens e era só texto, era diferente.”* (cf. Apêndice 2C).

Com a existência dos *emojis* a comunicação através da linguagem não-verbal mantém-se mesmo à distância. As tecnologias estão numa constante e rápida evolução. De um ano para o outro as transformações que acontecem são inúmeras e esta foi uma delas, os *emojis*, bonecos que expressam as emoções que não eram possíveis de reproduzir sem ser por palavras, surgiram para enriquecer a comunicação *online*.

A propósito disso, António Sacavém (2014) refere:

“Enquanto expandimos a inteligência emocional, tornamos mais conscientes os processos automáticos e conseguimos responder melhor, mais rapidamente e de forma mais criativa. A linguagem não-verbal assume-se, então, como um ingrediente essencial para o processo global de comunicação e, assim enquadrada, é uma via suficientemente robusta e poderosa para, em conjunto com as palavras, criarmos relacionamentos mais autênticos, sustentáveis e felizes, na empresa e na família.” (p. 17).

Muitos outros estudos podiam ser aqui também citados a propósito de referências ao empobrecimento do vocabulário com o desenvolvimento da imagem na comunicação e ao desenvolvimento de novas literacias (Sartori, 2000); (Seixas, 1997); (Lévy, 2000); (Popper, 1995); (Santos J. d., 2000); (Veen & Vrakking, 2009); (Reis, 2002); (Torres, 1998) mas agora o tempo é já de necessariamente caminhar para a meta final.

De qualquer forma, aquela reação espontânea que surge aquando de um qualquer acontecimento ou ação pode, ou não, ser reproduzida, dependendo da escolha da pessoa que a está a transmitir. O que faz com que a espontaneidade se perca pelo caminho, quando é pensada. O que de facto não responde a uma questão inicial, a qual refiro no primeiro ponto da introdução: seremos diferentes quando estamos a comunicar diretamente com o outro em comparação a quando estamos “escondidos” atrás do computador pois permite-nos ter uma reação e expressão completamente oposta ao que poderemos estar a escrever e a partilhar na internet?

O Bruno é um jovem que, apesar de não estar sempre *online*, recorre ao telemóvel, um dispositivo muito utilizado pelos jovens de hoje, para se manter atualizado nas redes sociais. Quanto às diferenças entre o seu dia-a-dia de hoje e o quotidiano dos seus pais quando tinham sua idade, o Bruno refere:

“*Sim, eu acho que eles antigamente tinham... conviviam muito mais do que agora, porque agora as brincadeiras acabam por ser mais nos computadores, em casa e... antes não. Antes iam todos para a rua e isso...[...]* Eu acho que era melhor.[...] *Porque... acho que assim conhece-se muito melhor as pessoas e criam-se muitos mais amigos se for assim do que se for por Internet.*” (cf. Apêndice 2C).

A opinião do Bruno assemelha-se muito à do Carlos, relativamente ao facto de ambos considerarem que os seus pais eram mais felizes e conviviam mais, e que agora as brincadeiras são mais dentro de casa, mais presos às redes digitais e, curiosamente, mais presos à rede familiar, ainda que em silêncio, numa espécie de convivência desligada. É curioso como estes jovens têm a noção de que são mais felizes ao ar livre mas mantêm-se em casa, em frente ao computador sem se questionarem muito sobre o porquê. Está nas mãos deles, a escolha... Ou não?!

## CONCLUSÃO

Chegando à parte final deste infundável mas profícuo trabalho, percebo que as minhas questões iniciais se mantiveram, com alguns arranjos e desarranjos, e que se obtiveram respostas diversificadas, facto que, penso, vem enriquecer a minha investigação. Espero que, com as minhas observações diretas e participantes, acompanhadas das entrevistas como conversa (Burgess, 1984), com as entrevistas semiestruturadas, tenha agitado um pouco os pensamentos destes jovens com quem interagi, relativamente ao tema das suas relações interpessoais, jovens que se assumem integrantes da Era Digital. E espero, também, que os tenha levado a refletir sobre os seus comportamentos e a questionar mais as suas escolhas.

Esta dissertação de mestrado assumiu, assim, o objetivo de compreender o ponto de vista dos jovens nativos da Era Digital, quanto às relações interpessoais que mantêm entre si.

Os estudos sobre os jovens na Era Digital, apesar de estarem na “moda”, são escassos do ponto de vista da perspetiva desses mesmos jovens nativos como mostro na revisão da literatura, nos capítulos 1 e 2. Muitas vezes, sempre que se estuda um mundo diferente, estranho, antropológicamente falando, alguns investigadores avançam munidos de categorias apriorísticas as quais se desmoronam quando percebemos que “o pensamos ser está muito distante do que realmente é”. Isto é, eu poderia procurar perceber até que ponto os jovens com 15/16 anos que frequentam hoje a escola secundária habitam dois mundos, culturalmente falando, um da convivência tradicional face-a-face, como a geração anterior à Era Digital, e um outro, dentro ou fora da escola, onde as formas de convivência se restringem, principalmente, ao que necessitamos de chamar de convivência virtual. Optar por este tipo de estudo seria optar por um paradigma verificativo que não era o que pretendia, pois tencionava ir além do experimentalismo restrito, e obter um conhecimento mais alargado, compreensivo e de descoberta a partir do estudo da alteridade, considerando os contextos sociais e psicológicos e formas de interpretação que ultrapassam o método científico positivista (Boavida & Amado, 2006).

Ao longo das leituras que fui fazendo, identifiquei-me mais com uma perspectiva da descoberta, um paradigma indutivo, que se centraliza em tentar não levar pré noções, pré conceitos, para questionar estes jovens, mas numa conversa mais espontânea e aberta, procurando descobrir a perspectiva “do outro” em relação à forma como veem os laços de convivência que criam.

Concluí que nem sempre os jovens nativos da Era Digital se consideram mais desligados do mundo real por estarem sempre *online*. A minha problemática assentou numa primeira questão orientadora, “como convivem os jovens da Era Digital, esses jovens nativos, na escola e fora da escola?” que acabou por estar sempre presente em todo o trabalho de campo, quer na observação direta e participante, quer nas entrevistas realizadas. Numa perspectiva etnográfica, hermenêutica e fenomenológica (Amado J. , 2013); (Vieira R. , 2014); (Silva, Etnografia e Educação, Reflexões a Propósito de uma Pesquisa Sociológica, 2003); (Silva, 2009), qualquer que seja o tipo de convivência que se venha a descobrir não é nem mais nem menos humana do que aquela a que estamos habituados. É, possivelmente, diferente mas apenas isso.

O trabalho de campo que realizei com os jovens nativos digitais, dentro do espaço escolar e no espaço periférico à escola onde eles buscam um acesso livre e ilimitado à internet, bem como as entrevistas como conversa realizadas com os mesmos, mostra que a imagem que os jovens têm de si, a identidade pessoal ou autoidentidade, não é tão coincidente com a imagem que os adultos têm dos mesmos, a identidade social (Vieira R. , 2009).

A pedagogia social e a mediação intercultural sensibilizam para o paradigma da complexidade (Vieira & Vieira, 2016), para que tomemos consciência da incompletude que nos rodeia, incluindo a nossa própria. A tensão e o conflito são dimensões naturais e fundamentais na convivência humana e são potencialmente geradores de mudança, desenvolvimento e criatividade. As escolas, os alunos, a comunidade convivem desde sempre no meio de diferenças socioculturais que podem gerar tensões e conflitos. São comuns em muitas escolas, diversos tipos de comportamentos e atitudes que interferem com o clima relacional e com a aprendizagem, casando medo e absentismo, não apenas entre estudantes mas, também, entre professores ou outros profissionais da escola.

A mediação visa a aprendizagem da convivência, numa lógica transformadora e preventiva numa cultura de paz (Jares, 2007); (Torremorell, 2008) e também de métodos para a resolução de conflitos (Jares, 2007); (Vezzulla, 2001), que enfatizam a capacidade do mediador e das partes em disputa para uma escuta ativa, pensando criticamente no que é discutido para que possam ser encontradas alternativas, possibilidades, novas visões, entendimentos, compreensões relativas ao problema em causa. A mediação escolar e, em particular, a mediação entre pares representam novas formas de lidar com o conflito, distanciando-se dos métodos clássicos, punitivos e promotores de exclusão.

Também aqui, no diálogo e anti diálogo, na compreensão e incompreensão entre nativos digitais e imigrantes digitais a mediação intercultural é, do meu ponto de vista, fundamental quer do ponto de vista preventivo, quer do ponto de vista resolutivo, quer da aprendizagem pela troca, em género de construção de uma cultura de paz como referem Jares (2007) e Torremorell (2008), entre outros.

Com as questões levantadas logo na introdução, penso ter deixado claro, logo aí, qual a minha problemática específica nesta investigação. No âmbito da mesma, e considerando a literatura que apresentei atrás, foram levantadas as seguintes questões:

- 1 – Estarão os jovens da Era Digital a perder o tato humano, a sua humanidade?
- 2 – Vivemos hoje as relações de forma mais descartável?
- 3 - O homem digital será um homem mais desumano do que o homem pré-digital?
- 4 - Linguagem não-verbal vai perder-se ou deixar de ser interpretável?
- 5 – Estarão os jovens nativos digitais a perder a capacidade de encarar os outros face-a-face?
- 6 - Será o isolamento para se relacionar apenas *online* uma nova forma de solidão? (Turkle, 2011).
- 7 - Será que os jovens se veem desta forma tão irreflexiva em relação ao (des)conhecido? (Lévy, Cibercultura, 2000).
- 8 - Será que a perspetiva do Daniel, uma dos jovens estudados, mudou devido ao facto de estar hoje noutra contexto, o universitário, com novos projetos, novos amigos, novos professores, etc.?
- 9 - Quais serão os projetos de vida dos adolescentes mais novos que o Daniel?

**10** - Será a idade um fator que influencia a forma de se relacionarem com a internet e a importância que lhe é dada?

Após a descrição feita de cada um dos três casos estudados propus-me a comparar o que dizem estes jovens nativos digitais relativamente a estas questões, por forma a se concluir haver por unanimidade de pensamentos ou, pelo contrário, diferentes respostas às mesmas questões.

Assim, com base nos três casos que apresento no capítulo 5, e recorrendo, também, às conversas informais que mostro no último ponto do capítulo 4, estas questões obtiveram respostas, as quais apresento e analiso de seguida.

Este estudo não pretende, contudo, generalizar comportamentos de jovens da Era Digital mas mostrar como eles pensam de modo diferente. Ainda assim, os três jovens têm pontos comuns e outros diferentes no que diz respeito ao tema da convivência interpessoal (cf. Apêndice 3).

Estes jovens, com idades entre os 15 e os 18 anos, partilharam as suas opiniões, de forma a serem aqui exploradas, analisadas e comparadas. Considerando as questões acima, e tendo em conta que todos eles utilizam a internet pelas mais variadas razões, uns mais do que outros, no caso do Daniel, para estudo:

*“Se eu não tivesse internet não conseguia estudar, porque tenho a plataforma dos apontamentos, se não tivesse acesso à plataforma não conseguia estudar. E também uso a internet como entretenimento.”* (cf. Apêndices 2A e 3).

Para jogar:

*“[...] Eu por exemplo jogo um jogo em que eu quase todos os dias falo com um francês e jogo com ele e nunca o vi e tratamo-nos bem...”* (cf. Apêndices 2A e 3).

Para contactar com os amigos:

*“[...] eu agora falei nos jogos, mas também há essas nas redes sociais, por exemplo, eu tenho muitos amigos que já não vejo desde a escola e só comunico com eles só no snapchat e pelo facebook, por exemplo.”* (cf. Apêndice 2A e 3).

No caso do Carlos, é raro utilizar a internet para estudar, já que os jogos ocupam grande parte do seu tempo ao computador, bem como a comunicação à distância com os pares,

*“Para falar com os amigos, com a namorada ou para jogar, mais nada, quer dizer e ver vídeos às vezes, mas é mais jogar e falar. [...] Só se for para ir ver os*

*apontamentos que os stores mandam, senão nada mesmo, tipo pesquisas e isso não, não costume.”* (cf. Apêndice 2B e 3).

Sendo que no caso do Bruno,

*“Uso as redes sociais... quase só”* (cf. Apêndice 2C e 3).

Quanto à minha questão relativamente à possibilidade de estarem sem internet, o Daniel e o Carlos contam que seria muito complicado. Já o Bruno refere que não teria problema algum com isso. O facto de estarem ligados à internet enquanto estão na escola também é algo considerado natural, nos três casos, e também no caso dos jovens com quem conversei na escola, é algo habitual. De referir, apenas, que alguns dos jovens com quem interagi e falei durante o trabalho de campo que realizei na escola referiram que, por vezes, se deslocavam ao café perto da escola para acederem à internet para jogarem ou para acederem a um qualquer documento que exigisse uma internet mais rápida. (cf. Apêndice 3 e último ponto do capítulo 4).

Quanto à questão da convivência dos seus pais quando eram jovens, em comparação à deles, os jovens de hoje, o Carlos e o Bruno referem que os seus pais eram mais felizes pois não ficavam em casa o dia todo como eles, brincavam na rua e divertiam-se muito mais. Sendo que esta pode ser uma ideia transmitida pelos seus pais e não ser propriamente o que pensariam se assim não fosse. (cf. Apêndices 2B, 2C e 3).

Relativamente às situações que conhecem sobre *cyberbullying*, os três respondem que nunca aconteceu com eles mas todos referem que conhecem alguém na turma que foi numa determinada altura vítima deste tipo de *bullying*. Falando do isolamento social, o Daniel e o Carlos referem que também tiveram colegas de turma que deixaram de conviver com os amigos, na escola, no café, para estarem sempre no computador, principalmente para jogar. (cf. Apêndices 2A, 2B e 3).

A questão a que me refiro aos jovens nativos digitais estarem a perder o tato humano, pelo que retirei das entrevistas como conversa, da observação que fiz e das entrevistas, uma exploratória e duas semiestruturadas, e depois de alguma análise e reflexão sobre os dados recolhidos, considero que serão poucos os jovens que perderam a sensibilidade e a preocupação com o que acontece à sua volta, no mundo “real”. Na interação com todos estes jovens nativos digitais percebi que, grande parte das questões que me

acompanharam ao longo desta investigação eram o resultado da uma reflexão crítica alusiva às leituras que fiz e que não fazem muito sentido, tendo em conta que estes jovens, são seres humanos iguais a todos os outros, com a particularidade de viverem na Era Digital, muito diferente da Era “Analógica”, onde a informação lhes “escorre pelos dedos” a uma velocidade tal que os Imigrantes Digitais não têm forma de acompanhar, o que resulta em desconhecimento, desconfiança, distanciamento, incompreensão relativamente aos hábitos e comportamentos dos jovens.

Por exemplo, o Daniel refere,

*“[...] Eu, por exemplo, já joguei vários jogos e para aí no 10º ano vinha para casa e jogava “metin” e aquilo era um mundo lá dentro. Eu via-me como a personagem que jogava, eu vi-a mim na personagem, no boneco e por isso também posso dizer que eu já considerei o mundo virtual como real. Mas isso não faz de mim uma pessoa que não existe no mundo real.” (cf. Apêndice 2A).*

Daniel, que considerei um jovem reflexivo, enfatiza aqui a dualidade do virtual e do real, como dois mundos que muitas vezes se fundem e se confundem, o que se pode tornar perigoso. De salientar aqui mais uma vez a questão destes jovens estarem na fase da adolescência, da construção saudável da sua identidade, terem espírito crítico e reflexivo é essencial para que, em situações de excesso, num certo momento, sempre com alguma supervisão (pais, família, adultos de referência, amigos, escola), possa haver uma intervenção social preventiva, uma mediação intercultural. Pois quanto menores forem os fatores de risco, menor a probabilidade de acontecer algo mais grave e determinante para a construção da sua identidade no futuro.

Portanto, encontrei respostas para as minhas questões de referência, de forma indireta, observando os seus comportamentos e refletindo sobre as reflexões que me apresentaram durante as três entrevistas com o Daniel, o Carlos e o Bruno, no sentido em que neste momento é necessário pensar com estes jovens nativos digitais, antes de recorrer a mais olhares adultocêntricos. Urge compreendê-los, dialogar com eles, perceber a sua perspetiva (Geertz, 1979), na direção de uma cultura para a paz (Jares, 2007), prevenindo as incompreensões e os conflitos intergeracionais.

O título que escolhi, “Convivência (des)ligada”, surgiu praticamente no final desta investigação, depois de várias dúvidas e algumas certezas, alterações, enfim, algo inquietante e que, de repente, passou a fazer sentido. Acaba por ser não apenas um título

mas, também, uma espécie de resumo da conclusão, no sentido em que, para alguns jovens, a cibercultura gera convivências desligadas, frágeis, líquidas (Bauman Z. , 2001), sendo que, para outros jovens, a convivência mantém-se ligada, complementando-a e ampliando-a.

Por fim, gostaria de reforçar que este estudo constituiu apenas um contributo para o conhecimento da perspectiva dos jovens, pela voz de três casos e através das conversas informais durante o trabalho de campo. Dada a importância do tema, considera-se que muito há ainda que percorrer no campo da investigação nesta área sendo, portanto, um campo fértil de trabalho para outros investigadores e para pesquisas futuras sobre a compreensão da juventude e sua relação com as literacias multimédia.

*“Compreender melhor o outro confere-nos uma nova responsabilidade. A responsabilidade de o respeitarmos, para lá das limitações do nosso próprio julgamento.”*

António Sacavém (2014)

## BIBLIOGRAFIA

- Amado, J. (2005). Contextos e Formas da Violência Escolar. *Revista Portuguesa de História*, vol. XXXVII, 299-325.
- Amado, J. (2013). *Manual de Investigação Qualitativa em Investigação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amado, J., & Ferreira, S. (2013). Estudos (auto)biográficos - Histórias de Vida. In J. Amado (Org.), *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (pp. 169-185). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amado, J., & Matos, A. (2015). O Cyberbullying entre os Comportamentos de Risco Online. In G. Miranda (org.), *Psicologia dos Comportamentos Online* (pp. 81-105). Lisboa: Relógio D'Água.
- Amado, J., & Vieira, C. (2016). Mediação de Conflitos em Contexto Escolar: Pressupostos e Desafios. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira, C. Margarido, & (orgs.), *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 87-103). Porto: Edições Afrontamento.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização: As Consequências Humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2003). *Amor Líquido*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Bell, J. (2003). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Benavente, A., Rosa, A., Costa, A. F., & Ávila, P. (1996). *A Literacia em Portugal. Resultados de uma pesquisa intensiva e extensiva*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/CNE.
- Boavida, J., & Amado, J. (2006). *Ciências da Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Bronfenbrenner, U. (1990). *Discovering what families do in rebuilding the Nest: A new commitment to the american family*. Family Service America.
- Burgess, R. G. (1984). *The Social Organization of Schools*. Londres: B. T. Batsford.
- Canclini, N. G. (2004). *Diferentes, Desiguales Y Desconectados*. Barcelona: Publidisa.
- Cardoso de Oliveira, R. (1998). *O Trabalho do Antropólogo*. São Paulo: UNESP.
- Caria, T. (2003). *Metodologias Etnográficas em Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.

- Caride, J. A. (2016). La mediación como pedagogía social: viejas realidades, nuevos retos para la intervención social. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira, C. Margarido, & (orgs.), *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 13-25). Porto: Edições Afrontamento.
- Castells, M., & Cardoso, G. (. (2005). *Sociedade em Rede*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Chomsky, N. (1975). *Reflexões sobre a linguagem*. Lisboa: Edições 70.
- Coimbra, M. A. (2010). *(DES)HUMANO DEMASIADO (DES)HUMANO*. Porto: Edições Afrontamento.
- Delors, J. (1996). *Educação: um Tesouro a Descobrir*. UNESCO.
- Elias, N. (1994). *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Faria, S., & Vieira, R. (2016). 6. Epistemologia e Metodologia em Mediação e Ciências Sociais. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira, C. Margarido, & (Orgs.), *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 105-124). Porto: Edições Afrontamento.
- Fellers, J. W. (1996). People skills: Using the cooperative learning model to teach students. *Interfaces*, 42-49.
- Geertz, C. (1979). *From the Natives Point of View: Anthropological Understanding*. California: Berkeley, Los Angeles & London.
- Giddens, A. (1992). *The Transformation of Intimacy: Sexuality, Love and Eroticism in Modern Societies*. Oxford: Polity.
- Giddens, A. (2005). *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo*. Estoril: Princípia.
- Hall, E. T. (1994). *A linguagem silenciosa*. Lisboa: Relógio D'água.
- Hall, S. (1999). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hammersley, M., & Atkinson, P. (1994). *Etnografia*. Barcelona: Paidós.
- Henriques, S. (2011). Educação social, literacia digital e cidadania: contributos metodológicos. *RAE – Revista Animação e Educação*, 13.
- Iturra (org.), R. (1996). *O saber das crianças*. Setúbal: ICE.
- Jares, X. R. (2007). *Pedagogia da Convivência*. Porto: PROFEDIÇÕES, Lda/Jornal a Página da Educação.

- Levenfus, R. S., & Soares, D. H. (2002). *Geração Zapping e o Sujeito da Orientação Vocacional (Orgs)*. Porto Alegre: Artmed.
- Lévy, P. (1997). *Collective Intelligence. Mankind's emerging world in cyberspace*. . Massachusetts: Perseus Books.
- Lévy, P. (2000). *Cibercultura*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lipovetsky, G. (2013). *A Era do Vazio*. Lisboa: Edições 70 .
- Marques, J. C., Faria, S., Silva, P., Vieira, R., & Lopes, S. M. (2016). A Prática da Investigação no Estudo da Interculturalidade. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira, C. Margarido, & (Orgs), *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 125-155). Porto: Edições Afrontamento.
- Marques, J., Faria, S., Silva, P., Vieira, R., & Lopes, S. (2016). A prática da investigação no estudo da interculturalidade. In R. Viera, J. Marques, P. Silva, A. Vieira, C. Margarido, & (orgs.), *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 125-155). Porto: Edições Afrontamento.
- McLuhan, M. (2005). *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo: Cultrix.
- Mead, M. (1951). *Adolescencia y cultura en Samoa*. Buenos Aires: Paidós.
- Miranda (org.), G. L. (2015). *Psicologia dos Comportamentos Online*. Lisboa: Relógio D' Água.
- Morin, E. (1988). L'esprit du temps. In 18-19. Paris: Grasset.
- Morin, E. (2008). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Negroponte, N. P. (1995). *Being Digital*. New York: Vintage Books.
- Palfrey, J., & Gasser, U. (2011). *Nascidos na Era Digital*. Porto Alegre: Artmed.
- Popper, K. (1995). *Televisão: Um perigo para a democracia*. Lisboa: Gradiva.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Reis, F. (1991). *Educação, Ensino e Crescimento*. Lisboa: Escher.
- Reis, F. (1997). Da Antropologia da Escrita à Literacia. Algumas reflexões sobre o estudo nacional da literacia. *Educação, Sociedade & Culturas*, nº 8 , 105-120.
- Reis, F. (2002). Literacia, média e cognição: algumas observações . *Educação, sociedade & culturas*, n.º 18, 87-104.
- Sacavém, A., Wezowski, K., & Wezowski, P. (2014). *A linguagem corporal revela o que as palavras escondem*. Setúbal: Top Books.
- Santos, B. S. (1997). Por uma concepção multicultural de direitos humanos. *Revista crítica de ciências sociais*, n.º 48, 11-32.

- Santos, J. d. (2000). *Homo Zappiens*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Santos, J. R. (2015). *Comunicação*. Lisboa: Gradiva.
- Sarmento, M. J., & Cerisara, A. B. (2004). *Crianças e Miúdos. Perspetivas sociopedagógicas da infância e educação*. Lisboa: Asa.
- Sartori, G. (2000). *Homo Videns: Televisão e Pós-pensamento*. Lisboa: Teorema.
- Seixas, M. J. (1997). Mesmo nos concursos a gente aprende coisas - televisão e escola - um conflito de universos e discursos. *Educação, Sociedade & Culturas*, n.º 8, 21-43.
- Silva, P. (2003). *Etnografia e Educação, Reflexões a Propósito de uma Pesquisa Sociológica*. Porto: Profedições.
- Silva, P. (2009). Ethnography: a method on the razor's edge. *Problemy Wczesnej Edukacji: Issues in Early Education*, n.º 2 (10), 46-64.
- Silva, P., Margarido, C., Pimentel, L., & Santos, R. (2016). Mediação e Intervenção: Famílias, Grupos e Comunidades. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira, C. Margarido, & (orgs.), *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 179-217). Porto: Edições Afrontamento.
- Souta, L. (1997). *Multiculturalidade e Educação*. Porto: Profedições.
- Tapscott, D. (1998). *Growing up digital - The rise of the Net Generation*. Nova Iorque: McGraw-Hill.
- Torremorell, M. C. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.
- Torres, E. C. (1998). *Ler Televisão*. Oeiras: Celta.
- Turkle, S. (1995). *Life on the screen*. New York: Simon & Schuster Paperbacks.
- Turkle, S. (2011). *Alone Together*. New York: Basic Books.
- Veen, W., & Vrakking, B. (2009). *Homo Zappiens. Educando na Era Digital*. Porto Alegre: Artmed.
- Vezzulla, J. C. (2001). *Teoria e prática da mediação*. Curitiba: Instituto de Mediação e Arbitragem do Brasil.
- Vieira, A. (2013). *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Porto: Profedições.
- Vieira, A., & Vieira, R. (2016). *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações*. Porto: Profedições.
- Vieira, R. (1999). *Histórias de Vida e Identidades*. Porto: Edições Afrontamento.
- Vieira, R. (2009). *Identidades Pessoais*. Lisboa: Edições Colibri.
- Vieira, R. (2011). *Educação e Diversidade Cultural*. Porto: Edições Afrontamento.

- Vieira, R. (2014). Life stories, Cultural Metissage and Personal Identities. *Sage Open*, 4,1, 1-13.
- Vieira, R., & Vieira, A. (2016). Mediações Socioculturais: conceitos e contextos. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira, & C. Margarido, *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 27-55). Porto: Edições Afrontamento.
- Vieira, R., & Vieira, A. (2017). Construindo Pontes e Travessias: das Mediações Sociais à Mediação Intercultural. *Revista Mediações*, vol. 5 nº 1, 44-56.

## WEBGRAFIA

@ A construção do homem: identidades e metamorfoses;

[https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/274/1/n2\\_art2.pdf](https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/274/1/n2_art2.pdf) (consultado em 26/6/2017).

@ Alone Together;

<http://alonetogetherbook.com/?p=3> (consultado em 28/12/2016).

@ Culturas urbanas juvenis: jogo identitário, lugares e sociabilidade;

[http://www.academia.edu/6806852/Culturas\\_urbanas\\_juvenis\\_jogo\\_identit%C3%A1rio\\_lugares\\_e\\_sociabilidade](http://www.academia.edu/6806852/Culturas_urbanas_juvenis_jogo_identit%C3%A1rio_lugares_e_sociabilidade) (consultado em 15/5/2017).

@ Educação Social, literacia digital e cidadania: contributos metodológicos;

<http://docplayer.com.br/4107936-Susana-henriques-susana-a-henriques-gmail-com-educacao-social-literacia-digital-e-cidadania-contributos-metodologicos-universidade-aberta.html>

(consultado em 20/02/2017).

@ Manual de Curso de lidar com a Diversidade Cultural e Promover a Igualdade e Valorizar a Diferença; [http://www.cidadesglocais.org/ficheiros/file/diversidade\\_cultural.pdf](http://www.cidadesglocais.org/ficheiros/file/diversidade_cultural.pdf) (consultado em 16/5/2017).

@ Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores;

<http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n1/04.pdf> (consultado em 15/5/2017).

@ Sociabilidades juvenis *online*;

<http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2027/1/Comunidades%20Virtuais%20de%20Aprendizagem%20e%20Identidades%20no%20Ensino%20Superior.pdf#page=70> (consultado em 14/05/2017).

@ Sociologia; <https://damas20162.files.wordpress.com/2016/08/giddens-anthony-sociologia.pdf> (consultado em 26/7/2017).

@ Stopphubbing. (s.d.). <http://stopphubbing.com/> (consultado em 14/1/2014).

@ Territórios Digitais: Dilemas e Reflexões sobre Práticas de Adolescentes na Cibercultura;

<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/3365/2691> (consultado em 15/5/2017).

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1A – GUIÃO DA ENTREVISTA EXPLORATÓRIA FEITA COM O DANIEL

- Idade e ano de escolaridade.
- O tempo e o motivo da utilização da internet.
- Quanto tempo aguentas sem internet?
- Diferenças entre quem cresceu antes e depois da Era Digital.
- Benefícios e malefícios da Internet.
- As diferenças nas relações interpessoais pré e pós Era Digital.
- Conheces alguém apenas *online*?
- Se já foi prejudicado ou se conhece alguém e como.
- Diferenças nos usos por idades.
- Opinião sobre o tema desta dissertação.

## APÊNDICE 1B – GUIÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA FEITA COM O CARLOS

- Idade/ ano/ o que pretendes seguir
- Quanto tempo passas *online* por dia (média)?
- Como te sentias se não tivesses internet durante 24h?
- Achas que a internet pode ser prejudicial?
- Conheces alguém apenas *online*?
- Costumas conviver com os teus amigos *online*? Estão mais tempo *online* ou cara-a-cara? O que preferes?
- Já tiveste algum problema com os teus pais devido ao tempo que passas *online*?
- O que achas que é diferente do tempo dos teus pais para agora?
- Achas que a Internet pode tornar as relações interpessoais, tais como a amizade, o namoro, mais superficiais, menos reais?
- A linguagem não-verbal vai-se perder?
- E fisicamente, achas que o facto de estares ao telemóvel, ou de estares sempre baixado ficas com uma postura incorreta, achas que isso te prejudica no crescimento?

## APÊNDICE 1C – GUIÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA FEITA AO BRUNO

- Idade/ ano/ o que pretendes seguir
- Quanto tempo passas *online* por dia (média)?
- Quais os dispositivos que mais usas para aceder à Internet?
- Como te sentias se não tivesses internet durante alguns dias?
- Achas que a internet pode ser prejudicial?
- Conheces alguém apenas *online*?
- Costumas conviver com os teus amigos *online*? Estão mais tempo *online* ou cara-a-cara? O que preferes?
- Já tiveste algum problema com os teus pais devido ao tempo que passas *online*?
- O que achas que é diferente do tempo dos teus pais para agora?
- Achas que a Internet pode tornar as relações interpessoais, tais como a amizade, o namoro, mais superficiais, menos reais?
- A linguagem não-verbal vai-se perder?
- A evolução das tecnologias no futuro.

## APÊNDICE 2A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA EXPLORATÓRIA FEITA COM O DANIEL

Entrevistadora – Eu

Entrevistado – Daniel

**Eu – Tu Utilizas a Internet?**

**Daniel** – Todos os dias..

**Eu – E o que é que utilizas na internet? É para quê?**

**Daniel** – Se eu não tivesse internet não conseguia estudar, porque tenho a plataforma dos apontamentos, se não tivesse acesso à plataforma não conseguia estudar. E também uso a internet como entretenimento.

**Eu – E imaginas-te a viver sem internet?! Imaginas que existe um mundo sem internet?!**

**Daniel** – Não me imagino a viver sem internet, mas imagino o mundo a viver sem internet ...não por muito tempo.

**Eu – Isto é um estudo baseado nos jovens ocidentais, por noutras zonas do Mundo não há internet, nem há esta realidade que nós temos aqui.**

**Daniel** – Sim.... A internet é extremamente útil, mas também está cheia de distrações...

**Eu – Sim distrações e desinformação...**

**Daniel** – Sim...

**Eu - E tens noção, em que por exemplo os teus pais nasceram numa era em que não havia nada disto. Achas que isso faz com que eles não percebam alguns dos teus comportamentos?! E não haja compreensão da forma como tu vives as tuas coisas por causa... deles terem nascido num mundo “analógico” e tu no mundo digital?!**

**Daniel** – Eu acho que os jovens é que não percebem os adultos porque antes de haver internet, havia... eu vou chamar o método analógico, pronto a maneira de viver, os jovens é que não percebem e ao não perceberem comportam-se de maneira diferente dos adultos e os adultos ao verem isso pensam que isso resulta das novas tecnologias...

**Eu – Há aí uma falta de compreensão e de conhecimento...**

**Daniel –** de ambas as partes

**Eu – E em relação aos jovens de hoje, achas que, na tua opinião, por exemplo as relações de amizade as relações amorosas todo esse tipo de relações, que podem nascer nas redes sociais achas de são, podem ser mais “descartáveis” do que as relações que se iniciam na infância, diretamente, interpessoais com uma relação face a face... Fortalece ou enfraquece ter iniciado nas redes sociais?!**

**Daniel –** Por um lado quem vê isso de fora, quem não usa a internet para essas coisas... internet, pronto as novas tecnologias, não usa para socializar e pensa que esse método para socializar não é válido. Grande parte... Mas para mim é tão válido como se estivéssemos cara a cara...

**Eu – Mesmo nunca tendo conhecido a pessoa?!**

**Daniel –** Sim...

**Eu- E tu mantens relações assim, que nunca conhecestes pessoalmente e te dás super bem na internet?**

**Daniel –** Sim

**Eu – E achas que tem o mesmo valor do que se fosse alguém que já tivesses interagido?**

**Daniel –** Sim... Eu por exemplo jogo um jogo em que eu quase todos os dias falo com um francês e jogo com ele e nunca o vi e tratamo-nos bem...

**Eu – E dão se bem... Mas uma relação de amizade mesmo só com base nas redes sociais é assim que estás a dizer, ou é só nos jogos?!**

**Daniel –** Não, eu agora falei nos jogos, mas também há essas nas redes sociais, por exemplo, eu tenho muitos amigos que já não vejo desde a escola e só comunico com eles só no snapchat e pelo face book, por exemplo.

**Eu – E tens amigos que tens noção se tivesses com eles diariamente, ou conviveste com eles diariamente na tua infância e nunca te deste tão bem com eles como te dás agora só nas redes sociais? Isso já te aconteceu?!**

**Daniel –** Não percebi...

**Eu – Imagina andaste no ciclo ou na secundária e conhecias pessoas de vista com quem agora consegues manter uma relação na internet e na altura nem se quer se davam,**

**porque estavam no mesmo espaço e não se identificavam e se calhar na internet conseguiram... aconteceu te isso?!**

**Daniel** – Sim muitas vezes...

**Eu** – E falas com pessoas em que pensas “nunca falei com esta pessoa pessoalmente e agora estamos aqui a trocar estas intimidades todas”...

**Daniel** – Sim acontece muito...

**Eu** – E achas que isso tem a ver com quê? Tem a ver com a facilidade com que tu atrás de computador falas, ou a diferença falar cara a cara?

**Daniel** – Pessoalmente não vejo a diferença entre falar atrás de um computador e falar cara a cara. A diferença é que as pessoas que não conseguem, tão facilmente, dizer cara a cara conseguem dizer no computador. Mas as pessoas que conseguem dizer cara a cara conseguem dizer no computador. E estas pessoas podem ser interpretadas como as que não conseguem dizer cara a cara...

**Eu** – Sim.... e tu achas que as pessoas não conseguem dizer cara a cara, mas depois fala no computador, pode estar mais facilmente a mentir ou a enganar, do que se estivesse a dizer cara a cara?! Porque existe um tipo de linguagem, que é a linguagem não-verbal, que não se vê quando estás a falar computador, seja num chat que, tu consegues interpretar que também é um tipo de comunicação e que se calhar consegues ver na pessoa se está a reagir de uma forma ou de outra independentemente do que ela está a dizer e isso consegue-se ver face a face, mas num chat não...

Por isso é que as relações possam ser mais superficiais, eu estou assim porque ele gosta que eu esteja assim... Mas se eu estivesse com ele cara a cara eu dizia lhe uma série de coisas diferentes, ou nem se quer falava com ele.

**Daniel** – Pois...

**Eu** – Tendo em conta que tu não tens essa experiência de teres relações só nas redes sociais em que consegues ser diferente daquilo que realmente eras se fosse diretamente, que dizes que não te acontece, mas conheces alguém que faça isso, tens colegas que costumam fazer isso?

**Daniel** – Sim... (risos) Tenho um colega meu que conheceu uma rapariga de Lisboa, através de um chat, que começou a namorar com ela e só depois é que foi a Lisboa...

**Eu** – Correu bem?!

**Daniel** – Não acho que seja um namoro menos legítimo do que um em que se conhecessem normalmente, sem internet...

**Eu – Sim, há mais risco?**

**Daniel** – Sim há mais riscos... Ela vivia num bairro... ele chegou lá e ofereceram-lhe logo droga...(risos)

**Eu – E ele quando estava a iniciar a relação com ela na internet sem a conhecer, teve a tentação de dizer aquilo que não era, ou de ser como não era, ou sempre lhe disse a verdade, em relação à imagem...**

**Daniel** – As pessoas mais velhas quando imaginam um namoro pela internet, imaginam uma janela de chat e as pessoas a falar... E isso já não acontece, falam, há webcam's, falam pelo Skype, as pessoas conseguem interpretar a linguagem corporal das outras através da videochamada...

**Eu – Sim, havendo isso sim. Mas há pessoas que evitam já porque...**

**Daniel** – Mas isso tens que ver se o outro recusa uma chamada de vídeo, então é alguém com quem não vale a pena falar...

**Eu – Pois... ok...**

**Daniel** – E os adultos tentam dar muitos conselhos para os mais novos terem cuidado. Mas eu acho que os adultos é que estão muito menos preparados para isto... Para perceber se uma pessoa tem boas ou más intenções...

**Eu – Sim como vocês já vivem com isto desde que nasceram estão muito mais preparados para os perigos do que propriamente os adultos. Se calhar em vez de se ir dar às escolas os perigos da internet, devia-se era ir ao dar ao centro de saúde ou ao lar de idosos, porque há idosos que iniciaram agora relações através das redes sociais.**

**Achas que há nos jovens, de uma forma geral, achas que há o perigo de viverem um mundo virtual e esquecerem-se do mundo real. Se isso é uma realidade ou se isso é uma coisa que se fala muita na televisão e nas notícias, mas que... que é que tu achas dessas notícias que as pessoas morrem em frente ao computador, por passarem horas e horas seguidas a jogar e esquecem-se de comer... achas que isso é uma coisa extraordinária que acontece uma vez, ou achas que caminha para lá aqui, porque nós estamos atrasados, não é?**

**Daniel** – Eu acho que não caminha para lá... eu acho que nós, estou a falar dos jovens, sendo a primeira geração da era digital somos quase uma experiencia, uma cobaia porque isto nunca aconteceu e é impossível saber como é que isto vai ser daqui para a frente nas novas tecnologias, prevê se um aumento explosivo. As pessoas que não lidaram a vida toda com tecnologias, não sabendo lidar com os jovens que tiveram a vida toda acompanhados de computador, acho que é isso que faz esse desentendimento e esse... estereótipo de uma pessoa que passa muito tempo ao computador é uma viciada...

**Eu** – **Estava também a falar no sentido nas pessoas que se preocupam em ter amigos on line e ficam fechados em casa e não têm vida social real. Ou seja, a vida social delas é na rede. Achas que isso é prejudicial, ou passa, ou é algo que pode depois deturpar a personalidade...**

**Daniel** – Acho que as pessoas que estão fora da comunidade jovem q usa as redes sociais, acham que esse grupo de pessoas é muito maior do q realmente é, mas não é, as pessoas que usam o *Facebook*, pronto aquelas que têm 30 mil *likes* em cada foto, são muito poucas pessoas... e as outras pessoas olham para essas e dizem, pelo menos eu, “eu não quero ser assim”... pode haver outras que também querem... parte da comunidade desdenha, mas a outra não grama essas pessoas. Nós não vemos as redes sociais como um fim, é um meio... um meio para levar a cabo as outras atividades sociais mais diretas.

**Eu** – **E tu tens essa ideia e os teus colegas e toda a gente com quem lidas, também pensa assim. Não tens nenhum colega que se tenha fechado no mundo dele, nunca te aconteceu?!**

**Daniel** – Conheço um xxx que andou uns tempos, o gajo andava sempre encavernado, acho que só saía no carnaval (risos)... andou uns tempos encavernado e sempre no pc, mas não é uma pessoa estranha, é normal...

**Eu** – **E achas que é mais fácil dares te com uma pessoa como tu te dás com esse teu colega de França, que te dás com ele só na internet e depois tens amigos que estão aqui ao pé de ti... achas que é mais fácil alimentar uma relação que está à distância ou alimentar aquela que está ao pé de ti?! Se tens que dar mais atenção, se é mais importante a tua presença?...**

**Daniel** – Repara, posso falar com ele quase todos os dias, mas é um gajo que conheci na internet eu não o conheço, se ele morrer não me vai acontecer nada. A relação pela internet, não é uma relação muito íntima é quase o oposto de íntimo, é a relação mais superficial que pode haver, pelo menos assim pelo chat, estás a ver, e é assim que eu falo com ele... se morrer amanhã não me acontece nada. Pronto não há aquela interdependência como eu tenho com um amigo de infância...

**Eu – Isso quer dizer que... como não é físico, como não é uma presença física, depois não sentes a falta se ele desaparecer?**

**Daniel –** Exatamente

**Eu –** Se ele morresse é como se ele estivesse offline, só... isso se calhar desvaloriza um bocado a qualidade da relação porque torna um bocadinho superficial um amigo digital de um amigo que está ao teu lado. Imagina, por exemplo, numa escola numa faixa etária dos 15 anos, em que os jovens dependem muito das selfies e coisas assim e likes, etc... em que se constroem comunidades virtuais à parte da escola, em que se for preciso são super amigos virtualmente e depois na escola nem olham um para o outro, se calhar é estranho haver essa distancia tão grande, essa facilidade tão grande de serem amigos quando estão longe e não falarem quando estão fisicamente.

**Daniel –** Sim é estranho e eu vivi isso a minha vida escolar toda. Em todas as turmas havia o grupo de Facebook da turma e toda a gente lá estava e postava coisas, mas na escola havia grupinhos sempre.

**Eu – Isso é um bocadinho estranho**

**Daniel –** Ver uma pessoa on line não é a mesma coisa que estar na companhia de uma pessoa e esse valor transmite se para as relações e a maneira como as pessoas veem esse valor fazem com que elas façam esse julgamento que as relações on line são menos importantes e assim...

**Eu – Sim porque são baseadas na imagem e só naquilo que eles põem lá que é o que é bom e nunca metem o mau, e isso acaba por criar os grupos...**

**Eu - O que é que tu achas em relação a este tema?**

**Daniel -** É um tema extremamente complexo que é preciso ser abordado de várias maneiras para que no futuro não haja esta diferença cognitiva entre as gerações. Os instrumentos que nós usamos agora são tão diferentes dos instrumentos de há 30 anos e provavelmente daqui a 30 vão ser ainda mais diferentes dos que são agora. E acho que os jovens agora não devem ser só educados a tentar usar novas tecnologias, devem ser educados nas novas tecnologias e na própria evolução das novas tecnologias.

**Eu - Acompanharem a mudança...**

**Daniel –** Sim, porque se eu tivesse um cêntimo por cada velha que me dissesse “como é que se liga a televisão” eu estava rico (risos) ou como é que se liga um computador...

**Eu – E achas que há uma diferença grande, tu tens essa consciência de que a internet é um meio e não um fim, mas achas que, por exemplo nas gerações mais novas 2/3 anos que tu, têm essa noção também ou vão chegar lá?**

**Daniel –** Sim podem ver a internet como um recreio, uma fonte de entretenimento infinita. Por isso é que é preciso intervir nesses casos e despertar os jovens para o mundo real.

**Eu – E achas que tem que haver uma atenção ou uma intervenção da parte de quem? Dos adultos, dos jovens mais velhos que eles?**

**Daniel –** Por isso é que este tema é extremamente complicado, porque ninguém está qualificado para intervir, porque ninguém acompanhou o desenvolvimento das novas tecnologias desde o computador até agora e essa evolução é muito complexa. Para transmitir isso aos jovens acho que é uma missão muito difícil.

**Eu – E se calhar achas que, por exemplo, tu que já pensas assim, que se calhar passaste essa fase, não tu diretamente, mas se calhar amigos teus que passaram a fase de ver a internet como entretenimento e onde se podia fazer o que se quisesse e não havia consequências nunca e soubesse melhor como já passou por isso e já estás nesta ideia que a internet é um meio e que já tens a consciência do que é aceitável na internet e o que não é poderes se calhar, como já passaste recentemente por isso também já nasceste na era digital, poderes intervir?**

**Daniel –** Sim se calhar os da minha faixa etária são os mais qualificados a falar disso...

**Eu –** Porque acabaram de sair dessa fase...

**Daniel –** Exatamente...

**Eu –** Então têm mais consciência das fases em que eles vão passar...

**Daniel –** Sim... E repara... isto da internet acho q é algo semelhante à invenção da imprensa, porque através da imprensa podiam-se fazer muitos mais livros do que à mão e começaram a criar muitos livros... por isso os humanos que nasceram depois disso tinham muito mais acesso a informação e a conhecimento, por isso conseguiam avançar ainda mais. E agora com as novas tecnologias temos uma velocidade de partilha de informação que é estrondosa...

**Eu – E sim há uma diferença entre as gerações que não cresceram com esta informação toda e aquela geração que está hoje a viver essa informação toda... esse bombardeio de informação.**

**Daniel** – Não é isso... o que eu queria dizer era... O aparecimento das novas tecnologias não foi só o acesso à informação que foi mais fácil, mas o acesso à informação do passado, ou seja...

**Eu** – **Algo que aconteceu há 30 anos ou 50...**

**Daniel** – E não é só isso, os erros que as outras pessoas cometeram no passado agora dá para a vida de quase todas as pessoas o que estão a viver agora, daqui a 50 anos vai dar para ver tudo o que eles fizeram quase todos os dias... Agora com a cena dos n.ºs contribuintes, multibancos isso tudo dá para controlar uma pessoa...

**Eu** – **Sim, se calhar daqui a 50 anos quando fizerem o estudo sociológico como era a população há 50 anos atrás conseguem ver muito mais pormenorizadamente, do que se calhar nós agora...**

**Daniel** – Sim e imagina que há agora um génio qualquer tipo Einstein, no futuro os historiadores vão conseguir dizer a história da vida dele muito mais detalhada do que nós vimos agora no canal história e muito mais plausível.

**Eu** – **Sim, há muitas vantagens na internet e no desenvolvimento das novas tecnologias, que já não são novas, só que o acesso em demasia a muito tipo de informação ou o acesso facilitado a todo o tipo de informação e mais alguma e muita desinformação também, faz com que numa idade complexa, como é a adolescência e a pré adolescência, a situação de que antigamente era perigoso de sairmos à rua e irmos ao cinema que nos poderíamos encontrar com aquela pessoa que nos podia fazer mal... Hoje na internet tens milhares, assim como, antigamente era um ou outro caso de perigo hoje em dia tens milhares de casos de perigo que podem surgir na internet.**

**O que eu queria dizer com isto era que, assim como há muitas vantagens com o acesso rápido à informação, também há muitos mais perigos. E muito mais rapidamente acontecem coisas más, como muito mais rapidamente tens acesso a tudo o que precisas e que é benéfico para ti, também o que é maléfico para ti tens muito mais acesso e muito mais fácil.**

**Daniel** – Sim o que é maléfico para mim... Mas repara... é um computador é um objeto, por mais convincente que seja a informação que lá está nunca podes levar aquilo a 100%. E eu acho que as pessoas da minha idade já olham para a internet com um olhar muito crítico e com uma visão cética de que...

**Eu** – **Consciente, de que nem tudo o que lá está é “bíblico”...**

**Daniel** - Sim... Até porque já há muitas pessoas que usam o sarcasmo de dizerem “acreditem no que a internet vos diz”.

**Eu** – **Claro que sim já há essa frase “Ah!!! Claro só porque está na internet, ok é verdade”**

**Houve uma fase, inicialmente quando iniciou o mundo da internet, que tudo o que vinha na internet era certo... Sim, m agora já há mais a consciência e esse espírito crítico, mas a internet também molda comportamentos...**

**Daniel** – Mas esse espírito crítico não deve ser só para a internet, deve ser a falar com todas as pessoas

**Eu** – **Sim e a ver televisão e seja o que for, a ver notícias...**

**Daniel** – Isso da televisão é um media muito mais persuasivo do que a internet

**Eu** – **Achas?**

**Daniel** – Claro, na internet tu fazes o que quiseres, na televisão não fazes o que quiseres, vês o que o estúdio quer que tu vejas.

**Eu** – **Também já não é bem assim...**

**Daniel** – Só podes mudar de canal, não podes escolher os conteúdos que estás a ver.

**Eu** – **Eu escolho, já não és obrigado a ver...**

**Daniel** – Podes ver as gravações, mas o que dá é controlado pelo estúdio. Tu na internet estás a escrever e procuras o que queres.

**Eu** – **Sim é verdade, a internet tem isso, que agora está a iniciar-se na televisão que é tu poderes selecionar o que queres ver na televisão e só vês o que queres. Mas mesmo assim há muita coisa que inconscientemente é impingida na internet e na televisão...**

**Daniel** - ...E tem outra coisa, na televisão eles têm em conta que muita gente que vê televisão não usa a internet. Por exemplo, eu não vejo televisão, só quando está a dar as notícias, por vezes, olho para lá...

**Eu** – **Porque o teu acesso à informação é na internet. Se tu queres ver uma notícia vais à internet...**

**Daniel** – Claro não é preciso mais nada.

**Eu** – **E assim vês o que queres e o que te interessa...**

**Daniel** – Eu também vejo os filmes é na net (risos)

**Eu** – **Eu vejo na televisão é mais confortável...**

**Daniel** – às vezes até ligo o pc à televisão para ver em hd...

**Eu** – **Este mundo que está ligado achas que é mais fácil, por exemplo, estares ligado com alguém que está em França do que com alguém que está aqui? Eu acho que tem se muito esta noção de que as pessoas estão todas conectadas, mas desligadas. Achas que é também uma ideia pré concebida?**

**Daniel** – Sim... Se uma pessoa está desligada ao mundo real e submergir no mundo virtual, tentam encontrar um canto onde se sintam felizes. E só esse canto dá-lhes a satisfação do mundo todo. Eu, por exemplo, já joguei vários jogos e para aí no 10º ano vinha para casa e jogava *metin* e aquilo era um mundo lá dentro. Eu via-me como a personagem que jogava, eu vi-a mim na personagem, no boneco e por isso também posso dizer que eu já considerei o mundo virtual como real. Mas isso não faz de mim uma pessoa que não existe no mundo real.

**Eu** – **E tu achas nessa fase andavas mais desligado do mundo real, por andares mais a viver o mundo virtual.**

**Daniel** – Não

**Eu** – **Não?! Tudo o que estava a acontecer à tua volta que te devias ter apercebido, apercebeste?!**

**Daniel** – Sim... Acho que sim

**Eu** – **Nunca perdeste amizades, ou nunca houve assim nada que tenha causado rutura por causa das redes sociais ou da internet?**

**Daniel** – Não...

**Eu** – **Nunca houve nada de prejudicial na internet para ti...**

**Daniel** – Houve uma vez... Foi para aí no 9º ano... Eu praticava bué magia e havia isso tudo na internet... Então uma vez estava a fazer um truque e tinha que estar de mãos dadas com outra pessoa e eu nessa altura namorava com uma rapariga e estava a fazer o truque a outra rapariga e ela acabou comigo porque pensava que eu estava a fazer alguma coisa com a rapariga... E estava a fazer um truque de magia...

**Eu** – **E o que é que isso tem a ver com a internet?! AH!! Aprendeste o truque na internet...**

**Daniel** – Foi por causa do fácil acesso à informação, mas não foi causa direta...

**Eu** – **Achas que antigamente quando se ia para a universidade e não havia internet para ter acesso aos conteúdos para se estudar e tinha-se que andar com os livros e as fotocópias e com coisa...**

**Daniel** – Dava cabo das costas... É muito mais fácil não tens a noção...

**Eu** – **Achas que por ser uma coisa física que estás a ler, fica muito mais na memória do que aquela que estás a ler pelo computador?**

**Daniel** – Não, isso já passou... Isso só acontece àquelas pessoas que só leem livros...

**Eu** – **Não conseguem, se calhar adaptar-se tão bem.**

**Daniel** – Exato, porque também há e-books... Mas há uma solução muito fácil para isto tudo, muito fácil... É investirem na educação, darem o triplo do ordenado aos professores e funcionários... É só aumentarem o investimento na educação...

**Eu** – **Para?!**

**Daniel** – Para que as pessoas saibam usar as novas tecnologias como meios...

**Eu** – **Sim é verdade...**

**Daniel** – Repara... há muita coisa prejudicial na internet, mas o álcool também é muito prejudicial e para nós é um costume...

**Eu** – **Uma tradição, sim...**

**Daniel** – Uma tradição... O tabaco também...

**Eu** – **É verdade que o álcool e o tabaco é de alguma forma um grupo/ uma rede social... junta-se ali um grupo e vai fumar... Junta-se ali um grupo que vai beber... Os que não bebem sentem-se excluídos, os que não fumam sentem-se excluídos daquele grupo. Se fazem parte daquele grupo e vai toda a gente beber sentem-se excluídos. E sim é uma forma de ver a internet. Mas lá está, aí estás a falar de um vício...**

**Daniel** – O meu grupo de amigos aqui da minha terra quase todos fumam e eu não...

**Eu** – **Sim o não te sentires excluído já faz parte da tua personalidade. Mas há os mais adolescentes, os mais novos têm a necessidade de fazerem parte, de se sentirem integrados. E por isso às vezes começam e iniciam-se certos comportamentos de risco mesmo que**

**tenham a consciência que estão a fazer mal. E por isso eu estar virada nesta idade, e sim nesta idade é a que vai moldar a tua personalidade para o resto da vida...**

**Daniel** – Esta idade certa para intervir, mas para começar tem que ser em muito mais novos... a serem apresentados às novas tecnologias...

**Eu** – **Sim, sim... isso tem que ser em conjunto e em casa, com os professores já desde pequenos e saberem trabalhar as ferramentas certas e da forma certa...**

**Daniel** – E ensinar-lhes que são ferramentas...

**Eu** – **Mas as pessoas que vão acompanhar essas crianças têm que ser minimamente também conhecedoras da internet. Porque se não conhecerem nada....**

**Daniel** – São as crianças que lhes ensinam...

**Eu** – **E isso pode ter algo de errado...**

**Daniel** – E as crianças aprenderem sozinhas nem sempre é muito bom, mas... Eu aprendi muita coisa sozinho, na internet...

**Eu** – **E se calhar houve coisas que não havia necessidade de aprender...**

APÊNDICE 2B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA FEITA COM O CARLOS

Investigadora: **Eu**

Entrevistado: **Carlos**

**Eu:** Então [...] Só para te pedir autorização para isto ser gravado [silêncio] tens que responder.

**Carlos:** À vontade.

**Eu:** [risos] Pronto! Então esta entrevista é como tu sabes, relativa à minha dissertação, ao Mestrado [...]e o tema é relações interpessoais na era digital [pausa]nos jovens. Então [...]Tens que idade?

**Carlos:** Quinze.

**Eu:** Andas em que ano?

**Carlos:** No décimo.

**Eu:** [...] E pretendes seguir?

**Carlos:** Acabar o décimo segundo ano e depois ir para o ensino superior.

**Eu:** É?

**Carlos:** [...] Claro!

**Eu:** E em que área?

**Carlos:** Gestão.

**Eu:** Gestão?

**Carlos:** Hum-hum.

**Eu:** Então e utilizas internet?

**Carlos:** Muitas vezes.

**Eu:** Diariamente?

**Carlos:** Diariamente.

**Eu:** **Quantas horas por dia mais ou menos?**

**Carlos:** [...] Se for dias de escola três, quatro horas, se for nas férias, não sei, p'raí doze horas, se calhar.

**Eu:** [risos]

**Carlos:** [risos]

**Eu:** **Quando estás na escola não utilizas?**

**Carlos:** [...]É raro [...]mas se calhar sim, às vezes sim, mas muitas poucas vezes mesmo.

**Eu:** **Então e imagina que [...] então e utilizas a internet para quê?**

**Carlos:** Para falar com os amigos, com a namorada ou para jogar, mais nada, quer dizer e ver vídeos às vezes, mas é mais jogar e falar.

**Eu:** **E para fins académicos, não?**

**Carlos:** Não, raramente.

**Eu:** **Não utilizas a internet para estudar?**

**Carlos:** Só se for para ir ver os apontamentos que os stores mandam, senão nada mesmo, tipo pesquisas e isso não, não costumo.

**Eu:** **Ok. Então e como é que te sentias se te dissessem agora vais passar um dia inteiro sem ir à internet?**

**Carlos:** [...] Um dia, um dia inteiro era fácil [...] agora se me dissessem mis uma semana ou assim, era mais complicado, agora um dia inteiro não, aguenta-se bem um dia inteiro até.

**Eu:** **É?**

**Carlos:** Sim, até era fácil.

**Eu:** **Então e uma semana não?**

**Carlos:** Mais complicado já, como se fosse uma dependência se calhar, mas era complicado.

**Eu:** [...] **Então a internet faz parte do teu quotidiano, senão sentes-te [...]**

**Carlos:** Sim.

**Eu: Sentes-te como?**

**Carlos:** [...] Como é que eu hei-de dizer [...] a internet é como [...] não é hobbie, mas é uma coisa frequente, porque se faz, quando não se tem nada para fazer vai-se à internet, é uma atividade tipo normal e é regular que eu faço, ou vou à internet, ou então [...] coisas que fazia antes, por exemplo jogar à bola, se não tenho internet faço isso, ou então durmo, não há muitas coisas para além da internet que eu faça agora.

**Eu: Então achas que a internet pode trazer malefícios?**

**Carlos:** Pode, muitos mesmo.

**Eu: Quais?**

**Carlos:** [...] Dependência [...] dependente, nós ficamos dependentes de internet [...] se vamos falar das redes sociais, encontrar pessoas, podem não ser essas pessoas que estão a representar e podemos tipo ser enganados ou assim [...]

**Eu: E por exemplo em relação às relações que tens com os teus amigos, a internet serve de complemento ou se por exemplo inicias uma amizade com alguém só por internet, achas que é uma amizade diferente daquela iniciada fisicamente?**

**Carlos:** Sim, acho que sim, não tem nada a ver, fisicamente tu conheces as pessoas, sabes os costumes, o que é que elas gostam, não gostam.

**Eu: Isso também aparece no *facebook*.**

**Carlos:** Pois, mas não sei, quando conheces fisicamente sabes que é mesmo verdade, se for pela internet pode não ser assim tão veredito como eles dizem né? É diferente, fisicamente para mim é muito melhor, não tem nada a ver com uma relação começada na internet.

**Eu: Então achas que as relações começadas na internet são mais superficiais?**

**Carlos:** [...] Exatamente, sem dúvida.

**Eu: E o que é que pensas daquelas pessoas que vivem [...] isoladas, mas depois estão constantemente na internet e têm essas amizades dessa forma?**

**Carlos:** Não sei, tipo é como se fosse um, como é que hei-de explicar, para essas pessoas internet é tipo um [...] como é que se diz [...] um ponto de encontro, como é que eu hei-de explicar, é como [...] não têm nada que fazer, estão isoladas, refugiam-se na internet, é isso, refugiam-se na internet [...] já que não conseguem encontrar amizade fisicamente, se calhar [...] não estão à vontade para estar a falar com pessoas fisicamente, ou têm algum problema ou

assim, têm mais facilidade em falar na internet, dizer coisas que se calhar não dizem fisicamente e dizem na internet, que é mais fácil dizer na internet, do que dizer cara a cara a uma pessoa.

**Eu: E tu conheces alguém assim?**

**Carlos:** [silêncio]

**Eu: Ou sabes de alguma história de alguma que...?**

**Carlos:** Não.

**Eu: Ou que tenha acontecido alguma coisa por causa da internet?**

**Carlos:** [...] Pessoa próxima que eu conheça não, acho que não, mas há histórias que se contam na internet, sempre aquelas histórias que servem de aviso para não se falar com pessoas estranhas e isso, mas que eu conheça mesmo, tipo amigos meus, não, acho que não tenho nada disso assim.

**Eu: Então aqueles desafios que há na internet que às vezes levam a estranhos?**

**Carlos:** [...]Yá.

**Eu: Mas penso que isso aqui não se vê muito, é mais lá fora.**

**Carlos:** Não. Yá, aqui não se vê muito.

**Eu: Então não conheces ninguém que seja dependente da internet e vá a correr para casa em vez de ficar na escola ou a estudar?**

**Carlos:** Conheço, por acaso até conheço, nesse caso sim, tenho um colega da minha turma que não faz nada, férias, é acordar, computador, almoçar, computador e dormir [...] pronto é dependente, na escola, computador, dormir, não faz mais nada mesmo, não há praia, é computador férias inteiras, escola, computador, escola inteira, não há estudo, não há nada.

**Eu: Então achas que isso é saudável?**

**Carlos:** Não, prejudicial, e vê-se nas notas que ele tem e isso [...] e agora, ele já sabia, as notas que ele tinha o ano passado, agora entrou em ciências e isso, vai mudar de escola, não tem capacidade para estar naquele curso, porque não tem estudo, chega à escola e vai para o computador [...] vai p'raí para um profissional ou para o Sem F acho eu [...] não, foi o que ele disse, eu já sabia, ele disse não tem capacidade, tira negas, tirou negas a tudo quase.

**Eu: Então e achas que isso acontece porquê, o facto de ele só ver o computador?**

**Carlos:** Não sei, primeiro ele, como é que hei-de explicar, eu acho que ele tem mais amigos que arranjou aqui do computador se calhar do que [...] tem-nos a nós né, também que conhecia, mas amigos do computador ele conhece bué por acaso até, e até nos introduziu alguns a nós.

**Eu: Então se calhar sente-se mais integrado no computador do que com vocês?**

**Carlos:** Exatamente, exatamente.

**Eu: E não achas, sei lá, que por exemplo os pais podiam intervir ou [...]**

**Carlos:** Podiam, podiam, até conheço por acaso os pais dele, mas só não sei não fazem nada, deixam-no estar no computador, chamam-no para jantar, depois vai para o computador, não estuda, não sei.

**Eu: Não intervém para ver se ele [...]**

**Carlos:** Não.

**Eu: Pois. Ok. Então e em relação por exemplo aos teus pais, tu? Achas que já tiveste [...] algum problema com eles relativamente ao facto de estar no computador e eles não compreenderem as horas que passas no computador?**

**Carlos:** É assim, posso passar algum tempo demais no computador, eles claro que não compreendem, posso fazer outras coisas sem estar no computador, mas [...] problemas tipo assim a sério não, claro que há sempre aqueles ralhetes e avisos para não estar tanto no computador, mas tipo problemas a sério, a sério acho que não, não tenho esses problemas assim.

**Eu: E já pensaste que eles viveram noutra tempo sem computador?**

**Carlos:** Já, por acaso.

**Eu: E já pensaste em como eles se entretinham com a tua idade?**

**Carlos:** Já, por acaso é um tema que eu penso bué vezes mas [...]

**Eu: E o que é que tu pensas?**

**Carlos:** Era diferente, eles tinham outra coisa, trabalhar, naquela altura trabalhava-se, não era como nós, que chegamos a casa temos computador e temos internet, temos tudo para fazer [...] tinham que trabalhar, ajudar os pais, hoje também se podia fazer isso, né? Podia se fazer igual, mas é diferente, não sei [...]

**Eu: [risos]**

**Carlos:** Não sei, épocas diferentes, podia-se manter os mesmos rituais, mas não se manteve, né?  
Não sei [...]

**Eu:** **Então e o que é que pensas sobre essa altura, pensas que era uma seca, ou que [...]**

**Carlos:** Provavelmente eram mais felizes do que nós.

**Eu:** **Como é que conseguiam sobreviver sem internet?**

**Carlos:** Não sei, provavelmente acho que deviam ser muito mais felizes do que nós, muito mais, muito mais, mas mesmo muito mais felizes do que nós mesmos, não havia internet divertiam-se.

**Eu:** **Divertiam-se com coisas [...]**

**Carlos:** Era com os amigos, eram amigos físicos, fisicamente, não havia cá computadores, não iam à internet, tinham outros passatempos, provavelmente eram muito mais felizes do que nós, eu acho.

**Eu:** **Mas a internet também tem benefícios?**

**Carlos:** Tem, tem benefícios [...]

**Eu:** **Por exemplo?**

**Carlos:** Sem ser para o nosso tempo [...] há coisas, entretanto que nós aprendemos na internet, que podem ser da nossa cultura [...]

**Eu:** [...] **Sim, se calhar o acesso rápido à informação, que não havia antigamente [...]**

**Carlos:** Exato.

**Eu:** **Se calhar antigamente tu para saberes uma informação qualquer tinhas que ir buscar um livro à biblioteca, ou ver num dicionário ou [...] a rapidez com que vês a informação agora é outra.**

**Carlos:** Sim, agora é muito mais rápido, vai-se à internet, já se sabe sempre tudo, o que se quer saber, sabe-se, vai-se à internet e sabe-se, não tem dificuldade.

**Eu:** **E se calhar a facilidade que tu falas com alguém que está longe.**

**Carlos:** Ah! Isso sim! Completamente muito mais fácil.

**Eu:** **Porque inevitavelmente nós temos sempre pessoas conhecidas que estão longe, que não podemos estar com elas fisicamente.**

**Carlos:** Hum-hum.

**Eu:** Isso também é um benefício da internet.

**Carlos:** Yá.

**Eu:** À parte de outros, também relativos às empresas e todas essas proximidades que a internet possibilita, né?

**Carlos:** Yá.

**Eu:** Então quer dizer que nunca tiveste assim nenhum problema grave com os teus pais, por causa da internet, né?

**Carlos:** Não, grave, não.

**Eu:** E depois também a internet é uma forma de estarmos todos numa comunidade só?

**Carlos:** Sim, sem dúvida.

**Eu:** Mas, por exemplo, sabes que a internet é o fenómeno das redes sociais e isto tudo é num mundo ocidental porque isto noutros países e outros mundos que o mundo oriental principalmente em Áfricas e que eles nem sonham [...]

**Carlos:** Facebook e isso.

**Eu:** [...]com este tipo de relações digitais que existem [...] e isso não se põe, estas questões todas, estes problemas todos [...]

**Carlos:** Não se colocam lá nesses países.

**Eu:** [...] Conheces alguém só online?

**Carlos:** Sim (...) Conheço um colega meu da internet que joga comigo, um do Porto, um dos Açores e outro de Coimbra, que eu tenho tipo de contato mais ou menos frequente três [...]

**Eu:** Mas é pelos jogos, né?

**Carlos:** Sim.

**Eu:** Só através dos jogos?

**Carlos:** Só, de resto não tenho contato assim com ninguém que só conheça pela internet, isso não, não tenho uma amizade assim.

**Eu: E não conheces assim ninguém que tenha iniciado assim um namoro ou uma coisa qualquer só *online*?**

**Carlos:** [silêncio] Só online, namoro se calhar não, mas tipo uma amizade bué forte conheço um colega meu até, próximo daqui, dão-se bem, falam tudo, mas não se conhecem, não sei, é estranho.

**Eu: É estranho não achas?**

**Carlos:** Falam tudo, têm confiança com o outro estão à vontade, mas, não sei, nunca se viram na realidade e têm confiança, não sei.

**Eu: Sabes que isso é curioso porque antigamente havia namoros por carta só.**

**Carlos:** Pois.

**Eu: Que é tal e qual a mesma coisa.**

**Carlos:** É igual.

**Eu: E depois havia os casamentos até sem a pessoa estar presente.**

**Carlos:** Pois era.

**Eu: Havia um familiar que ia representar o noivo. [risos]**

**Carlos:** [risos]

**Eu: Por isso noutra forma de comunicação também havia esse tipo de relações que começavam à distância. [risos]**

**Carlos:** Um bocado estranho.

**Eu: Mas é estranho sim, pelo menos a parte de não se conhecerem da mesma forma que nós conhecemos. Achas que alguma vez foste prejudicado pelo facto, já te sentiste prejudicado pelo facto de passares muito tempo no computador?**

**Carlos:** Já, já se afastaram alguns amigos que não têm a mesma intenção de passar o mesmo tempo que eu passo na internet, preferem fazer outras coisas, que eu também preferia antes e que deixei de preferir por causa da internet e ficar muito apegado a isso, se calhar fui perdendo, não perdendo os amigos, mas perdendo as atividades que fazia com eles e deixei de fazer por causa da internet, por estar agarrado ao computador o dia inteiro, por exemplo eles iam para a praia e eu ficava no computador.

**Eu: E preferias ficar no computador?**

**Carlos:** Não.

**Eu: Mas ficavas?**

**Carlos:** Ficava.

**Eu: Então porquê?**

**Carlos:** Pois, não sei explicar também.

**Eu: [risos]**

**Carlos:** Já refleti, mas é estranho não sei explicar.

**Eu: [risos] Era mais forte do que tu.**

**Carlos:** Era.

**Eu: Tem íman que puxa para lá. [risos]**

**Carlos:** Yá, é tipo isso, é estranho, não sei explicar, já refleti, mas [...] por acaso arrependo--me, mas [...]

**Eu: Então e agora se tivesses oportunidade de eles virem aqui dizer-te vamos à praia, tu ias?**

**Carlos:** Claro, sem dúvida.

**Eu: Agora já ias. E essas coisas aconteceram há quanto tempo?**

**Carlos:** Não sei, se calhar o ano passado, há dois anos.

**Eu: Achas que conforme as idades, vou-te fazer esta pergunta porque eu tive na tua escola, né? E percebi que a partir dos 17/18 anos o uso da internet já não é tanto nos jogos, mas na parte da pesquisa e percebi também que me disseram “Ah, isso são os mais novos”, a partir dos 12/13 anos é as redes sociais, é uma doideira com as redes sociais a partir dessa altura, depois passa essa fase das redes das sociais, começa a fase dos jogos, é curioso, que isso é com faixas etárias.**

**Carlos:** Mas é assim.

**Eu: Achas que sim?**

**Carlos:** Comigo também era assim.

**Eu: Concordas. E os teus amigos também acompanham?**

**Carlos:** Sim, sem dúvida, acompanham redes sociais, jogos e depois vamos chegar a esse patamar que vamos deixar isso para trás.

**Eu:** É curioso, foi o que eu percebi lá na escola ao falar com alguns miúdos, uns de 15 anos, 16, 17, 18, fui vendo que havia diferentes usos de internet. E por exemplo, um miúdo que eu entrevistei para a entrevista exploratória, que já tinha 18, mas que já estava na universidade, mas tinha andando naquela escola, que me disse que via a internet apenas como um meio para chegar, para complementar um fim de ter com, ou de recolher informação, ou depois de complementar com os amigos, ou, e se calhar alguns anos atrás via como um fim.

**Carlos:** Exatamente. Já vi como um fim, sem dúvida. Não tanto agora, mas antes via como um fim.

**Eu:** Acho que está tudo mais ou menos esclarecido em relação a esse facto de tu teres perdido alguns amigos que não tinham o mesmo interesse do que tu pela internet, existem sempre alguns que não acham piada nenhuma à internet.

**Carlos:** Sim.

**Eu:** E não se envolvem nos jogos e porque é que achas que isso acontece? Porque têm outros interesses que gostam mais?

**Carlos:** Outras atividades, tipo, que fazem sem ser jogar como nós, ou então não sei, não foram puxados pela internet ou pelos jogos, não quer dizer que deixem de ser do nosso grupo de amigos, mas não partilham das mesmas atividades do que nós, é verdade.

**Eu:** Acaba por haver uma divisão?

**Carlos:** Sim.

**Eu:** Outra coisa que eu também percebi lá na tua escola e que deve acontecer em todas, presumo eu, é que normalmente andam todos sempre com o telemóvel na mão?

**Carlos:** Sim, mas dantes era pior, no oitavo ano era pior.

**Eu:** É que mesmo que não estejam a usá-lo, ele vai na mão. Eu percebi pelo menos à entrada da escola, a ver todos os miúdos a entrar, eu percebi que o telemóvel tinha que estar sempre na mão, parecia que fazia parte do corpo [risos].

**Carlos:** Sim [...] Alguns até para demonstrar [...] Eu dantes era assim, também andava sempre com o telefone na mão [...] não via por onde é que andava, agora com aquele grupo de amigos, mesmo para almoçar ninguém mexe no telemóvel.

**Eu:** Pois.

**Carlos:** Já chegamos a uma parte, que já chega!

**Eu:** Tiveram que [...]

**Carlos:** [...] Estava a prejudicar tipo a nossa comunicação.

**Eu:** E perceberam isso?

**Carlos:** Sim, felizmente.

**Eu:** E fisicamente, achas que o facto de estares ao telemóvel, ou de estares sempre baixado ficas com uma postura incorreta, achas que isso te prejudica no crescimento?

**Carlos:** Sim, acho que sim, não sei. Prejudica, claro que prejudica, nós estamos ao computador estamos sentados como está mais confortável, e o confortável não é por vezes a posição mais correta ou ao telemóvel andar de cabeça para baixo, também não é a posição mais correta, isso claro que prejudica o nosso crescimento.

**Eu:** Pois. Tens de corrigir a postura.

**Carlos:** Hum-hum.

**Eu:** Ok. Acho que é só, não tenho assim mais nada a perguntar, não tem nada que, nenhuma história que queiras contar, sobre alguma coisa que tenha acontecido, ou mesmo da internet, redes sociais, cyberbullying, qualquer coisa que tu tenhas tido alguém conhecido que tu saibas que tivesse sofrido alguma situação dessas?

**Carlos:** Por acaso o meu grupo de amigos, não são daqueles que criam amizades por tipo de internet ou pelas redes sociais, não, sono aquele tipo de grupo que [...]

**Eu:** Mesmo que seja a alguns tempos atrás, nunca aconteceu, assim por exemplo no facebook gozarem assim com uma página onde gozam com certas pessoas? Não sei.

**Carlos:** Ah! Isso sim, por acaso até já [...] tipo aqueles vídeos que fazem, até que andava na moda antes, p'raí há dois anos, acho eu, como é que se chamava [...] tipo, punha-se a cara com pintas, estragava-se a cara toda e depois fazia-se [...] passava-se outra passagem e punha-se todo bonito [...] houve uma rapariga que fez isso e foi gozada a torto e a direito até apagar o

post, mas como há os print, já tinham tirado os print antes de ela tirar o post e foi gozada durante bué tempo até.

**Eu: Mas gozada como?**

**Carlos:** Disseram, dantes punha-se a cara tipo mais feio, logicamente, pintava-se a cara com cenos e não sei o que e depois mudava-se a cara logo, mais bonita, logicamente, só que disseram que não houve mudanças, não sei o que e não havia mudanças e pronto, foi gozada durante bué tempo até.

**Eu: Mas quê só nas redes? Mas mesmo [...]**

**Carlos:** Sim, só nas redes, não sei, pessoalmente não sei, mas nas redes foi mesmo até, e não sei se no facebook, tweeters [...]

**Eu: Mas tu conheces? E ela andava, ficou afetada com isso ou ultrapassou bem?**

**Carlos:** Sei lá, um bocado, foi tanto tempo, mas é capaz de ter sido na altura, acredito que sim.

**Eu: Pois.**

**Carlos:** Não foi nada bonito.

**Eu: Sabes que essas coisas depois podem levar a outras mais perigosas, porque depois há pessoas que têm capacidade de lidar com isso e outras não.**

**Carlos:** Sim.

**Eu: Está bem. Normalmente há essas páginas assim, a uma certa altura, eu sei porque o outro rapaz que eu entrevistei também falou, criaram mesmo uma página de facebook só para gozar com o rapaz.**

**Carlos:** Sim, já tive na turma, criaram tipo a imitar o rapaz, sim. Têm diversão com isso, acho que não tem piada, não percebo, pronto, se eles se divertiam, eu disse, não acho piada nenhuma a isso, mas quem sou eu para dizer qualquer coisa a eles, né?

**Eu: Então e esse rapaz como é que lidou com isso?**

**Carlos:** Não sei, ele [...] até me estiveram a contar que ele disse para parar de fazer isso, não sei o que, mas, acho que não serviu de muita coisa. Que eu saiba não valeu grande coisa, porque continuaram sempre a fazer isso.

**Eu: Mas depois acabou por passar?**

**Carlos:** Sim, isto foi no oitavo ano, mas depois passou.

**Eu:** Lá está! É os 14 anos.

**Carlos:** Já, é isso.

**Eu:** [risos] Enfim! Está bem. Olha, obrigada por este bocadinho.

**Carlos:** De nada.

APÊNDICE 2C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA FEITA COM O BRUNO

Entrevistadora – Sílvia

Entrevistado – Bruno

**Sílvia – Então... o meu nome é Sílvia como tu sabes e eu estou a fazer uma investigação na minha tese de mestrado relacionada com os jovens e as redes sociais e então queria te fazer algumas perguntas.**

**Sílvia – Tens que idade?**

**Bruno – 16 anos**

**Sílvia – Andas em que ano?**

**Bruno – Passei para o 11º**

**Sílvia – Ok. E o que é que pretendes seguir sabes? Tens alguma ideia?**

**Bruno – Sim. Cozinha.**

**Sílvia – Ai é?!**

**Bruno – Sim.**

**Sílvia – Então e... em relação à internet. Costumas passar quanto tempo por dia, mais ou menos, online?**

**Bruno – Não costumo passar muitas horas seguidas, é... normalmente ando com o telemóvel no bolso e de vez em quando vou... vou usando para consultar a internet.**

**Sílvia – Ok. Para te manteres atualizado.**

**Bruno – Sim.**

**Sílvia – Então é com o telemóvel que vais à Internet... normalmente?**

**Bruno – Sim... sim**

**Sílvia – E utilizas mais algum dispositivo para... aceder...?**

**Bruno** – Não, basicamente só uso o telemóvel e o tablet.

**Sílvia** – **Ok ... computador? Não?**

**Bruno** – Não.

**Sílvia** – **Já passou um bocadinho de moda...**

**Bruno** – Sim. Só uso o computador quando é mesmo preciso para fazer trabalhos da escola ou algo do género.

**Sílvia** – **Ok. Então e utilizas a Internet então para, como tu disseste, para te maneres atualizado. E especificamente o quê?**

**Bruno** – Uso as redes sociais... quase só (risos)

**Sílvia** – **Ah é?**

**Bruno** – Sim.

**Sílvia** – **Tens facebook?**

**Bruno** – Sim.

**Sílvia** – **Ok. E jogos? Não?**

**Bruno** – Ahh mmm agora já não. Jogava um bocado Pokémon mas já não jogo.

**Sílvia** – (risos) **Também passaste a moda do Pokémon?!**

**Bruno** – Sim.

**Sílvia** – **Então e como é que te sentias se soubesses que ias estar num sítio durante dois ou três dias sem aceder à Internet?**

**Bruno** – Acho que conseguia... acho que era normal... acho que não tinha problemas.

**Sílvia** – **É?**

**Bruno** – Sim.

**Sílvia** – **Achas que não havia problemas?**

**Bruno** – Sim.

**Sílvia** – **Ok. Então e achas que a Internet pode ter... pode ser algo de prejudicial?**

**Bruno** – Sim, pode ter. Há sempre vantagens e desvantagens.

**Sílvia** – **Como por exemplo?**

**Bruno** – Os raptos e coisas do género... é sempre muito mais fácil de existir coisas desse género através da Internet.

**Sílvia** – **E porque é que achas que é mais fácil?**

**Bruno** – Porque muitas... muitas crianças usam a Internet e... às vezes não sabem utilizar.

**Sílvia** – **E se calhar é mais fácil porque não vês a outra pessoa?**

**Bruno** – Sim. Às vezes podem enganar...

**Sílvia** – **Não estás a ver quem é... Então e tu conheces alguém que já tenha vivido alguma situação assim mais complicada...**

**Bruno** – Acho que não.

**Sílvia** - ... **relativamente à Internet?**

**Bruno** – Não.

**Sílvia** – **Ou que tenha sido prejudicada por algum motivo?**

**Bruno** – (aceno negativo com a cabeça)

**Sílvia** – **E amigos? Tens só amigos pessoalmente ou também tens só amigos *online*?**

**Bruno** – Não. As pessoas que eu falo por telemóvel são só as pessoas que eu conheço pessoalmente primeiro.

**Sílvia** – **É?**

**Bruno** – Sim.

**Sílvia** – **Nunca conheceste uma pessoa primeiro online?**

**Bruno** – Não.

**Sílvia** – **Ok. Então e que... o que é que preferes? Conviver com os teus colegas pessoalmente ou no *facebook*?**

**Bruno** – Ahh pessoalmente é sempre melhor só que às vezes dá mais jeito por... por... pelo telemóvel.

**Sílvia – Pois dá mais jeito mas preferes estar com eles, não é?**

**Bruno – Sim.**

**Sílvia – E em relação aos teus pais, como é que... alguma vez tiveste algum problema com os teus pais, algum conflito por causa do uso das redes?**

**Bruno – Não.**

**Sílvia – E eles lidam bem com o facto de estares online e de... ?**

**Bruno – Sim, porque eu só uso... eu uso o telemóvel mas é moderadamente, não estou sempre a usar. É só quando preciso.**

**Sílvia – Não te isolas então?**

**Bruno – Não...**

**Sílvia – Achas que no teu tempo e no tempo dos teus pais vês assim grandes diferenças, entre a forma como eles conviviam com os amigos?**

**Bruno – Sim, eu acho que eles antigamente tinham... conviviam muito mais do que agora, porque agora as brincadeiras acabam por ser mais nos computadores, em casa e... antes não. Antes iam todos para a rua e isso...**

**Sílvia – E achas que isso era melhor ou era pior?**

**Bruno – Eu acho que era melhor.**

**Sílvia – Achas?**

**Bruno – Sim.**

**Sílvia – Mas porquê?**

**Bruno – Porque... acho que assim conhece-se muito melhor as pessoas e criam-se muitos mais amigos se for assim do que se for por Internet.**

**Sílvia – Achas então que as ligações são mais fortes?**

**Bruno – Sim.**

**Sílvia – Se forem pessoais?**

**Bruno – Sim.**

**Sílvia** – Ok. Era a pergunta que eu tinha a seguir que era se achas que a Internet pode tornar as relações interpessoais, como a amizade, o namoro mais superficiais ou menos reais? Por exemplo, iniciando uma relação na Internet... de amizade, por exemplo, como estavas a dizer, não tens amigos nenhuns online que não os conheças pessoalmente. Achas que se tivesses uma amizade só online era diferente, era mais superficial, não era tão forte como aquela que tens com os teus amigos?

**Bruno** – Não sei, como nunca vivi isso não sei mas... acho que não seria tão... tão real, não conhecer e não ter a certeza se essa pessoa existe mesmo.

**Sílvia** – Pois... ok. Em relação à linguagem não verbal... aquele tipo de linguagem que nós só conseguimos aceder quando estamos ao pé da pessoa pessoalmente, por exemplo, gestos, a forma de estar?!

**Bruno** – Ahh sim.

**Sílvia** – Achas que isso, com o facto das pessoas terem tantas relações online, se vai perder?

**Bruno** – Eu acho que não porque até, hoje em dia dá para exprimir bem por causa dos emojis e isso tudo, acho que é fácil também de...

**Sílvia** – Sim mas, se calhar, não é tão espontâneo...

**Bruno** – Sim, não é tanto mas agora... é mais fácil com os emojis e isso... antes era mais difícil... quando era por mensagens e era só texto, era diferente.

**Sílvia** – Nunca tiveste nenhuma situação de sentires, mesmo já há uns tempos, se calhar não tanto agora, quando jogavas nos jogos e... sentiste necessidade de ficar a jogar e isolares-te de alguma forma... e nunca conviveres tanto... não conviveres tanto com os teus amigos...

**Bruno** – Ahh ... um bocado... às vezes, às vezes quando estamos a meio de um jogo ou assim, estamos sempre com... com aquela coisa de ir sempre jogar para passar os níveis e tudo mais mas nunca abduco do tempo com os meus amigos para... para estar a jogar.

**Sílvia** – Ok, então achas que estas fases, que se eu falar de de... estas questões da Internet ser prejudicial para as relações dos jovens, achas que isso não é tão real, assim?

**Bruno** – Por um lado... depende do ponto de vista... por um lado pode ajudar nas relações porque é mais fácil às vezes para contactarmos amigos mas por outro tem sempre desvantagens por causa de... das pessoas se isolarem mais em casa a jogar e isso...

**Sílvia – E achas que é... por exemplo, nos Estados Unidos...**

**Bruno – Sim...**

**Sílvia - ... (que nós estamos sempre um bocadinho mais atrasados que eles...), ou seja, nós conseguimos ver o nosso futuro, quase, olhando para eles...**

**Bruno – Sim...**

**Sílvia - ... nos Estados Unidos achas que... fala-se muito das pessoas (lá está...) de estarem isoladas, de já não saberem conviver umas com as outras e preferirem até, muitas delas, ter companhia de pessoas artificiais, ou seja, de robôs e algumas coisas... mesmo existem já protótipos de robôs para cuidar dos idosos...**

**Bruno – Sim...**

**Sílvia - ... e essas situações todas... achas que isso também é o nosso futuro, achas que é uma coisa boa, achas que... porque claro nos Estados Unidos é tudo ao extremo...**

**Bruno – Sim...**

**Sílvia – nós aqui se calhar somos um bocadinho mais moderados... mas ouve-se falar tanta coisa que a internet...**

**Bruno – Sim eu acho que isso vai ser possível um dia acontecer... mas até acontecer acho que vai ser muito complicado chegar lá porque vai haver sempre alguém que não vai querer isso e então vai...**

**Sílvia – Vai sempre haver conflitos...**

**Bruno – Sim.**

**Sílvia – Ok... pronto... acho que é tudo, consegui, mais ou menos, perceber... o teu ponto de vista e isso é o que interessa... não estou à procura de nenhum comprovativo... obrigada por teres feito esta entrevista e por teres estado aqui com este calor...**

APÊNDICE 3 – SINOPSE COMPARATIVA DAS ENTREVISTAS COM O DANIEL, O CARLOS E O BRUNO

Apêndice 3: Sinopse Comparativa das entrevistas com o Duarte, o Carlos e o Bruno			
Categorias de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/Análise
<b>Idade e Escolaridade</b>	<b>Ano que frequentam e objetivos futuros</b>	<p>“ [...] Quinze [...] No décimo [...] Acabar o décimo segundo ano e depois ir para o ensino superior. [...] Gestão [...] ” (Carlos).</p> <p>“ [...] 16 anos [...] Passei para o 11º [...] Sim. Cozinha. [...] ” (Bruno).</p>	O objeto de estudo centrou-se em jovens com idades entre 15 e 18 anos.
<b>(Des)ligados</b>	<b>Online</b>	<p>“ [...] Todos os dias [...] Se eu não tivesse internet não conseguia estudar, porque tenho a plataforma dos apontamentos, se não tivesse acesso à plataforma não conseguia estudar. E também uso a internet como entretenimento. [...] ” (Daniel).</p> <p>“ [...] Diariamente. [...] Se for dias de escola três, quatro horas, se for nas férias, não sei, p’raí doze horas, se calhar. [...] Para falar com os amigos, com a namorada ou para jogar, mais nada, quer dizer e ver vídeos às vezes, mas é mais jogar e falar. [...] Só se for para ir ver os apontamentos que os stores mandam, senão nada mesmo, tipo pesquisas e isso não, não costume [...] ” (Carlos).</p> <p>“ [...] Não costume passar muitas horas seguidas, é... normalmente ando com o telemóvel no bolso e de vez em quando vou... vou usando para consultar a internet [...] basicamente só uso o telemóvel e o tablet [...] Só uso o computador quando é mesmo preciso para fazer trabalhos da escola ou algo do género [...] Uso as redes sociais... quase só [...] ” (Bruno).</p>	A diversidade na utilização da internet.
	<b>Offline</b>	<p>“ [...] Não me imagino a viver sem internet, mas imagino o mundo a viver sem internet ...não por muito tempo. [...] ” (Daniel).</p> <p>“ [...] Um dia, um dia inteiro era fácil [...] agora se me dissessem mis uma semana ou assim, era mais complicado, agora um dia inteiro não, aguenta-se bem um dia inteiro até [...] Mais complicado já, como se fosse uma dependência se calhar, mas era complicado [...] Como é que eu hei-de dizer (...) a internet é como [...] não é hobbie, mas é uma coisa frequente, porque se faz, quando não se tem nada para fazer vai-se à internet, é uma atividade tipo normal e é regular que eu faço, ou vou à internet, ou então [...] coisas que fazia antes, por exemplo jogar à bola, se não tenho internet faço isso, ou então durmo, não há muitas coisas para além da internet que eu faça agora. [...] ” (Carlos).</p> <p>“ [...] Acho que conseguia... acho que era normal... acho que não tinha problemas [...] ” (Bruno).</p>	Estar offline é fácil mas apenas se for por pouco tempo, com a exceção do Bruno.
<b>A escola e a família</b>	<b>Internet na Escola</b>	<p>[...] Em todas as turmas havia o grupo de Facebook da turma e toda a gente lá estava e postava coisas, mas na escola havia grupinhos sempre [...] ” (Daniel).</p> <p>“ [...] É raro [...] mas se calhar sim, às vezes sim, mas muitas poucas vezes mesmo [...] ” (Carlos).</p>	Estar na Escola e estar ligado à Internet é algo natural.

	<p><b>Família/ conflitos</b> <b>(Nativos e Imigrantes Digitais)</b></p>	<p>“ [...] Eu acho que os jovens é que não percebem os adultos porque antes de haver internet, havia... eu vou chamar o método analógico, pronto a maneira de viver, os jovens é que não percebem e ao não perceberem comportam-se de maneira diferente dos adultos e os adultos ao verem isso pensam que isso resulta das novas tecnologias... [...]” (Daniel).</p> <p>“ [...] É assim, posso passar algum tempo demais no computador, eles claro que não compreendem, posso fazer outras coisas sem estar no computador, mas [...] problemas tipo assim a sério não, claro que há sempre aqueles ralhetes e avisos para não estar tanto no computador, mas tipo problemas a sério, a sério acho que não, não tenho esses problemas assim.[...] Era diferente, eles tinham outra coisa, trabalhar, naquela altura trabalhava-se, não era como nós, que chegamos a casa temos computador e temos internet, temos tudo para fazer [...] tinham que trabalhar, ajudar os pais, hoje também se podia fazer isso, né? Podia se fazer igual, mas é diferente, não sei [...] Provavelmente eram mais felizes do que nós. [...] Não sei, provavelmente acho que deviam ser muito mais felizes do que nós, muito mais, muito mais, mas mesmo muito mais felizes do que nós mesmos, não havia internet divertiam-se. [...] Era com os amigos, eram amigos físicos, fisicamente, não havia cá computadores, não iam à internet, tinham outros passatempos, provavelmente eram muito mais felizes do que nós, eu acho. [...]” (Carlos).</p> <p>“ [...] Só uso... eu uso o telemóvel mas é moderadamente, não estou sempre a usar. É só quando preciso [...] eu acho que eles antigamente tinham... conviviam muito mais do que agora, porque agora as brincadeiras acabam por ser mais nos computadores, em casa e... antes não. Antes iam todos para a rua e isso... [...] Eu acho que era melhor [...] Porque... acho que assim conhece-se muito melhor as pessoas e criam-se muitos mais amigos se for assim do que se for por Internet [...]” (Bruno).</p>	<p>As convivências de geração para geração.</p>
	<p><b>Malefícios/Benefícios</b></p>	<p>“ [...] Sim.... A internet é extremamente útil, mas também está cheia de distrações [...] Conheço um xxx que andou uns tempos, o gajo andava sempre encavernado, acho que só saía no carnaval (risos) ... andou uns tempos encavernado e sempre no pc, mas não é uma pessoa estranha, é normal... [...]” (Daniel).</p> <p>“ [...] agora é muito mais rápido, vai-se à internet, já se sabe sempre tudo, o que se quer saber, sabe-se, vai-se à internet e sabe-se, não tem dificuldade.[...] tenho um colega da minha turma que não faz nada, férias, é acordar, computador, almoçar, computador e dormir [...] pronto é dependente, na escola, computador, dormir, não faz mais nada mesmo, não há praia, é computador férias inteiras, escola, computador, escola inteira, não há estudo, não há nada.[...] prejudicial, e vê-se nas notas que ele tem e isso.[...]” (Carlos).</p> <p>“ [...] Há sempre vantagens e desvantagens. [...] Os raptos e coisas do género... é sempre muito mais fácil de existir coisas desse género através da Internet. “[...]Por um lado... depende do ponto de vista... por um lado pode ajudar nas relações porque é mais fácil às vezes para contactarmos amigos mas por outro tem sempre desvantagens por causa de... das pessoas se isolarem mais em casa a jogar e isso...[...] Não sei, como nunca vivi isso não sei mas... acho que não seria tão... tão real, não conhecer e não ter a certeza se essa pessoa existe mesmo.[...]” (Bruno).</p>	<p>Estes jovens conhecem os riscos e os proveitos que podem retirar do uso da Internet.</p>
	<p><b>Relações interpessoais</b></p>	<p>“[...]Eu por exemplo jogo um jogo em que eu quase todos os dias falo com um francês e jogo com ele e nunca o vi e tratamo-nos bem...[...] Não, eu agora falei nos jogos, mas também há essas nas redes sociais, por exemplo, eu tenho muitos amigos que já não vejo desde a escola e só comunico com eles só no snapchat e pelo facebook, por exemplo.[...] Repara, posso falar com ele quase todos os dias, mas é um gajo que conheci na internet eu não o conheço, se ele morrer não me vai acontecer nada. A relação pela internet, não é uma relação muito íntima é quase o oposto de íntimo, é a relação mais superficial que pode haver, pelo menos assim pelo chat, estás a ver, e é assim</p>	

	<p>que eu falo com ele... se morrer amanhã não me acontece nada. Pronto não há aquela interdependência como eu tenho com um amigo de infância...[...] Ver uma pessoa on line não é a mesma coisa que estar na companhia de uma pessoa e esse valor transmite se para as relações e a maneira como as pessoas veem esse valor fazem com que elas façam esse julgamento que as relações on line são menos importantes e assim...[...]" <b>(Daniel)</b></p> <p>"[...]Conheço um colega meu da internet que joga comigo, um do Porto, um dos Açores e outro de Coimbra, que eu tenho tipo de contato mais ou menos frequente três [...]Só online, namoro se calhar não, mas tipo uma amizade bué forte conheço um colega meu até, próximo daqui, dão-se bem, falam tudo, mas não se conhecem, não sei, é estranho.[...] já se afastaram alguns amigos que não têm a mesma intenção de passar o mesmo tempo que eu passo na internet, preferem fazer outras coisas, que eu também preferia antes e que deixei de preferir por causa da internet e ficar muito apegado a isso, se calhar fui perdendo, não perdendo os amigos, mas perdendo as atividades que fazia com eles e deixei de fazer por causa da internet, por estar agarrado ao computador o dia inteiro, por exemplo eles iam para a praia e eu ficava no computador.[...] é estranho, não sei explicar, já refleti, mas [...] por acaso arrependo-me, mas [...] fisicamente tu conheces as pessoas, sabes os costumes, o que é que elas gostam, não gostam[...]quando conheces fisicamente sabes que é mesmo verdade, se for pela internet pode não ser assim tão veredito como eles dizem né? É diferente, fisicamente para mim é muito melhor, não tem nada a ver com uma relação começada na internet[...]como é que hei-de explicar, para essas pessoas internet é tipo um [...]como é que se diz [...] um ponto de encontro, como é que eu hei-de explicar, é como [...]não têm nada que fazer, estão isoladas, refugiam-se na internet, é isso, refugiam-se na internet [...]já que não conseguem encontrar amizade fisicamente, se calhar [...]não estão à vontade para estar a falar com pessoas fisicamente, ou têm algum problema ou assim, têm mais facilidade em falar na internet, dizer coisas que se calhar não dizem fisicamente e dizem na internet, que é mais fácil dizer na internet, do que dizer cara a cara a uma pessoa.[...]" <b>(Carlos)</b>.</p> <p>" [...] Não. As pessoas que eu falo por telemóvel são só as pessoas que eu conheço pessoalmente primeiro.[...] pessoalmente é sempre melhor só que às vezes dá mais jeito por... por... pelo telemóvel [...]" <b>(Bruno)</b>.</p>	<p>Jovens e juventudes</p>
<p><b>Perspetiva de si</b></p>	<p>"[...]Os adultos tentam dar muitos conselhos para os mais novos terem cuidado. Mas eu acho que os adultos é que estão muito menos preparados para isto... Para perceber se uma pessoa tem boas ou más intenções...[...] eu acho que nós, estou a falar dos jovens, sendo a primeira geração da era digital somos quase uma experiência, uma cobaia porque isto nunca aconteceu e é impossível saber como é que isto vai ser daqui para a frente nas novas tecnologias, prevê se um aumento explosivo. As pessoas que não lidaram a vida toda com tecnologias, não sabendo lidar com os jovens que tiveram a vida toda acompanhados de computador, acho que é isso que faz esse desentendimento e esse... estereótipo de uma pessoa que passa muito tempo ao computador é uma viciada...[...] para mim é tão válido como se estivéssemos cara a cara... [...]Pessoalmente não vejo a diferença entre falar atrás de um computador e falar cara a cara. A diferença é que as pessoas que não conseguem, tão facilmente, dizer cara a cara conseguem dizer no computador. Mas as pessoas que conseguem dizer cara a cara conseguem dizer no computador. E estas pessoas podem ser interpretadas como as que não conseguem dizer cara a cara...[...]" <b>(Daniel)</b>.</p> <p>"[...]Sim [...] Alguns até para demonstrar [...] Eu dantes era assim, também andava sempre com o telefone na mão [...] não via por onde é que andava, agora com aquele grupo de amigos, mesmo para almoço ninguém mexe no telemóvel.[...] Sim, sem dúvida, acompanham redes sociais, jogos e depois vamos chegar a esse patamar que vamos deixar isso para trás.[...]" <b>(Carlos)</b></p>	<p>Estes jovens percebem a distância entre gerações mas compreendem que o desconhecimento possa trazer desconfiança</p>